



Identidade e Cultura dos Povos Indígenas do Semiárido

ETNOECOLOGIA E SABERES DA TERRA

A relação dos povos indígenas do semiárido baiano com o bioma caatinga



Série Etnosaberes
1ª edição Impressa

Organizadoras

Edvalda Pereira Torres Lins Aroucha
Tayra Vieira Almeida de Oliveira
Jéssica Caroline Azevedo Araujo
Tatiane Araújo dos Santos



Organizadoras

Edvalda Pereira Torres Lins Aroucha
Tayra Vieira Almeida de Oliveira
Jéssica Caroline Azevedo Araujo
Tatiane Araújo dos Santos

ETNOECOLOGIA E SABERES DA TERRA

A relação dos povos indígenas do semiárido
baiano com o bioma caatinga

Série etnosaberes

1ª Edição Impressa



2024

Organizadoras

Edvalda Pereira Torres Lins Aroucha
Tayra Vieira Almeida de Oliveira
Jéssica Caroline Azevedo Araujo
Tatiane Araújo dos Santos

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10613282>

Equipe de Pesquisa e Produção - Autores

Produção coletiva de autores indígenas dos povos: Atikum, Fulni-ô, Jeripankó, Kaimbé, Kantaruré, Kariri-Xocó, Kiriri, Pankararé, Truká-Tupan, Tumbalalá, Tuxá, Tuxi e Xucuru-Kariri, na Ação Saberes Indígenas na Escola.

Capa

Camila de Souza Pereira Brandão

Diagramação e Digitação

Camila de Souza Pereira Brandão
Letícia Gomes Araújo da Silva

Revisão Final

Letícia Gomes Araújo da Silva
Camila de Souza Brandão

Conselho Editorial

Dr^a. Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar- Universidade do Estado do Pará- UEPA -
Dr. Edson Hely Silva – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Dr^a. Daniele Cristina de Oliveira Lima - Faculdade CESMAC DO SERTAO
Dr^a. Vanessa Carvalho de Nilo Bitu – Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Dr. Jacques Fernandes dos Santos - Instituto Federal de Alagoas - IFAL
Dr. Pedro Daniel dos Santos Souza - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura - UFBA - Mestrado e Doutorado
Dr^a. Edinéia Tavares Lopes – Universidade Federal de Sergipe – UFS
Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Federal de Sergipe - UFS

Conselho Editorial Indígena

Dr. Felipe Sotto Maior Cruz – Universidade Federal da Bahia - UFBA
Me. Elaine Patrícia de Sousa Oliveira Atikum - Universidade do Estado da Bahia - UNEB/OPARÁ
Me. Dorival Vieira Almeida Tuxá – Universidade do Estado da Bahia – UNEB/OPARÁ
Esp. Rosivânia Cruz de Araújo Tuxá - Universidade do Estado da Bahia - UNEB/OPARÁ

Comissão Científica

Dr. Vinicius Silva Santos - Universidade do Estado da Bahia - UNEB/OPARÁ
Dr^a. Wbaneide Martins de Andrade (PPGEcoH/UNEB)
Dr^a. Maria Cleonice de Sousa Vergne (PPGEAFIN/UNEB)
Dr^o. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB)
Dr^a. Eliane Maria de Souza Nogueira (PPGEcoH/UNEB)
Me. Anny Carneiro Santos - Universidade do Estado da Bahia – UNEB/OPARÁ
Me. Mônica Maria Lima Vieira Barbosa - Universidade do Estado da Bahia – UNEB/OPARÁ
Me. Lídia Barreto da Silva - Universidade do Estado da Bahia – UNEB/OPARÁ
Me. Geovane Duarte Borges – Universidade do Estado da Bahia – UNEB/OPARÁ

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Identidade e cultura dos povos indígenas do semiárido [livro eletrônico] : etnoecologia e saberes da Terra : a relação dos povos indígenas do semiárido baiano com o bioma caatinga / organizadoras Edvalda Pereira Torres Lins Aroucha...[et al.]. -- Paulo Afonso, BA : Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2024. -- (Série etnosaberes)
PDF

Outras organizadoras: Tayra Vieira Almeida de Oliveira, Jéssica Caroline Azevedo Araujo, Tatiane Araújo dos Santos.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5732-062-4

1. Etnobotânica 2. Etnoecologia 3. Povos indígenas - Conhecimento 4. Povos indígenas - Relações sociais 5. Regiões semiáridas - Brasil I. Aroucha, Edvalda Pereira Torres Lins. II. Oliveira, Tayra Vieira Almeida de. III. Araujo, Jéssica Caroline Azevedo. IV. Santos, Tatiane Araújo dos. V. Série.

24-191906

CDD-306.08998

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Brasil : Sociologia 306.08998

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

NOTA DA ORGANIZAÇÃO

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como opiniões, conceitos, bibliografias e autoria nele expressos. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do OPARÁ/UNEB a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, ou da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem autorização do OPARÁ: Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação e/ou dos autores.

Copyright (OPARÁ/UNEB)

OPARÁ: CENTRO DE PESQUISAS EM ETNICIDADES, MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO - UNEB
AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA - UNEB/IF SERTÃO PERNAMBUCANO

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Reitora

Adriana dos Santos Mármore Lima

Vice-Reitora

Dayse Lago de Miranda

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD

Pró-Reitora

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Pró-Reitoria de Ações Afirmativas - PROAF

Pró-Reitora

Dina Maria Rosário dos Santos

Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

Pró-Reitora

Rosane Meire Vieira de Jesus

Departamento de Educação - Paulo Afonso

Diretor

Vinícius Silva Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano

Reitora

Maria Leopoldina Veras Camelo

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Pró-Reitor

Vitor Prates Lorenzo

Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação
(OPARÁ-UNEB)

Coordenadora Geral

Floriza Maria Sena Fernandes

Vice-Coordenador

José Ivaldo de Brito Ferreira

Coordenador de Pesquisa

Kárpio Márcio de Siqueira

Ação Saberes Indígenas na Escola - Território Etnoeducacional YbyYara
Coordenadora Geral
Edivania Granja da Silva Oliveira
Coordenadora Adjunta
Floriza Maria Sena Fernandes

LAPRAXIS: Laboratório de Pesquisa e Produção de Material Didático - OPARÁ - UNEB
Tayra Vieira Almeida de Oliveira Tuxá
Jéssica Caroline Azevedo Araujo
Kárpio Márcio de Siqueira

Núcleo Territorial de Educação Indígena
Coordenadora Indígena do NTE 24
Tatiane Araújo dos Santos
Coordenador Indígena do NTE 17
Laércio de Andrade Kiriri
Coordenadora Indígena do NTE 17
Cirila Santos Gonçalves Kaimbé

Licenciatura Intercultural de Educação Escolar Indígena - LICEEI - UNEB
Coordenador
Eloy Lago Nascimento
Coordenador Adjunto
Dorival Vieira Almeida Tuxá

Licenciatura em Pedagogia Intercultural em Educação Escolar Indígena - UNEB
Coordenadora
Floriza Maria Sena Fernandes

Autores Indígenas

ADAILTA MENEZES CRUZ
ADENILSON DA SILVA OLIVEIRA
ADENILTON DE OLIVEIRA SANTOS JUNIOR
ADENILZA DOS SANTOS MACEDO
ADILSON DE JESUS REIS
ADRIANA ALVES DA SILVA
ADRIANA PANTA LEAO DOS SANTOS
ADRIANO DOS SANTOS DE SOUSA
ADRIANO RODRIGUES DA SILVA
AINAN MENEZES DA CONCEICAO MOREIRA
ALAN ARAUJO DA SILVA
ALAN XAVIER DO NASCIMENTO
ALCINDO FELICIANO DOS SANTOS
ALESON BATISTA DE ALMEIDA
ALESSANDRA OLIVEIRA DOS SANTOS
ALESSANDRO CONCEICAO SANTOS
ALEXANDRE SANTOS ALMEIDA
ALEXSSANDRA REIS DA CONCEICAO
ALINE FERREIRA DOS SANTOS
ANA CLARA DANTAS DE CARVALHO
ANA CLAUDIA TEIXEIRA DA SILVA
ANA MARIA GOMES MARINHEIRO DE LIMA
ANA PAULA DANTAS DOS SANTOS
ANALICE PEREIRA DOS REIS
ANDERSON DOS SANTOS OLIVEIRA
ANDREA DE SOUZA ANDRADE
ANDREIA QUINANE DOS SANTOS
ANGELA DA CRUZ BATISTA
ANGELICA DA SILVA
ANGELO DE OLIVEIRA FRANCA
ANNY CARNEIRO SANTOS
ANTONIA DE ASSIS DE OLIVEIRA
ANTONIO JOSE SATIRO DO NASCIMENTO FILHO
ANTONIO MACEDO DIAS
ANY SAMARA NUNES PERGENTINO
APARECIDO SILVA DA FRANCA
ATAILDE NASCIMENTO SOUZA
AUDENICE MARIA JOSE XAVIER
AURELINA FERNANDA DE ANDRADE MORAIS
BRUNA NEVES DE OLIVEIRA
BRUNO MOREIRA DA GAMA
CASSIA MARIA DE JESUS DOS SANTOS
CECILIA LOPES MARINHEIRO
CIRILA SANTOS GONCALVES
CLAUDEMIR JESUS DE ANDRADE
CLAUDENICE CLOTILDES DA SILVA SANTOS
CLAUDIANA FREIRES DE LIMA
CLAUDINETE NASCIMENTO DOS SANTOS
CLEA MARIA DE JESUS
CLEITON DE FREITAS ANDRADE
CLEITON DE JESUS SANTOS
CLESSIANA SOUZA DOS SANTOS
CRISTIANE GOMES DOS SANTOS
CRISTIANE MENEZES DE AGUIAR ARAUJO
CRISTINA MARCELINO DIAS
CRISTINA MENEZES CAPISTANO
DAILZA NASCIMENTO SOUZA
DAMARIS REGINA FACIOLLI
DANIELLA DA SILVA SANTOS
DANILO COELHO SILVA
DAVI DE JESUS
DAVIR NARCIZO PEREIRA
DEBORA MICHELE DE JESUS
DEMILSON DOS SANTOS
DENISE OLIVEIRA DE SOUZA
DERNIVAL DOS SANTOS
DIEGO BETENCORT DE JESUS
DORIVAL VIEIRA ALMEIDA
EDELMARA CRUZ SANTOS
EDENICE DE JESUS DA HORA
EDENICE DOS SANTOS BRITO
EDILENE BATISTA DE ALMEIDA
EDINEIDE BARROS DE OLIVEIRA SILVA
EDINEIDE SANTOS DA ANUNCIACAO
EDIVANIA BATISTA ALMEIDA
EDIVANIA DA SILVA
EDUARDO JESUS DOS SANTOS
EDVALDA PEREIRA TORRES LINS AROUCHA
ELAINE BATISTA ALMEIDA
ELAINE PATRICIA DE SOUSA OLIVEIRA
ELIANE DOS SANTOS SILVA ALMEIDA
ELIANE RODRIGUES DA SILVA
ELIANE SILVA DE MACEDO
ELISABETH CRUZ SANTOS LISBOA
ELISANGELA DOS SANTOS ARAUJO
ELIZANGELA BARBOSA DA SILVA
ELIZANGELA HILDA DOS SANTOS
ELIZETE FERREIRA DA SILVA

ELTON FABIO SANTOS VIEIRA
EMANUELA DOS SANTOS MARINHEIRO
ERIVANIA DE ANDRADE GOMES
EVANILSON JOSE XAVIER
EVARISTO WARLAN ALMEIDA MARCELINO
FABRICIO PAULO LEAO DE SOUZA
FERNANDO SOUZA BATISTA
GABRIELA GOMES CAPISTANA
GEANE DE JESUS SOUZA
GEISIANE OLIVEIRA LOPES
GENICELIA CRUZ APRIGIO DE ARAUJO
GENICLEIA SANTOS APRIGIO GOMES
GENY DA SILVA SANTOS DE MAGALHAES
GEORGE DE OLIVEIRA SANTOS
GEOVANIA XAVIER DE OLIVEIRA
GILBERTO DE JESUS
GILVANIA DOS SANTOS MENDES
GISLAINE FONSECA REZENDE
GISLANE DA CONCEICAO FEITOZA BARBOSA
GLAUCIA ALVES FERREIRA
GLAUCIENE DE OLIVEIRA SANTOS
GUILHERME GONCALVES DOS SANTOS
GUSTAVO SANTIAGO DOS SANTOS
IARA OLIVEIRA CAMPOS SILVA
IDALGIZA TEREZA DE ANDRADE
INACIO FERREIRA DOS SANTOS
INDINA DE JESUS SANTOS
IOLANDA ALVES DA SILVA OLIVEIRA
IRINEIDE MARCIANA DOS SANTOS
ITAMARA CONCEICAO DE SOUZA
IVANETE JESUINA DA CRUZ
IVANIA MARIA CONCEICAO LEAO
IVANILDE CRUZ SILVA
IVANILDE DE JESUS
IVANY PANTA DA HORA
JACIARA OLIVEIRA DE CARVALHO SANTOS
JACILENE DE JESUS SANTANA
JACIONARA DE OLIVEIRA SANTOS
JACKELINE SANTOS DA CONCEICAO
JACKSON BATISTA ALMEIDA
JANAYSE TATIANE SANTOS APRIGIO
JANDAIR RIBEIRO DE OLIVEIRA
JANILSON MEDEIROS DA SILVA
JANINE ARAUJO FIGUEREDO
JANINE OLIVEIRA URSULINO VIEIRA
JANIO DA SILVA ROSA

JANY CLEIA DA SILVA SANTOS
JASSIARA DA SILVA OLIVEIRA
JEANE SILVA OLIVEIRA DE SA
JEANE THAYS SILVA OLIVEIRA
JENILZA DIAS
JEOVAN DE JESUS SOUZA
JEOVANIA GINALVA DE SÁ
JESSICA CAROLINE AZEVEDO ARAUJO
JESSICA LUIZA PEREIRA MEDEIROS MELO
JHONAS DE SOUZA ANDRADE
JIVANEIDE FEITOZA
JOANY KELLY ANDRADE SANTOS
JOAO DA CRUZ GOMES
JOAO EUDES DOS SANTOS
JOAO MOREIRA GONCALVES
JOCENILDA DA ANUNCIAÇÃO SANTOS
SANTANA
JOHNSON SOUZA DOS SANTOS
JONAS DE SOUZA PANTA
JONHE SANTOS DE JESUS
JORDANA TAINAN DA SILVA SOUZA
JOSCILENE FRANCA REIS
JOSE ANTONIO MATOS GAMA
JOSE DE JESUS
JOSE DOMINGOS SANTOS SOUZA
JOSE IVANILTON PANTA LEAO DOS SANTOS
JOSE JESUS TEODORO
JOSE LEANDRO DA SILVA
JOSE LUIS CRUZ SANTOS
JOSE SOUZA DA SILVA
JOSELIA XAVIER DE OLIVEIRA
JOSENILDA SANTANA DOS SANTOS
JOSIANE COELHO SOARES
JOSINEIDE SOUZA DOS SANTOS
JOSIVANIA SOUZA DOS SANTOS
JOSUE JESUS DOS REIS
JOVANIO SOUZA DOS SANTOS
JOVENICE CRUZ SANTOS DE MATOS
JOZIANE DANTAS DA SILVA
JOZILENE ANDRADE DE SOUZA
JUCIANA DIONATA BARBALHO
JUCIARA GOMES DE AGUIAR LIMA
JULIANO FERREIRA DE CARVALHO
KARINA DIAS DOS SANTOS
KARINA SOUZA DE ALMEIDA
KARIVALDO BITENCOURT SILVA

KARIZA SOUZA DE ALMEIDA
KAYREN KIUCA SANTOS DE JESUS
KEILANE DE JESUS MELO
KEZY BITENCOURT CAMPOS DA SILVA
LAECIO DE ANDRADE
LARISSA LOPES BEZERRA
LARISSA RAJARA FERREIRA CRUZ
LEANDRO SANTOS RIBEIRO
LEIDIZU RODRIGUES BARROS
LENILDA NASCIMENTO SOUZA
LEONAN GERMANO SILVA
LEONARDO DIEGO LINS
LIDIA LOPES DE OLIVEIRA
LOURIVALDO CRUZ DA SILVA
LOUZIANE BARBOSA BITENCOURT
LUANA SANTANA DOS SANTOS
LUCAS DE JESUS SOUZA
LUCIA DANTAS DE OLIVEIRA
LUCIA MARIA DE JESUS DOS SANTOS
LUCIANA MENEZES DE AGUIAR BARBALHO
LUCICLEIA GOMES DE JESUS
LUCIENE BEATRIZ JESUS DA SILVA OLIVEIRA
LUCIENE MARIA DA CONCEICAO
LUCIENE SILVA NASCIMENTO
LUCILENE SANTOS SILVA
LUCIMAR GONCALVES DIAS DOS SANTOS
LUIS ANTONIO SILVA DE ARAUJO
LUZINEA ADELINA DOS SANTOS MENEZES
MAGDA RAFAELA DO NASCIMENTO
MAIANE JESUS DOS SANTOS
MAIARA JESUS DOS SANTOS
MAIARA SATIRO ARAUJO
MAICON SANTOS DE JESUS
MAIR SATIRO DO NASCIMENTO SILVA
MAIRA SATIRO DO NASCIMENTO
MANOEL CRISTOVAM BATISTA
MARCELO OLIVEIRA DA CONCEICAO
MARCIA ALVES DA SILVA OLIVEIRA
MARCIA MARIA MARTINS
MARCILENE DA SILVA
MARIA ADALJIZA XAVIER SANTOS
MARIA ADERLANGE JESUS DOS SANTOS
MARIA ANA LUCIA SILVA
MARIA APARECIDA CONCEICAO DE LIMA

MARIA APARECIDA DOS SANTOS XAVIER
MARIA AUGUSTA FERREIRA DOS SANTOS
MARIA BETIANE DA SILVA
MARIA CICERA DE SOUZA
MARIA CLEONICE CONCEICAO LEAO
MARIA DA CONCEICAO DE JESUS SANTOS
MARIA DAIANE DOS SANTOS CARDOSO
MARIA DE FATIMA FERREIRA DE CARVALHO
MARIA DE FATIMA SANTOS DA SILVA
MARIA DE LOURDES GOMES BEZERRA
MARIA DILZA DA HORA FRANCA
MARIA DO CARMO SILVA DA CRUZ
MARIA DO CARMO SOUZA SANTOS
MARIA DO SOCORRO SOUZA SANTOS
MARIA DOMINGAS DE JESUS
MARIA EDILMARA DE JESUS CONCEICAO
MARIA ELENA GOMES DE SANTANA
MARIA ELIENE CAPISTANA GOMES
MARIA ELZA SANTOS SOUZA
MARIA HELENA PADILHA DA SILVA
MARIA IVANILDES DOS SANTOS NASCIMENTO
MARIA JOSE DOS SANTOS COSTA
MARIA JOSE RIBEIRO DO NASCIMENTO
MARIA JOSE SONIA BARBALHO
MARIA LEIDIANE MARINHEIRO DA SILVA
MARIA LUANA SANTOS SILVA
MARIA LUCINEA DOS SANTOS NASCIMENTO
MARIA SANTOS BARBOSA CORREIA
MARIA VIVIANE PRIMO DOS REIS BITENCOURT
MARIANA CABRAL PIRES
MARILIA DOS SANTOS SANTANA
MATILDE LOPES DE OLIVEIRA
MAYRA CRUZ DE ARAUJO
MICHELE RAYARA SOUZA SILVA
MICHELLE OLIVEIRA BOMFIM
MILTON DE ANDRADE
MOUZA SANTOS DE OLIVEIRA
NAILZA JESUS DE OLIVEIRA
NAIR MARIA GONZAGA
NEILDE ANTONIA DE SOUZA SILVA
NILTON FRANCO DE SOUZA
NILZETE ISAUARA DE SOUZA
NOEL FERREIRA DE JESUS
OTAVIO VIEIRA DE ALMEIDA

OZENIR BATISTA BITENCOURT
PATRICIA SANTOS DE SOUSA
PAULA BATISTA DE ALMEIDA
PAULO HENRIQUE GONCALVES DOS SANTOS
POLIANA APARECIDA XAVIER CARVALHO
POLIANA GAMA SILVA CABRAL
POLLIANA SOCORRO CAMPOS
RAFAEL CRUZ DA SILVA
RAFAEL JOAO CAMPOS
RAFAELA CAPISTANA GOMES
RAQUEL OLIVEIRA DE MOURA
REGINA MENEZES DE AGUIAR BARBALHO
ROBSON CARLOS DA SILVA SANTOS
ROBSON GOMES DOS SANTOS
ROBSON MATOS
RODOLFO EDIVAN MOREIRA
ROSA MARIA CONCEICAO DA SILVA
ROSANA COELHO SOARES
ROSANA GOMES DOS SANTOS
ROSEANE DIONIZIA DOS SANTOS
ROSELI PEREIRA DA COSTA RIBEIRO
ROSENERE DA SILVA SANTOS
ROSIANE ANDRADE DOS SANTOS
ROSIANE FERREIRA DIAS
ROSICLEA BARROS DE OLIVEIRA
ROSILENE CRUZ DE ARAUJO
ROSILENE DE SOUZA SANTOS
ROSINEIDE ARAUJO DA CONCEICAO
ROSINEIDE SOUZA DA SILVA
ROSIVANIA DE ARAUJO ALMEIDA
ROZIANE MARIA MARTINS
ROZILENE SILVA SÁ
SAMARITANA DA SILVA OLIVEIRA
SAMUEL ARISTIDES DOS SANTOS
SANDRA CAROLINE DOS SANTOS
SHEILA GOMES ARAUJO
SIDINEI JESUS DANTAS DE ANDRADE
SILVANA JESUS SANTOS
SILVANI GOMES DA COSTA
SILVINHA CONCEICAO DE ANDRADE
SIMONE LUCIA PANTA DA HORA
SINEIDE XAVIER CONCEICAO
SOLANGE JESUS SANTOS
SOLANGE MARINALVA DE JESUS
SOLANGE SANTANA DOS SANTOS

SONIA GOMES DE SANTANA
SUZANA COSTA FEITOZA
TAINA SILVA COELHO
TAIS MARIA XAVIER
TAISLANE OLIVEIRA DE JESUS
TAIZE DE VASCONCELOS SOUZA
TAMIRES APARECIDA XAVIER MARTINS
TAMIRES JESUS BATISTA
TARIANA VIEIRA ALMEIDA
TATIANE ARAUJO DOS SANTOS
TATIANE SANTOS DA SILVA
TAYRA VIEIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA
TELMA ARAUJO CRUZ
TELMA CRUZ COSTA
TEREZA OLIVEIRA DA SILVA
TEREZINHA LOPES DE OLIVEIRA
THAYONARA OLIVEIRA DA CONCEICAO
THIAGO DOS SANTOS
TUANE SUELY DE SANTANA
UELSON SANTANA BRAZ
VAILSA SANTANA DE ANDRADE
VALFRANIO BATISTA DE ALMEIDA
VANUZIA ERIDAN DO NASCIMENTO COELHO
VESVANIA EDEZIA SILVA SANTOS
VILMA DANTAS DOS SANTOS
VIVIANE ARAUJO SOUZA
WEDSON RAMON DOS SANTOS CARDOSO
WILSON JESUS DOS SANTOS
WINARA SATIRO DO NASCIMENTO SILVA
YNAIARA FERREIRA DOS SANTOS
ZACARIAS JESUS DOS SANTOS

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

ETNOCONSERVAÇÃO — Enfoques alternativos de matérias primas para produção de artesanatos indígenas

Conhecimentos, Práticas Tradicionais e a Etnoconservação na Produção de Artesanatos da aldeia Tuxi	16
Caroá.....	19
Imagens de Artesanatos Feitos com Caroá na Aldeia Tuxi.....	22
Umburana de Cambão.....	24
Fotos de Artesanatos construídos com a Umburana na Aldeia Tuxi.....	25
O Artesanato Indígena na Visão do Povo Tuxi.....	27
Relato sobre o Caroá.....	27
A Natureza e a Produção de Artesanatos Indígenas Kiriri	31
A Matéria Prima para produção de Artesanato Indígena Kiriri.....	32
Natureza Saúde Indígena: cura e saberes tradicionais da Etnia Kiriri.....	33
A Cerâmica Indígena Kiriri do Alto da Jurema.....	34
O Significado do Artesanato para o Povo Indígena Kiriri.....	36
A Árvore Kiri.....	38
O Povo Pankararé Ponta D'água e cuidados com a Natureza	39
Aspectos Gerais da História e Geografia do Brejo do Burgo.....	42
Território, Ciência e Tradição Tuxá Banzaê	55
Cultura Agrícola Tuxá Banzaê.....	55
A Medicina Tradicional Do Povo Tuxá Banzaê.....	58
Artesanato E Inspiração Tuxá Banzaê.....	59
Pinturas E Inspiração Tuxá Banzaê.....	60
Toantes Tuxá Banzaê E Os Seus Encantados.....	62
A Loca Encantada Do Alto Da Jurema.....	64

CAPÍTULO 2

CULTURA E CULTIVO — Manejo, Produção Agrícola e Plantios

O Sistema de produção agrícola tradicional do Povo Kantaruré.....	66
Manejo, produção agrícola e plantios agroflorestais no Território Kiriri.....	75
Povo Kiriri.....	75
Terra e Território Kiriri.....	76
Os Plantios Agroflorestais.....	77
Manejo e Produção Agrícola.....	78
O Cultivo Agrícola e as Práticas de subsistência do Povo Kaimbé.....	97
Produtos agrícolas cultivados na Comunidade Kaimbé.....	99
O Solo do Território Kaimbé.....	101
Preparo da Terra para o plantio.....	102
A Colheita.....	105
Calendário Agrícola.....	108
Cordel Agrícola Kaimbé: Os meses e seus cultivos.....	109
Cordel: Minha Aldeia É Assim.....	110
O Manejo Agrícola nas Comunidades Indígenas do Oeste Baiano.....	112
Agricultura na Aldeia Tuxá Kionahá de Muquém do São Francisco.....	114
Agricultura Atikum Cotegipe-BA.....	115
Agricultura na Aldeia Tuxá de Ibotirama.....	117
Agricultura Potiguará.....	121
As Coisas da Minha Aldeia.....	124

CAPÍTULO 3

ÁGUAS DA RESISTÊNCIA — Manejo dos recursos aquáticos e os saberes indígenas

Tumbalalá: das matas para as águas, um caminho de resistência.....	126
A Pescaria como fonte de sustento das famílias Tumbalalá.....	127
As plantas curativas das águas Tumbalalá.....	129
O manejo das águas do São Francisco na agricultura Tumbalalá.....	131
As Travessias.....	132
Projetos Governamentais Impactantes ao nosso Opará e em nossas vivências.....	133
As Ciências das águas do Povo Tumbalalá.....	136
Uma relação de amor e respeito com o nosso Opará.....	137

CAPÍTULO 4

SABERES SUSTENTÁVEIS — Manejo dos recursos florestais, florísticos e criação de animais silvestres nos territórios indígenas

Kiriri de Canta Galo e sua relação com a Terra e o Meio Natural	139
A Biodiversidade do Povo Kiriri Canta Galo.....	141
A Ecologia e Saberes Kiriri.....	145
A Relação do Povo Kiriri de Canta Galo com o Crauá.....	148
Conto “O Carneiro Bicho”.....	154
Conto “O Caçar Encantado”.....	155
Criação da Cotia no Território Pankararé	156

CAPÍTULO 5

ETNOBOTÂNICA — Natureza, Cura e Saberes indígenas

Povo Tumbalalá e as Plantas Medicinais: relação de respeito, ancestralidade, fé e cura	165
As Mezinhas também curam!.....	165
Conversando com Dona Maria do Socorro Marinheiro – Tumbalalá.....	167
Conversando com Dona Eloisa - Tumbalalá.....	168
Plantas Medicinais: Oração e Fé.....	169
Banho de assento.....	171
Texto Complementar.....	173
Memórias Tumbalalá.....	174
Medicina Tradicional do Povo Truká-Tupan de Paulo Afonso – BA	176
A Origem das árvores no território Truká-Tupan.....	181
Medicina Tradicional do Povo Xucuru Kariri de Glória-BA.....	184
Cordel Xucuru Kariri.....	193
O poder da cura através das Plantas Medicinais do Povo Tuxá: Luta, preservação e resistência	194
Ritual do preparo da cura.....	197
Plantas Medicinais utilizadas para remédios e ritualidade.....	201
Saberes compartilhados.....	203
Conto: A Origem Da Jurema	207
Poema: Plantas Sagradas	210
GLOSSÁRIO	211
REFERÊNCIAS	217

A wooden mask with a feathered headdress, set against a background of wooden planks. The mask is dark brown with a white feathered headdress. The background is a light-colored wooden wall with horizontal planks.

ETNOECOLOGIA E SABERES DA TERRA

A relação dos povos indígenas do semiárido
baiano e o bioma caatinga

Capítulo 1

ETNOCONSERVAÇÃO

Enfoques alternativos de matérias primas
para produção de artesanatos indígenas

A luta para resgatar todo o seu legado histórico-cultural vem acontecendo visando sempre o trabalho coletivo em prol a todos aqueles que herdaram o sangue dos nossos antepassados, são inúmeras as batalhas que estão sendo travadas; uma delas é a luta pela demarcação do nosso território que, sem dúvidas, é o maior desejo enquanto comunidade indígena. Para nós, ele possui um grande valor simbólico uma vez que foi habitado pelos nossos antepassados que juntos construíram toda história de luta e tradição, além de almejar essa tão importante conquista, lutamos por melhoria através das políticas públicas para as nossas comunidades.

Dessa maneira, entendemos que precisamos lutar para existir em uma sociedade que cada dia que passa vem negando os nossos direitos; direitos esses que são assegurados e direcionados a nós com o mínimo de reparo por tudo àquilo que já nos aconteceu no passado. Todavia, nesse texto iremos dialogar sobre o uso da Etnoconservação e a produção de artesanatos indígenas no nosso território. Mas o que é Etnoconservação para nós povo indígena Tuxi?

Sabemos que a Etnoconservação está ligada ao meio ambiente, povo e território. Conservar os elementos da nossa biodiversidade entendendo que é preciso conservar tudo aquilo que temos. Por isso nós professores da Ação Saberes Indígenas na Escola, estamos desenvolvendo um trabalho sobre o Caroá e a Umburana, plantas nativas da Caatinga que trazem grandes benefícios para a comunidade Tuxi.

No Território Tuxi existem vários lugares em que podemos encontrar plantas do Caroá, porém com a falta da chuva percebemos que muitas morreram. Por esse motivo, mais do que nunca é necessário criarmos métodos de conservação para essa importante planta.

A Umburana por sua vez é uma planta que tem a madeira mole. Por isso é bem fácil de ser manuseada para a produção do nosso artesanato, ela também foi usada pelos nossos antepassados para a produção de diversos artesanatos e ainda hoje mantemos a sua produção.

Portanto, precisamos pensar em formas de um uso alternativo consciente dessas importantes plantas, tendo em vista que o uso alternativo traz consigo a ideia da preservação, pois, a maioria dos artesanatos produzidos com a Umburana são reutilizados de matérias secas que ao longo do tempo são encontradas na Caatinga. Quando é usada a matéria em estado conservatório, é indicado que se faça o manejo adequado, que é utilizar parte da planta evitando a sua derrubada por inteiro, visando sempre à preservação da mesma para poder construir laços de harmonia com a natureza.

Figura 2 - Planta Caroá.



Fonte 2: Acervo do Cacique Alcindo Feliciano.

CAROÁ

A planta Caroá que tem o nome científico “*Neoglasiovia variegat*”, chamada por nós de “Croá”, é uma planta predominante do nosso bioma Caatinga. Ela nasce através de sementes que são espalhadas pelos pássaros e se reproduz através das raízes que se multiplicam ao seu redor.

O Caroá possui folhas listradas com espinhos e floração avermelhada, é uma planta resistente ao período de estiagens, pois a mesma guarda água para tais períodos. Do Caroá é utilizada sua fibra e é importante lembrar que a melhor época para a utilização dessa planta é em períodos chuvosos, visto que fica no seu ponto ideal para ser trabalhada; por essa razão ela só é utilizada pelo nosso povo em período de chuva, em tempos de estiagens dificulta o processo de retirada da sua fibra, já que não possui excesso de água.

Dessa forma, consideramos uma boa fibra de Caroá aquela que mede entorno de 1,60 de altura. Logo, o processo da sua utilização segue algumas etapas como: fazer a retirada dele na Caatinga; escolher as folhas que serão utilizadas; retirar os espinhos das suas folhas; retirar a sua fibra (que por sua vez está entrelaçada junto com a folha); separar as fitas fazendo mói; molhá-las; bater os mói em cima de um tronco de madeira até ficar uma palha bem fina; e por fim, colocá-lo ao sol para secar. Só assim ele estará pronto para ser manuseado de acordo com a produção do artesanato desejado.

Figura 3 - Desenho representando o Cacique Alcindo retirando Caroá.



Fonte 3: Desenho de Jaciara Tuxi.

Por muitos anos o Caroá foi utilizado por nossos antepassados como matéria que serve para inúmeras produções como: a corda, rede, bolsas, brincos, pulseiras, tiara, borná, esteira, etc. Sem falar que é do Caroá que fazemos os nossos adereços indígenas como a cataioba, pujá, cocar e o bustiê que juntos compõem a nossa forte cultura.

Atualmente o Caroá é usado como uma forma cultural e de renda na nossa aldeia. Devido o repasse do conhecimento das artes dos nossos antepassados contamos com vários artesões e artesãs na comunidade que produzem o artesanato a partir da sua fibra e é comercializado na própria aldeia como forma de subsistência. Podemos afirmar que essa planta tem um valor simbólico cultural muito grande em nosso território e que devemos conservá-la, entendendo que cada geração precisa conhecer sua importância e significado para o nosso povo.

Espia!

A produção do artesanato é vista como uma forma de terapia ocupacional.



arte:julia Tuxá

Figura 4 - Pujá Masculino.



Fonte 4: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 5 - Cocar Feminino



Fonte 5: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 6 - Cataioba.



Fonte 6: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 7 - Bustiê.



Fonte 7: Acervo Jaciara Tuxi.

IMAGENS DE ARTESANATOS FEITOS COM CAROÁ NA ALDEIA TUXI

Figura 8 - Corda produzida através do Caroá. Figura 9 - Arte decorativa em caneta.



Fonte 8: Acervo de Jaciara Tuxi.



Fonte 9: Acervo de Jaciara Tuxi

Figura 10 – Brincos de búzio e caroá.



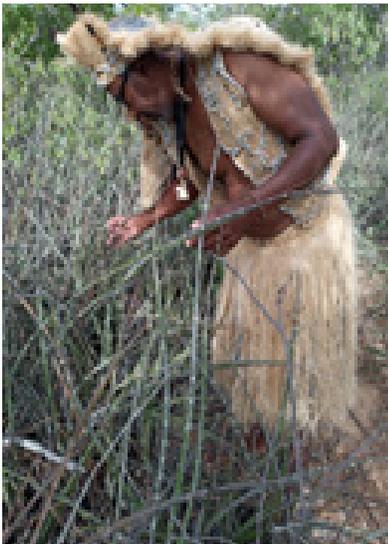
Fonte 10: Acervo da Artesã Rita Maria Tuxi.

Figura 12 – Brincos de coco e caroá.



Fonte 12: Acervo da Artesã Rita Maria Tuxi.

Figura 11 - Adereços Masculinos



Fonte 11: Acervo do Cacique Alcindo Tuxi.

Figura 13 - Porta caneta para bancada/ mesa de escritório.



Fonte 13: Acervo de Alessandro Tuxi.

UMBURANA DE CAMBÃO

A Umburana, que tem o nome científico “*Commiphora leptophloeos*”, é chamada por nós na aldeia de Umburana de Cambão. Chamamos por esse nome por que ela é utilizada na fabricação do cambão, peça usada para abrandar animais bravos e evitar que os mesmos pulem as cercas. A Umburana nasce através das sementes que são levadas por pássaros, pois as sementes são o alimento deles. É uma planta que leva vários anos para se tornar uma planta adulta, na sua fase adulta ela chega a atingir entre 5 a 8 metros de altura, possui copa irregular, ramos tortuosos, e seu caule pode chegar até 70 cm de diâmetro, sua casca passa por vários estados de mudanças indicando seus estágios de maturidade, como por exemplo, casca lisa, fina, laranja-acinzentada e lustrosa, que se desprende deixando exposta uma casca de coloração verde. No entanto, quando existe uma tendência de seca, tendem a morrer.

A madeira da Umburana tem um período específico para ser utilizada, o período de lua crescente, essa ciência é utilizada desde os nossos mais velhos, os mesmos relatam que quando se retira a madeira na lua crescente ela tem durabilidade por muitos anos. Segundo estudos, isso acontece porque há menos fluxo de seiva para os galhos, fazendo com que a madeira seque melhor.

A Umburana por ter sua madeira mole é fácil de ser manuseada para a produção do nosso artesanato; uma planta fácil de ser encontrada no nosso território, usada pelos nossos antepassados para a produção de diversos artesanatos e ainda hoje mantemos essa produção. Os artesanatos produzidos através da matéria prima da Umburana são utilizados como forma de renda familiar e também como uma terapia ocupacional. Através da matéria da Umburana são desenvolvidos os seguintes artesanatos: brincos, pulseiras, colares, chaveiros, conchas decorativas, cochos para animais, gamelas, formas para queijo de coalho, porta chaves, porta conchas e arte pirografadas, porta, janelas e banco. Para nós, povo Tuxi, ter esse legado cultural nos enche de muito orgulho, agradecemos muito a Deus e aos nossos antepassados que nos proporcionaram poder manter viva a nossa cultura.

Figura 14 - Desenhos representando a Umburana em dois estados: com e sem as folhas.



Fonte 14: Desenho de Jaciara Tuxi

Espia!

O Ministério do Meio Ambiente priorizou a Umburana de Cambão entre as quatro plantas do Brasil que precisam ter um plano de manejo para o uso da sua espécie.



arte: Juliana

FOTOS DE ARTESANATOS CONSTRUÍDOS COM A UMBURANA NA ALDEIA TUXI

Figura 15 - Cocho. Serve para dar de bebe ou alimentar animais.



Fonte 15: Acervo de Claudinete Tuxi.

Figura 16 - Colheres de pau (enfeites decorativos)



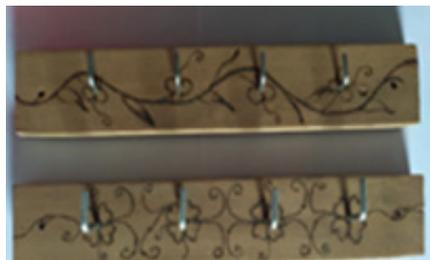
Fonte 16: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 17 - Brincos círculo, feito com Umburana e enfeitado com caroá.



Fonte 17: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 18 - Porta utensílios Exemplos: Chaves, pano de prato, concha, toalha.



Fonte 18: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 19 - Tiara Produzida com Umburana.



Fonte 19: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 20 - Quadro decorativo pirografado.



Fonte 20: Acervo da Jaciara Tuxi.

Figura 21 - Chaveiros.



Fonte 21: Acervo de Jaciara Tuxi.

Figura 22 - Forma de fazer queijo caseiro.



Fonte 22: Acervo de Alessandro Tuxi.

O ARTESANATO INDÍGENA NA VISÃO DO POVO TUXI

O povo indígena Tuxi vê o artesanato não somente como uma forma de renda porque para nós ele tem um grande valor, ele representa a cultura do nosso povo e reforça a nossa identidade enquanto povo indígena. Dessa maneira, é preciso que tenhamos uma ideia diferenciada, pois a sociedade impõe a cada dia que devemos olhar com uma visão capitalista que visa apenas o lucro financeiro, esquecendo que foi deixado para nós um legado que deve ser passado de geração para geração.

Segundo os mais velhos da nossa Aldeia, o artesanato feito a partir do Caroá e da Umburana atravessou várias gerações sofrendo mudanças impostas pela sociedade, mas que resistiu até os dias de hoje. Com esses artesanatos muitas famílias puderam gerar seu próprio sustento bem como utilizá-los no dia a dia.

**conheça um
pouco mais**



arte:/julia tuxá

TEXTO COMPLEMENTAR - RELATO SOBRE O CAROÁ

Segundo Bento Gomes o Caroá foi sem dúvidas uma fonte de renda para ele e sua família, no seu relato ele conta que desde jovem foi incentivado por seus familiares a trabalhar com o Caroá. Ele conta que se deslocavam para o mato para fazer a retirada da planta que usavam para fazer cordas; essas cordas tanto eram usadas para uso próprio como para serem vendidas na feira.

Ele continua dizendo que o Caroá também era comercializado através da sua fita tanto para a fabricação de artesanatos como para entrançar cebolas, pois não havia sacos para ensacar as mesmas; outra forma do uso do Caroá era na construção de moradias de taipas para amarrar as varas. Essa

prática dura até os dias de hoje para aquelas famílias que mantêm a tradição.

Na sua fala ele também relata que antigamente muitas famílias cultivavam o Caroá que existia com abundância e hoje quando ele vai ao mato, percebe que morreram muitos Caroás, tanto pela falta de chuva, quanto como foram destruídos pelos porcos. De acordo com ele, os porcos arrancam suas raízes para comer e assim acabam matando bastantes Caroás.

Seu Bento continua relatando que ainda hoje com 81 anos permanece fazendo a retirada do Caroá, onde vende o mesmo para as pessoas da comunidade. Na sua fala ele diz que em seu tempo de trabalho com a planta, apenas sabia fazer cordas e nada mais, e que o resgate da Aldeia Tuxi em 2011 lhe proporcionou aprender a construir a Cataioba, que é um dos adereços do povo Tuxi.

(Depoimento de Bento Gomes de Santana coletado por Alessandro Tuxi)

Figura 23 - Aldeia Tuxi.



Fonte 23: Desenho de Jaciara Tuxi.

A caatinga para nos povo Tuxi
É arte e inspiração
É uma grande riqueza possui muita beleza
Como o Caroá e a Umburana de Cambão.

A arte é um dom e não precisa questionar
Faça esforço e puxe por ela
Que Deus vai te ajudar
Falo isso por conhecer nossos indígenas e trabalhado com Caroá.

A caatinga é nossa mãe dela tiramos o sustento
Fazemos dela arte e viajamos no pensamento
A caatinga é arte e também inspiração
Dela mantemos a nossa cultura que vem de outra geração.

Por isso digo sem medo que é preciso conservar
Por que se as nossas plantas morrerem não tem arte para criar.
Vamos repassar a mensagem que é preciso conservação
Vamos pensar no agora e nas futuras gerações.

Por isso digo sem medo que é preciso conservar
Por que se as nossas plantas morrerem não tem arte para criar.
Vamos repassar a mensagem que é preciso conservação
Vamos pensar no agora e nas futuras gerações.

Iremos lutar com força e determinação
Conservar o que é nosso, essa é a nossa missão
Conservar a Umburana e o Caroá
E tudo o que eu acabei de falar é Etnoconservação.

Autor: Alessandro Tuxi.

A NATUREZA E A PRODUÇÃO DE ARTESANATOS INDÍGENAS KIRIRI



Fotos: Dernalval Kiriri.

O Povo Kiriri está situado no município de Banzaê no estado da Bahia, na microrregião semiárido nordeste II, somos aproximadamente 4.000 indígenas subdivididos em comunidade/aldeia, o território Kiriri está localizado aproximadamente a 300 quilômetros da capital Salvador. O povo Kiriri é originário desta região desde dos séculos passados e ocupavam uma vasta região desde o baixo médio do São Francisco ao Itapicuru. Vivemos em um território com característica predominante de relevos com serras, planícies, planaltos e chapadas, nosso clima é semiárido com precipitação média anual de chuva de 700 a 800 mm, uma vegetação de predominante de Caatinga e solos que variam entre argiloso, arenoso e pedregoso.

A partir de todas essas variações do bioma Caatinga, o povo Kiriri aprendeu a viver em território com climas diversificados, assim como a biodiversidade existente em cada localidade dentro do território. Entretanto, a diversidade de animais, plantas nativas e medicinais, e matérias primas é utilizada para confecção de artesanatos, oferecendo grandes potencialidades e riquezas naturais, tendo como observar o modo de vida de subsistência, vivendo e se alimentado dentro desse bioma sem precisar agredilo e sim preservando-o, para utilizar e usufruir da melhor forma as suas riquezas, seja na flora, fauna e no clima.

Além da oferta de alimentos, o bioma Caatinga permite que a identidade do povo Kiriri permaneça sempre viva na sua prática cultural, pois nesse bioma é encontrada a medicina indígena, como também a ciência cultural do povo indígena Kiriri. Desta forma, vivemos uma relação harmoniosa com a natureza e o ecossistema, tratando-o como um bem material e imaterial de nosso povo indígena Kiriri.



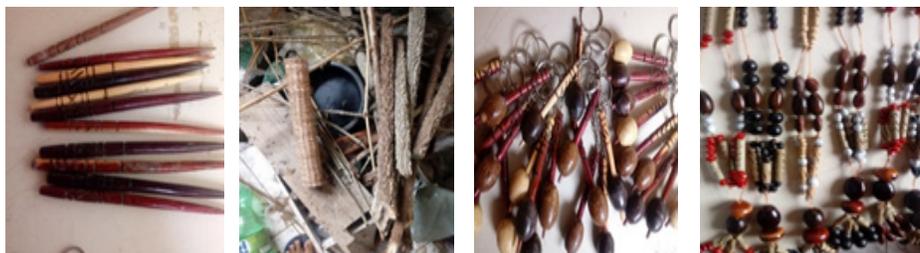
Fotos: Darnival Kiriri.

A MATÉRIA PRIMA PARA PRODUÇÃO DE ARTESANATO INDIGENA KIRIRI

A coleta dessa matéria prima é feita diretamente na natureza, pelos mesmos ou terceiros de forma ecológica e sustentável, pois da natureza retiramos a matéria prima, que produzimos os nossos artesanatos, como: argila, produção de potes, pratos, moringas, aribé, tigelas, miniaturas de animais, etc.



Fotos: Indina Kiriri.



Fotos: Dernal Kiriri.



Fotos: Maria Dilza e Adenilza Kiriri Kiriri.

Da madeira produz-se arco, flecha, besta, bordunas, paú, cachimbo, adereços para enfeites de cabelos e etc. Da Fibra do Caroá (crauí), faz-se a tanga, o bustiê (sutiã) e outros acessórios. Do Imbé confecciona-se o cocar, tanga, aió, cesta, bustiê, arupemba, abano, bolsa, bucarpiu, chapéu, etc. Da Cabaceira faz-se o maracá, cuia, coité, etc. Do Timbó produz-se o bonzo, cesto, caçoa, cesta, munzuá. Do licuri produz-se anel, brinco, colar, chaveiro e outros acessórios. Do Coco confecciona-se o bustiê (sutiã), maracá, coité. As penas são reaproveitadas para a confecção de brincos, penachos, sutiã, saia de penas. A produção dos artesanatos é uma forma de sobrevivência e de preservação da cultura do povo Kiriri.

NATUREZA SAÚDE INDÍGENA: CURA E SABERES TRADICIONAIS DA ETNIA KIRIRI

O povo Kiriri valoriza os saberes e os conhecimentos tradicionais, que são passados de geração para geração. Todo esse ensinamento vem sendo repassado e praticado até os dias atuais, pois, crescemos vendo nossos pais nos ensinando através da oralidade e da prática através das plantas medicinais de nossa aldeia.

Hoje conhecemos a importância de cada erva do nosso território que são usados pelos nossos benzedeiros, pelas parteiras e pajés para o tratamento de alguma enfermidade de nosso povo, porque é fundamental para a saúde, elas têm como objetivo promover a saúde natural do seu povo.



Fotos: Darnival Kiriri.

A CERÂMICA INDÍGENA KIRIRI DO ALTO DA JUREMA

A cerâmica Kiriri do Alto Jurema vem de uma origem milenar no território, carregado de muitas vivências e significados e do fazer artístico de nossas anciãs.

A cerâmica tem origem das anciãs indígenas de décadas passadas que com suas mãos dedicadas, cheias de grandes virtudes e experiências inigualáveis, suas práticas eram repassadas de mãe para as filhas, e vem sempre contribuindo com o fazer e uso de utensílios domésticos para as famílias indígenas e não indígenas da região. Esta arte também contribui para a sobrevivência das famílias, já que sua produção constitui-se como uma importante fonte de renda.



Fotos: Luciene Kiriri.

Com o passar dos anos, tem diminuído bastante o uso desses produtos devido o avanço tecnológico e também industrial. Foram surgindo utensílios mais modernos em que as famílias indígenas também puderam adquirir objetos feitos de matérias mais resistentes como alumínio, por isso a comercialização desse produto, que antes era em grande escala, tem diminuído significativamente. Antes algumas famílias produziam a cerâmica e utilizavam apenas em suas residências, mas a partir da década de 90, esse produto veio ganhando mais espaço.

A partir da década anterior (2010), o povo Kiriri começa a pensar um novo modelo de educação escolar, buscando sua autonomia, em que se valorizasse cada vez mais os nossos costumes e tradições, buscando através de pesquisa na comunidade e de projetos como o Mais Educação, revitalizar essa arte milenar e ensiná-la às crianças nas aulas de Arte. Essa ação despertou nas louceiras o interesse de contribuir com a participação nos grupos de estudos, sendo assim, chamadas para participar de momentos de oficinas, uma das louceiras foi Judite Leonarda dos Santos, uma das motivadoras para a produção da cerâmica.

Houve um grande incentivo por parte da Gestão escolar e também da Secretaria de Cultura Estadual que viabilizou projetos de oficinas de produção de artesanatos nas aldeias, tendo em vista sempre a preocupação de não perder a originalidade dos produtos elaborados. E com isso motivou também as artesãs mais idosas a ensinar às crianças e adolescentes das aldeias essa arte tão importante para o povo Kiriri.

Tudo isso partindo da mobilização realizada na escola e na divulgação nas aldeias do Povo Kiriri do grupo liderado pelo cacique Manuel. Criou-se o grupo das mulheres na aldeia de Araçás, que conseguiu juntar no mesmo local mulheres das aldeias, nela compõe também o grupo do cacique Manuel Cristóvão Batista. Grupo este que se organizou em local específico, sendo na casa da cultura e na casa das cerâmicas na aldeia de Araçás.

Nesse local são realizados seus trabalhos da produção de objetos que vêm contribuindo muito na economia de cada uma delas na família, colaborando também nos pagamentos de pequenas necessidades do grupo na qual se faz parte.

O SIGNIFICADO DO ARTESANATO PARA O POVO INDÍGENA KIRIRI

Cada artesanato tem sua história e seu significado, mas todos revelam uma conquista na vida de nosso povo indígena Kiriri no que se refere ao desenvolvimento da vida cultural e ancestral. Cada artesanato tem um significado distinto, cada um tem sua forma única e especial, e essa diferença é que dá o sentido ao jeito de ser viver do povo Kiriri.

Encontramos no artesanato a resposta para tudo àquilo que nós queremos para nossa vida cultural e comunitária da aldeia, não só em relação à nossa organização, mas a tudo que o povo Kiriri representa no que se refira aos aspectos culturais como também em relação às lutas e conquistas de nosso povo. A seguir, uma lista de significados dos nossos artesanatos:

Cocar de palha: é feito de Imbé e de caroá, planta nativa da região, símbolo de nossa resistência. Principalmente na terra indígena Kiriri, pois sua fibra é muito resistente assim como o seu povo que apesar de tantas lutas sempre resistiram. Desta maneira, acreditamos que este adorno tem um significado muito especial para o nosso povo.

Colar de sementes variadas: representa muitas coisas para nós, povos indígenas, pois é nele que está concentrada vários tipos de sementes, da mesma forma que nosso Brasil, onde se concentram vários tipos de culturas. O colar também significa a união de um povo, pois a semente simboliza isso, as duas pontas do colar representam também o terreiro do toré. Representa também a nossa vida, pois somos diferentes da população não indígena, mas com essa diferença não quer dizer que nós somos melhores ou piores que outros povos.

Tanga de crauá: ela representa muita coisa na vida de um povo indígena, principalmente na vida do povo Kiriri canta galo, porque a cada dia que passa o povo Kiriri se valoriza mais como índio, dessa forma, vemos a importância de nosso vestuário indígena para a ressignificação da nossa identidade cultural indígena.

Tanga de Imbé: significa a fortaleza, a união da nação indígena Kiriri e simboliza o nosso povo, pois, a principal matéria-prima para todas as artes de vida indígena Kiriri está no ALTO DA JUREMA! É por isso que esta palmeira, o pé de licurizeira, tem um significado tão especial na cultura e no ritual indígena Kiriri.

Tanga de malva: é uma tanga muito brilhante, como o povo Kiriri canta galo, que apesar dos muitos obstáculos enfrentados continuam preservando a sua tradição, e brilham em tudo que fazem, principalmente, em seus rituais.

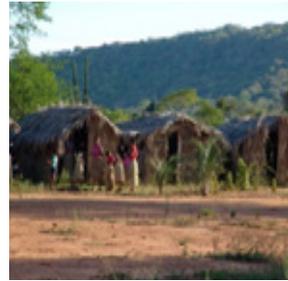
Tanga de embira: é da cor da terra e da cor da nação indígena Kiriri, simbolizando a relação dos indígenas com a terra e com a natureza, principalmente com os encantos.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



arte: Julia Tuxá

TEXTO COMPLEMENTAR - A ÁRVORE KIRI



Fotos: Darnival Kiriri.

A árvore Kiri também deu o nome de nosso território indígena Kiriri, através de um ancião muito sábio de nosso povo que, ao observar a árvore e sua estrutura, vendo que ela se destacava dentre as outras árvores, ficou muito admirado por sua beleza e lhe ocorreu a ideia de colocar o nome de nosso povo como Kiriri.

Árvore kiri é uma planta muito bonita, ela tem sua folha num formato de uma espada e sua madeira é muito lisa, ao mesmo tempo que é carrancuda. Dentro dela tem um leite bem grudento que serve para lubrificar o artesanato e dar mais resistência a ele.

Segundo os indígenas mais idosos da aldeia Kiriri, essa árvore surgiu quando um índio se transformou nela. Contam que esse índio era muito inteligente e era o guerreiro mais valente da aldeia. Um certo dia um líder da aldeia o enviou para uma batalha com outro povo rival, ao chegar lá na batalha esses índios se transformaram em vários tipos de árvores e animais, ficando escondidos no meio da mata e dando origem à árvore Kiri.

Ao chegar essa notícia na aldeia todos os xamãs (pajés) se reuniram para ver o que tinha acontecido com aqueles índios e foi aí que eles descobriram que os índios eram os mensageiros e guerreiros da mãe natureza.

Dali em diante essa árvore e animais seriam para os índios uma forma de verem a natureza como seu irmão e mãe, eles serviriam para os índios como fonte de sobrevivência, de sabedoria e para a fabricação de utensílios e armas para as batalhas.

Esta árvore kiri por ser fornida, serve para muitos tipos de arte como, por exemplo, arco e flecha, borduna e serve também para fazer ferramentas de trabalhos como cabo de enxada, foice e machado.

Com o desmatamento causado pelo homem branco, aos poucos ela estava desaparecendo, mas com a recuperação da mata nativa em nosso território, houve um aumento importante dessa espécie. Por ser muito valiosa para nós, povo Kiriri, não a utilizamos da mesma maneira que fazíamos antigamente, para que ela possa cada vez mais se multiplicar e assim podermos continuar a utilizá-la no futuro de maneira sábia e sustentável, evitando com isso a sua extinção.

Dernival Kiriri

O POVO PANKARARÉ PONTA D'ÁGUA E CUIDADOS COM A NATUREZA

Explorar o tema da etnoconservação é muito importante por ser uma problemática que faz parte da realidade nos territórios indígenas. Nas comunidades Pankararé, em especial, a comunidade Ponta D'água, a questão dos enfoques alternativos de matérias primas para produção de artesanatos indígenas é muito viva para este povo, portanto, é válido trazer essa reflexão sobre o processo produtivo do artesanato com responsabilidade, pois, entende-se que não é só extrair apenas a matéria prima da natureza, mas compreender o tempo necessário para que ela se recomponha.

Segundo a fala do Cacique da Aldeia Ponta D'Água, João Batista Xavier, sobre os cuidados com a natureza:

A gente já tem, mas hoje em dia, como a gente vê que os anos não tão vindo mais bom. As chuva não vem no tempo certo, de certa forma, se os tempos continuar assim, só Deus mesmo. Porque se tem algum material de artesanato, o gado come, a criação come, e se Deus não der chuva para ele sair de novo, praticamente ele vai se acabar, não tem como.

Continua o Cacique:

Na verdade, hoje em dia, as pessoas que vão tirar o Croá e o cipó, às vezes eles não tão nem aí para o dia de amanhã, e é uma coisa como tá lá na natureza. Às vezes que a gente poderia dar uma palavra e dizer como fazer a gente também não vê, e aí as coisas fica difícil porque o croá, por exemplo: a gente tem que optar pelo maior e deixando os menor, o cipó ele tem a junta lá, que você tem que tirar naquelas juntas e que é para poder ele sair de novo. Aí muita gente do jeito que a gente vê por aí, chega lá e mete o facão e aí arrasta tudo para fora. Depois tá fazendo as coisas lá e deixa o resto tá tudo jogado, e às vezes que nem lá mesmo onde gente tirava, tem muita gente lá. Tem um deles que tem essas coisas deles, eles acham que são dele aí faz dá forma que quer.

A natureza tem sempre o seu ciclo, e “os mais velhos”, as pessoas sábias Pankararé, sabem e conhecem bem. Por isso que, diante deste contexto, o povo respeita o ciclo de renovação das matérias-primas para que nunca se acabem. Os artesãos produzem muitos artesanatos, e o que eles sabem é passado de pai para filho. É preciso ter essa preocupação de não só retirar, mas também de conservar e procurar mais alternativas viáveis para assegurar o processo de renovação dos elementos retirados da natureza para a construção de artesanato. Assim sendo, os Pankararés respeitam os processos de ecossistema por meio da lógica da etnoconservação, e entende-se por este processo:

A etnoconservação configura-se como uma proposta político-acadêmica que, de maneira geral, defende a ação conservacionista a partir de uma implicação indissociável entre populações tradicionais e ecossistemas. Trata-se, portanto, de uma gestão compartilhada dos recursos naturais entre Estado, entidades ambientalistas e populações locais. Seu princípio determinante é a orientação do manejo desses recursos regidos pela lógica, saberes, práticas e usos específicos das comunidades e povos tradicionais presentes nesses contextos territoriais (Júnior, 2009, p. 90).

Os artesãos são pessoas importantes para garantia do processo de etnoconservação pois, além de conservarem as plantas nativas que ofertam matérias-primas para diversos usos, dão vida à elas transformando-as em artesanatos lindíssimos. Logo, a arte indígena Pankararé é uma riqueza desta comunidade, é um dos traços da identidade deste povo, sem contar que o artesanato é uma fonte de renda para muitas famílias. Estes artesãos, sabem o tempo de tirar cada tipo de matéria-prima, com isso, a natureza tem o tempo de renovar-se, e isso só é possível com a exploração responsável. Logo, a etnoconservação é um dos enfoques alternativos de matérias primas escolhido para produção de artesanatos indígenas pelo povo Pankararé.

ASPECTOS GERAIS DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO BREJO DO BURGO

O Brejo do Burgo está situado na zona rural de Glória (BA) à 64 km de Paulo Afonso – BA. Está localizado na região mais seca do estado da Bahia e o clima varia entre árido e semiárido. Além disso, o Brejo do Burgo está dividido em localidades como Poço, Brejinho, Ponta D'Água, Caraíbas, Cerquinha, Serrota e Chico.

A vegetação que predomina é a vegetação Caatinga, com abundância de mandacarus, xique-xiques e diversos tipos de bromélias, além de abrigar espécies da flora e fauna típicas da caatinga. É importante lembrar que as aldeias do povo Pankararé estão localizadas no Norte da Estação Ecológica do Raso da Catarina. O raso da Catarina, não é só conhecido pelos feitos de Lampião, mas também como área de habitação das “famílias indígenas”, em que é autorizada a caça por este povo. Além disso, na ecorregião do raso existirem diversas unidades de preservação. O raso é um fenômeno natural único típico desta região e abrange um território enorme que faz divisa com municípios de Paulo Afonso – BA, Jeremoabo, Macururé, Chorrochó, Glória e Rodelas.

Geralmente as comunidades vivem da agricultura, da pecuária, da comercialização de legumes e da produção e venda de artesanato. Cultivam milho, feijão, melancia, jerimum, mandioca e frutas típicas da região como o caju, o murici, o umbu e o licuri. Além disso, alguns indígenas são criadores de gado, caprinos, suínos e ovinos. Entretanto, apesar da comercialização de alguns produtos, o povo Pankararé respeita os processos de renovação do ciclo da natureza.

No território onde está localizado a etnia Pankararé têm diversidade de matérias-primas para a produção de diversos tipos de artesanato, o qual é uma das fontes de subsistência desse povo.

Alguns dos materiais que são essenciais para a produção de artesanato já foram facilmente encontrados no território Pankararé, mas hoje há uma escassez de determinadas plantas como: cipó, croá, imburana, xique-xique, mandacaru e craibeira. Este problema surgiu por conta da exploração desordenada e sem controle por pessoas que não possuem habilidades para o manejo deste tipo de planta e não respeitam o ciclo de renovação delas, para que assim se recomponham e possam proporcionar a matéria-prima novamente.

Abaixo seguem as principais plantas utilizadas pelo povo Pankararé para a produção de artesanato indígena:

1.1 CROÁ

O croá é um tipo de bromélia de poucas folhas, seu nome vem da palavra tupi *kara wã*, que significa talo com espinho. É uma planta típica da Caatinga, além de resistir a longos períodos de seca. As folhas do caroá fornecem fibras para a confecção de peças artesanais e decorativas como, por exemplo, a produção de aió, bolsa e saia de croá.

O seu manejo pelo povo Pankararé segue princípios tradicionais e caseiros, ou seja, há um processo de extrativismo vegetal, no qual é extraído da planta os produtos e subprodutos necessários para a confecção do artesanato de maneira que respeite o ciclo natural dela. Além do mais, o croá tem propriedades medicinais que atuam contra inflamações e dores.

O croá também é fonte de armazenamento de água, utilizado por animais e caçadores para beber quando estão sem água no meio do mato, uma vez que, a água fica armazenada em seu tronco, entre as folhagens. Logo, esta planta é uma fonte de matéria-prima para a confecção de artesanato. Este último, uma fonte de trabalho e geração de renda em várias comunidades.

Figura 1- Moita Cróa



Fonte: Acervo do povo Pankararé, 2021.

Figura 2 - Croá Batido



Foto: Luciene Nascimento.

Figura – 3 Fundo de aió



Foto: Luciene Nascimento.

Figura 4 – Bolsa de Croá



Foto: Maria Aparecida Xavier.

1.2 LICURIZEIRO

O licurizeiro, também conhecido como dicurizeiro, é uma palmeira que pode chegar a medir 9 metros de altura e suas folhas enfileiradas chegam a medir de 2 a 3 metros. Os cachos do licurizeiro possuem em média 1.300 frutos, variando entre as cores do amarelo claro ao laranja. Esses frutos fazem parte da culinária do povo Pankararé, para consumo próprio e comercialização.

Também conhecido como licuri, tem muitas formas de consumo: seja cozido ou maduro. Pode ser cozido ainda verde e consumido, mas para a preparação de pratos é mais utilizado quando está maduro e seco. O licuri quando remoído por caprinos e bovinos tem um sabor muito acentuado. Além do consumo das amêndoas, é possível extrair desta palmeira a farofa e o leite para o preparo de alimentos. O óleo do licuri é bastante usado de forma medicinal.

Além do consumo da amêndoa, o nosso povo usa as palhas para fazer cobertura de rancho, para fazer abano e ainda serve de alimento para os caprinos, ovinos e bovinos. A palha que se usa para cobrir os telhados de ranchos ou casas é feita por uma técnica de entrançar as palhas, um método que poucos conhecem. Já o abano, é feito de forma mais simples, usando apenas um pedaço da palha, ele é utilizado para abanar e ajudar a acender o fogão à lenha.

Do licuri quando seco pode-se fazer artesanato, dele são produzidos anéis, brincos, colares e pulseiras. A currubaca, por sua vez, é uma casca ondulada e comprida que serve de proteção para o cacho dos frutos do licurizeiro. Ela é retirada a partir do cacho dos frutos e pode ser utilizada para finalidades domésticas e decorativas, é também utilizada para por alimentos ou até mesmo tomar água.

Foto 5 – Currubaca



Foto: Luciene Nascimento.

Foto 6 – Licuri



Foto: Luciene Nascimento.

Foto 7 – Licurizeiro



Foto: Maria Aparecida Xavier.

Foto 8 – Vassoura de talo



Foto: Maria Aparecida Xavier.

Foto 9 - Abano



Foto: Maria Aparecida Xavier.

1.3 CIPÓ

O cipó é uma planta do tipo trepadeira e por isso se desenvolve em lugares elevados. É muito comum encontrar essa espécie de planta no Raso da Catarina, principalmente, nos Talhados do Chico, lugar dentro da Reserva onde habita uma parte do Povo Pankararé. Este ambiente é apropriado para o processo de desenvolvimento desta espécie de trepadeira.

O cipó é utilizado para confeccionar alguns artesanatos na comunidade como caçuás e cestos. Para poder confeccionar artesanatos com ele é preciso retirar a matéria prima com cuidado, pois, existem muitas pessoas que, ao retirar o cipó, acabam arrancando o pé todo, com isso, a planta inteira morre. Por outro lado, se o cipó for manuseado de forma correta podemos utilizá-los várias vezes. Por isso, é importante que cada artesão retire seu próprio material, para que quando outras pessoas o retirem de forma não consciente, os cipós não sejam destruídos, e com isso, não haja mais produção da planta. É importante lembrar que ele demora muitos anos para se desenvolver.

O cipó é uma planta resistente e seca, chegando a atingir mais de 20 metros de comprimento. Antigamente em algumas roças existiam muitos cipós, mas hoje em dia um dos lugares onde é possível encontrá-lo é no Talhado do Chico. Historicamente, o manejo exploratório do cipó sempre foi manual e até hoje, não são todos da comunidade que sabem fazer os artesanatos com esse material. Isto resulta na dificuldade de encontrar artesãos de caçuás e cestos, uma vez que os mais velhos estão morrendo e a nova geração não se interessa tanto nessa prática com o cipó.

Geralmente, para se fazer um par de caçuá o artesão leva de três a quatro dias. Depois de pronto, esse tipo de cesto é portado por algum animal e os caçuás são de uso geral pela comunidade. Ele pode ser pendurado numa cangalha para carregar objetos, animais pequenos, alimentos e etc. Já os cestos de cipó demoram menos para serem confeccionados e servem para carregar e guardar objetos e alimentos, para sacudir feijão e milho, colocar licuri, murici e etc.

Foto 10 – Moita de cipó



Foto: Joice Laine Nascimento.

Foto 11 – Caçua



Foto: Luciene Nascimento.

Foto 12 – Cesto



Foto: Tamires Xavier.

1.4 MUCUNÃ

A mucunã, também conhecida como olho-de-boi, cipó-de-imbiri, coroa e micunã, é uma planta de médio porte. Ela vive em um processo de mutualismo com outras plantas, ou seja, uma planta depende da outra para sobreviver, apesar disso, para o seu desenvolvimento não precisa muita água, porque consegue sobreviver em vastas estiagens da Caatinga. É uma semente muito resistente às mudanças de temperatura. Além de que pode se manter intacta por longos anos enquanto estiver no seu ambiente natural, mas, quando são retiradas e perfuradas em luvas ruins, não aguentam muito tempo.

Quando as bajes se abrem as sementes caem. As sementes já estão prontas para serem usadas nos artesanatos. Entretanto, quando a semente é extraída ainda imatura não é possível limpá-las, respeitando o processo natural, logo, sementes assim não servem para serem utilizadas no artesanato. Os artesãos usam muito as sementes da mucunã principalmente para os acabamentos de aiós, capangas, mochilas, confecção de colares, brincos, pulseiras, adereços de cabelo e até mesmo cortinas.

Antigamente, a mucunã era usada como fonte de alimento. Era necessário triturar as sementes, em seguida colocá-las para repousar em água limpa. Era preciso trocar a água constantemente (sete vezes), para que ela perdesse o gosto amargo e as pessoas conseguissem comê-la. Outro ponto importante, é que as cascas da mucunã também são curativas, ajudando na cicatrização e melhora de luxações.

Foto 13 – Semente de Mucunã



Foto: Luciene Nascimento.

Foto 14 – Tiara de Croá com Mucunã



Foto: Luciene Nascimento.

1.5 A CABACEIRA

A cabaceira não é uma árvore grande e tem porte médio. Essa planta dá um fruto chamado cabaça que depois de colhido e seco, pode ganhar diversos usos que vão desde objetos como a cuia, a moringa e até instrumentos musicais como chocalhos. Dentro de uma cabaça pode conter mais de cem sementes. Para poder fazer a cuia e a moringa, por exemplo, é necessário que a cabaça esteja madura ou seca, caso contrário não é possível fazer estes objetos. Antes de utilizar a cuia e a moringa é necessário deixar o fruto seco e já cortado no formato desejado de molho na água por vários dias, pois, este processo facilita a limpeza e o acabamento da peça.

No dia a dia, a cuia é usada geralmente para auxiliar nos afazeres domésticos como catar feijão, pegar e armazenar água ou mel e pode ser utilizada até mesmo como prato, dentre outros.

Foto 15 – Cabaça



Foto: Maria Aparecida.

Foto 16 – Cuia



Foto: Maria Aparecida.

Foto 17 – Cabaça



Foto: Tamires Xavier.

1.6 A BANANEIRA

A bananeira é uma planta frutífera que se desenvolve em lugares molhados, além de ter como fruto a banana, que é mais utilizado para alimentação. A fibra do caule desta planta, que por ser liso, macio e resistente, torna-se ideal para confeccionar esteiras, cestos, bandejas, acessórios, dentre outros.

A esteira é um objeto utilizado pelo povo Pankararé para deitar-se, para colocar embaixo do colchão ou cima das cangaias. Para o processo de produção da esteira é preciso extrair a fibra do caule da bananeira e depois colocá-la para secar, e junto com a fibra do croá, finalizar o processo de confecção desta peça. A confecção de uma esteira é um processo demorado, por isso, é preciso ter paciência. Para a criação de uma esteira é preciso muitas fibras, geralmente, são utilizadas de oito a quinze troncos de bananeiras. Algumas famílias sobrevivem também da venda de esteiras que, apesar de não ser mais o único meio de renda, é um complemento financeiro, mantendo a tradição dos antepassados.

Foto 18 – Esteira



Foto: Tamires Xavier.

1.7 A UMBURANA

A umburana é uma planta nativa da Caatinga. Essa planta não é usada para alimentação humana, apenas na alimentação de animais. Em tempo de seca as pessoas cortam os galhos desta planta para servir de comida para os animais. Já a madeira da umburana por ser muito maleável e, ao mesmo tempo, resistente. Ela é usada para construir cercas de madeira, bancos, cochos, portas, janelas, girais, mesas, cachimbos, etc. Quando retirada na lua boa a madeira dura mais. Os artesãos de campião e cachimbo utilizam bastante a madeira da umburana por ser maleável e fácil de moldar, inclusive quando entra em contato a altas temperaturas se torna mais duradoura. Os indígenas usavam e ainda usam a madeira desta planta para fazer tampas para fechar cabaças, barricas, moringas e litro.

Assim como outras plantas, com o passar do tempo, a umburana está se tornando cada vez mais escassa, uma vez que a exploração desta planta é realizada de maneira inadequada. Muitos dos que fazem isso não se preocupam com os impactos que a falta da umburana pode fazer para o bioma da Caatinga e para os animais silvestres que necessitam dela para sobreviver.

Foto 19 – Barrica



Foto: Maria e Ana Lúcia.

Foto 20 – Campiô



Foto: Tamires Xavier.

Foto 21 – Tampa de Barrica



Foto: Foto: Luciene Nascimento.

Por fim, a extração vegetal consciente da umburana traz benefícios para a natureza e para o povo indígena Pankararé visto que, quando retirada só a madeira necessária para o uso sustentável e que respeite o ciclo da planta, sempre haverá madeira.

TERRITÓRIO, CIÊNCIA E TRADIÇÃO TUXÁ BANZAE

A aldeia Tuxá Banzae está situada na região nordeste, no semiárido baiano, no Município de Banzae, contendo em seu território a predominância o bioma Caatinga. Tem uma população estimada pelo último censo do IBGE em 2010 de 11.814 habitantes, com área de 221 km². Localiza-se a uma distância de aproximadamente 325 km da capital de Salvador, limitando-se com os municípios de Cícero Dantas ao norte, Ribeira do Pombal a leste, Tucano ao sul e Quijingue a oeste.

Foto da Aldeia Tuxá Banzae



Fonte: Arquivo pessoal Tuxá Banzae.

O povo Tuxá Banzae encontra-se nesse território desde o ano de 2008, após sair da aldeia Tuxá Ibotirama, sua história de conquista do território no município de Banzae veio por iniciativa do nosso patriarca Raul Valério de Oliveira, o primeiro Cacique, que sempre sonhou em habitar essas terras, pois o mesmo dizia que as terras do norte da Bahia eram bastante produtivas e férteis. Todavia, sua história de luta foi limitada por sua velhice, Raul Valério de Oliveira passou sua linhagem de Cacique para sua filha Glaucia Valério, que também não ficou muito tempo na liderança por conta da velhice e passou seu cargo para seu filho, o atual Cacique Adenilton de Oliveira Santos.

Dessa maneira, diante da realidade local da aldeia Tuxá Banzaê, que é repleta de riquezas naturais e diversidade de matas, a preservação do território ocorre de forma contínua com plantios e recuperação da vegetação. Para isso, os indígenas da aldeia aplicam estratégias de preservação do uso dos recursos naturais, de modo que não agridam o meio ambiente, não alterem os princípios de funcionamento e nem coloquem em risco a biodiversidade da comunidade.

Portanto, os conhecimentos tradicionais indígenas combinam medicamentos naturais com a sabedoria sobre as relações com a natureza no tratamento de doenças. Os conhecimentos dos rituais de cura são saberes passados pelos Pajés, transmitidos oralmente de geração para geração. Logo, a biodiversidade local contribui para a saúde e cura dos moradores. Nesse sentido, podemos destacar os banhos de caatinga de cheiro, alecrim, velandes, laranjeiras, juremas e os chás para recuperação dos enfermos, conjugados com os rituais, contribuindo com a cura dos mesmos.

CULTURA AGRÍCOLA TUXÁ BANZAÊ

A cultura do Povo Tuxá Banzaê é milenar, a comunidade antes da mudança de território vivia da caça, da pesca e de uma vasta plantação de hortaliças e variedades frutíferas, utilizadas tanto para sobrevivência quanto para comercialização. Praticavam sua cultura e seus saberes repassados de pais para filhos. Hoje a realidade do território apresenta algumas diferenças, novos costumes que foram abraçados com a chegada às novas terras. Na aldeia Tuxá Banzaê plantamos e fazemos a colheita dos nossos plantios como cajueiro, coqueiro, mangueiras, goiabeiras, mandioca, feijão, milho, laranjeiras e bananeiras. O passo a passo do plantio e da colheita de cada um é da seguinte forma:

Plantio do cajueiro: acomode a muda no centro da cova, direcione o crescimento do cajueiro; amarre a muda em uma estaca de um metro de altura enterrada junto ao caule. Para o espaçamento recomenda-se distanciamento mínimo de 7 (sete) metros entre as covas, cujas medidas devem ser de 40x40x40 centímetros.

Espia!

Você sabia?

Que o tempo que o pé de cajueiro comum leva para produzir os primeiros frutos é de 8 (oito) anos? Já o cajueiro anão necessita de 3 (três) anos por ter uma estrutura máxima de 6 (seis) metros?

Que o cajueiro anão facilita também a colheita dos frutos, por isso, é mais vantajoso para o produtor?

E que a melhor época do ano para o cajueiro produzir seus frutos é no reflorescimento da flora? A primavera também é uma fase climática favorável para diversos alimentos brotarem da terra naturalmente, os chamados frutos da safra, a época da colheita é realizada de agosto a janeiro.

Plantio do pé de coqueiro: cerca de 1 (um) mês antes do cultivo, abra as covas para preencher com terra, 3 (três) quilos de adubo orgânico e 800 (oitocentas) gramas de superfosfato simples. Fixe a muda no solo sem enterrar o caule, depois de 1 (um) mês do plantio realize a adubação em cobertura com 300 (trezentas) gramas de areia e 200 (duzentas) gramas de cloreto de potássio. O período para começar a lavoura de coqueiros é no início da estação das chuvas, caso contrário, utilize um sistema de irrigação. As mudas de coqueiros devem ser colocadas no espaçamento de 60x60x60 centímetros, em forma triangular ou o espaçamento deve ser 80x80x80 centímetros para evitar que as plantas fiquem caneludas.



arte: Juliana

Espia!

Você sabia? (Dicas e Curiosidades)

Que o coqueiro gigante começa a produzir em 5 (cinco) a 6 (seis) anos após o plantio e atinge de 20 (vinte) a 30 (trinta) metros de altura?

Já o coqueiro anão inicia a produção normalmente entre 2 (dois) a 3 (três) anos e atinge entre 10 (dez) e 12 (doze) metros de altura?

Plantio do feijão: para o preparo da terra quando o mato está grande, primeiro colocamos o trator com a roçadeira para roçar o mato, depois fazemos a aragem com o trator ou manual com um animal para, em seguida, podermos fazer o plantio. A cada cova colocamos 4 (quatro) a 5 (cinco) sementes depositadas a 4 (quatro) centímetros da superfície; o espaçamento deve ser de 7 (sete) centímetros a 10 (dez) centímetros oferecendo assim liberdade para que as plantas cresçam sem competir com as vizinhas.

O tempo de germinação do feijão é de aproximadamente 15 (quinze) dias, seu período de plantio é no mês de maio e o período da colheita é de agosto a setembro. A colheita pode ser feita manualmente quando as vargens do feijão já estiverem secas ou começando a secar, isso ocorre de 80 (oitenta) a 100 (cem) dias após a germinação, depois de colher as vargens é preciso deixar que elas sequem completamente para evitar danos pós-colheita.

Espia!

Você sabia? (Dicas e Curiosidades)

Como séculos atrás, ainda hoje na Aldeia Tuxá Banzaê se mantém a tradição de realizar mutirões para “bater feijão”, ou seja, tirar os grãos das vargens. As pessoas da comunidade se juntam para bater o feijão com pau que costumam chamar de cacete e fazem esse processo manual, ou também através de maquinários.



arte: Juliana

Plantio da mandioca: realizado a partir de pedaços do caule de plantas adultas saudáveis, denominadas “manivas”, são colocadas em covas de 5 (cinco) a 10 (dez) centímetros de profundidade, podendo ser dispostas na posição horizontal e vertical. As manivas devem estar com 15 (quinze) a 25 (vinte e cinco) centímetros de comprimento e cerca de 2,5 (dois vírgula cinco) centímetros de diâmetro. Para ter certeza que está colhendo uma mandioca de boa qualidade, quebre-a ao meio para certificar-se de que o miolo está bem branquinho ou amarelo, dependendo do tipo, o miolo precisa estar úmido e sem manchas; o mesmo funciona para a casca, que deve estar uniforme e sem manchas.

Quando está no período de ser arrancada, levamos para a casa de farinha, realizamos o processo de raspagem, passamos a mandioca por vários procedimentos até ficar no ponto da farinha ser torrada. Também usamos a mandioca para o preparo de vários tipos de comidas, exemplo: caldos, bolos, beijus, mingau, entre outros.

Espia!

Você sabia? (Dicas e Curiosidades)

Que a mandioca é cultivo de longo ciclo?

Pois sua colheita pode ser feita a partir do 8º (oitavo) mês de produção e durar até 2 (dois) anos.

Há casos em que você poderá colher o vegetal no 6º (sexto) ou 7º (sétimo) mês, tudo irá depender do diâmetro da raiz, a qual é recomendado possuir mais de 3 (três) centímetros.



arte: Julia Tuxá

Plantio do pé de goiabeira: depois de escolher um bom local para a muda de goiabeira, cave um buraco de 0,5x0,5x0,5 centímetros, assim a muda terá bastante espaço para produzir as primeiras raízes e se desenvolver. As goiabeiras começam a dar frutos após 2 (dois) anos. Um bom tipo de poda é muito importante para poder produzir goiabas várias vezes ao ano e não somente no verão, que é a época normal de colheita da fruta. Geralmente a época de colheita da fruta é de janeiro a abril, quando elas estão verdes ou amareladas.

Plantio de laranjeiras: o espaçamento das covas precisa apresentar aberturas de 40x40x40 centímetros e devem ter de 6 (seis) a 7 (sete) metros de espaçamento entre linhas e de 3 (três) a 4 (quatro) metros entre as plantas. O tempo que a laranjeira leva para dar frutos é em média de 24 (vinte e quatro) meses após o plantio, a colheita das laranjas é pela coloração da fruta e apertando-as suavemente.

Na aldeia Tuxá Banzaê, fazemos nossos plantios para consumo próprio ou até mesmo para vender. Quando plantávamos em Ibotirama, todos da comunidade faziam suas plantações em qualquer época do ano, pois como tínhamos o rio próximo, não precisávamos esperar pela chuva, fazíamos uso de irrigações com a água do rio.

A MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TUXÁ BANZAÊ

A cura tradicional do Povo Tuxá Banzaê é dividida em 2 (duas) partes, a cura pelas ervas medicinais e a cura pelos nossos ancestrais. Dentro da reserva indígena Tuxá Banzaê encontram-se algumas ervas medicinais, como: cidreira, alecrim, capim santo, hortelã, boldo, tipi, matriz e pião roxo, que são usadas para banhos e chás. Em especial, temos a Jurema preta que é de extrema importância para a comunidade, pois com ela é preparado o vinho dos nossos ancestrais, onde encontramos força espiritual e conexão com os nossos antepassados. A Jurema sagrada é Deusa-mãe, o centro de tudo na religião indígena. Então, para fazer o vinho sagrado, primeiramente, precisa ser de acordo com o horário, antes do sol se pôr, ao chegar nas matas pedir licença

para que a Jurema sagrada seja retirada com muita fé. Em seguida lavar bem para eliminar as terras que nelas estão agregadas; a raiz deve ser colocada em uma pedra e bem mascarada, com muita fé para que se torne o vinho sagrado e possa trazer nossas curas. Desse modo, a reza na casa de oração, o preparo do vinho sagrado, os banhos de ervas medicinais preparados pelo líder espiritual e, claro, a fé, são elementos essenciais para o bem viver do nosso povo. Na casa de oração temos a cura, o aconselhamento e discernimento através da ancestralidade. Por isso, preservamos esses saberes tradicionais para as futuras gerações, para que elas aprendam sobre seus passados, entendam o presente e estejam preparados para lidar com o futuro.

ARTESANATO E INSPIRAÇÃO TUXÁ BANZAE

A arte indígena no Brasil é bela e diversa, com características próprias e específicas, com diferenças nos traçados, na organização das penas e na contagem das sementes, tudo que é usado tem ciência e inspiração. O artesanato indígena Tuxá Banzaê é a arte produzida pelos artesãos. Artesão é uma pessoa que aprende a fazer tal arte, através de horas de aprendizado, observação, trabalho duro, erros e acertos, experimentação e prática. Para a aldeia Tuxá Banzaê, o artesanato é fonte de subsistência, arte ensinada pelos ancestrais que passam suas energias positivas para os artesãos. As artes produzidas por eles são inspirações dadas pelas forças encantadas. Para receber essa inspiração é necessário que se conecte com a natureza, como por exemplo: acendendo seu cachimbo em silêncio pedindo sabedoria aos encantados para que consiga aprender a confeccionar aquele artesanato, que demonstra a força e a trajetória da aldeia.

De acordo com a cultura Tuxá Banzaê, com suas tradições e seus recursos locais, um artesão cria uma arte dentro da inspiração com o sobrenatural, com os encantados, com diversos tipos de matérias-primas que podem ser de origem vegetal, mineral ou animal, gerando produtos diferenciados entre si. Por exemplo, quando queremos fazer uma pulseira de semente com a coloração preta e vermelha, usamos o olho de cabra, essa semente tem propriedades místicas e é considerada uma espécie de semente

muito linda para fazer pulseiras colares e saias indígenas. Da mesma forma, a raiz da Jurema é uma matéria-prima que pode ser usada para fazer artesanatos, como o cachimbo, a chanduca, entre outros. O cachimbo e a chanduca vão ganhando forma de acordo com o que você queira desenhar.



Desenho representando a Jurema sagrada e sua raiz.

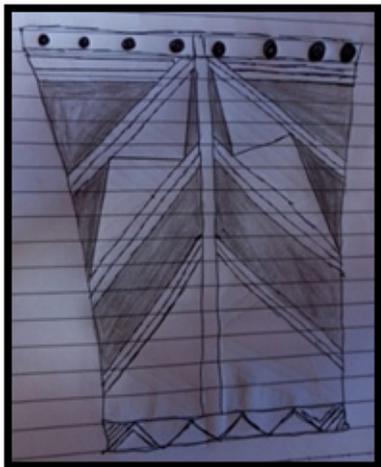
Fonte: Acervo Tuxá Banzaê.

PINTURAS E INSPIRAÇÃO TUXÁ BANZAÊ

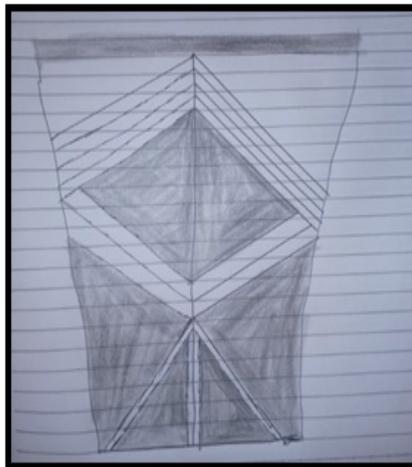
As pinturas Tuxá Banzaê, têm um significado de herança, cada traço retrata uma luta, um sofrimento, a herança das nossas terras e a identidade de um povo. As pinturas têm por meio de um canal espiritual as forças encantadas das matas que nos ligam à tudo que Tupã criou. A cor vermelha do Urucum vem com as funções dos guerreiros da aldeia, a força de lutar. O preto do Jenipapo vem com a força da comunidade de resistência e conhecimento.

As pinturas dos homens casados são cheias de traços fortes para simbolizar a força dos guerreiros e guardiões da aldeia. As mulheres casadas fazem pinturas mais detalhadas, pois as mesmas possuem grande importância para a aldeia. As mulheres solteiras vêm com menos detalhes e mais traços fortes. O jovem solteiro vem com a pintura não muito diferente dos guerreiros, mas com traços da simbologia de sua aldeia. Cada traço é inspirado nos encantados guardiões da aldeia.

Desenho representando uma pintura corporal feita em homens casado.

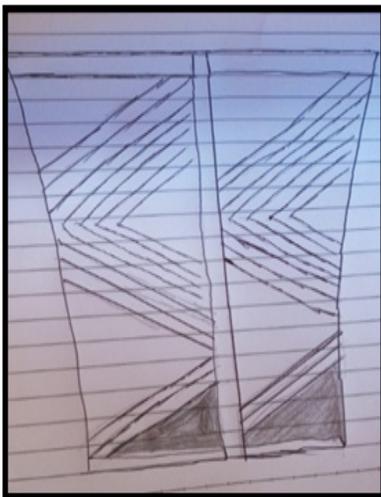


Desenho representando uma pintura corporal feita em mulheres casadas ou solteiras para um movimento.

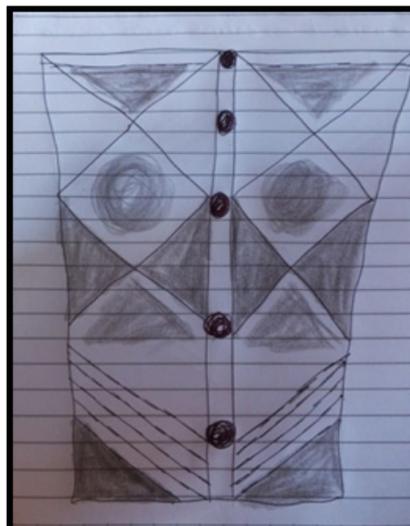


Fonte: Acervo pessoal Tuxá Banzaê.

Desenho representando uma pintura corporal feita nas pernas tanto para homens quanto para mulheres.



Desenho representando pintura corporal feita em mulheres solteiras.



Fonte: Acervo pessoal Tuxá Banzaê.

TOANTES TUXÁ BANZAÊ E OS SEUS ENCANTADOS

Os nossos toantes são cantos sagrados, em cada melodia existe uma identidade, eles trazem força e conhecimentos para nós indígenas. Durante os festejos temos a graça de sentir a presença, a força e a humildade de nossos encantados, a sensação que temos quando escutamos os cantos, é um comunicado com a nossa natureza, pois é através deles que conseguimos o grande contato com os antepassados.

São os nossos ancestrais que guardam e protegem a comunidade, mantendo vivas as nossas tradições e cultura. Cada toante refere-se à uma força da natureza em especial, de forma espirituosa nos traz força e o sentido da conexão com os encantados. Quando ouvimos nossos toantes ecoar lembramos das nossas lutas e resistências, visto que desde muitos anos tentam tirar a nossa essência e conexão com a natureza.

Vocês devem estar se perguntando, de onde veio nossos toantes?

Pois então, eles vieram de nossos antepassados, que por sua vez, vêm nos mostrando em sonhos, e nossos anciãos vêm sempre ensinando de gerações em gerações. Os toantes dentro da nossa ciência são uma forma de comunicação dos encantados com os folguedos, trazendo conhecimentos para nossos rituais, e também é uma forma de agradecimento à mãe natureza. Eles trazem mensagens para nós indígenas nos encontrarmos com cada um de nossos encantos, cada um tem sua identificação com um ser de luz, e isso dentro da nossa cultura, nos dá forças para seguirmos com o nosso trabalho, envolvendo os elementos naturais. Temos a graça de conhecer muitos ancestrais, temos conosco a força das matas, das águas, do ar, do fogo e da terra. O sentimento é gratificante e quando balançamos nosso Maracá e batemos o pé no chão, é uma mistura de sentimentos, o coração dispara, um misto de sensações.

Fotos de um ritual aberto.



Fonte: Acervo Tuxá Banzaê.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



TEXTO COMPLEMENTAR - A LOCA ENCANTADA DO ALTO DA JUREMA

Foi tudo surreal, foi tudo mágico, quando os saberes da nossa ciência aconteceram. Um dos nossos sofria de asma e por fé nos encantados fez uma promessa que se recebesse a graça, a pagava. Assim foi aceita pelos nossos guias que o orientaram a fazer uma meizinha, tirada nas nossas matas, dessa forma o índio fez.

No dia seguinte, o índio subiu ao nosso alto para fazer da maneira que os encantos tinham o orientado, com toda sua fé e certeza que iria ser curado, achou suas mezinhas e veio descendo o alto com sua cabeça erguida, pois estava curado. Na volta, achou um lugarzinho como se fosse uma cabana, parou e ficou olhando, aproximou-se e continuou a olhar, naquela mesma hora veio uma voz do além sussurrando em seu ouvido lhe dizendo que era aquele lugar o escolhido para sua tribo fazer seus rituais, o índio parou, pensou e seguiu em frente.

No mesmo dia, foi procurar seu Pajé e contou o que tinha acontecido, ele e o Pajé em um determinado dia foram ao local, viram que era uma loca que tinha tudo para fazer os rituais, os dois limpavam conforme nossas necessidades de trabalho oculto, desceram do alto e vieram falar com nossa mãe de terreiro. Em seguida, vieram falar com nossa aldeia e fomos fazer uma visita. Conhecemos o campo, falo conhecer por conta que nossas matas preservadas são extensas, muito grandes. Assim nasceu nosso lugar encantado, a nossa loca da pedra onde fazemos nossos rituais, lugar de paz, de alegria, de poder e que assim seja em nome de Deus.

(Depoimento Jassiara da Silva Oliveira)

Capítulo 2

CULTURA E CULTIVO

Manejo, produção agrícola e plantios
agroflorestais nos territórios indígenas

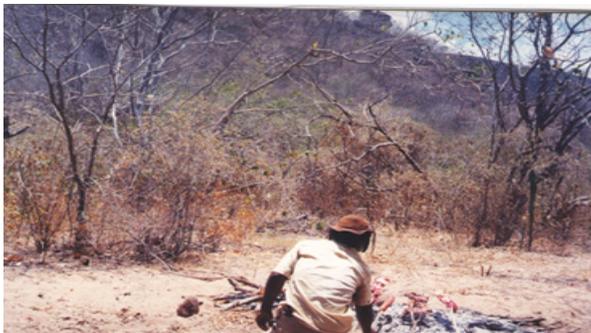
O SISTEMA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA TRADICIONAL DO POVO KANTARURÉ

O sistema de produção agrícola tradicional dos povos indígenas e manejo ou técnicas resultam na etnoconservação dos recursos naturais. Entra no campo simbólico e sagrado o simples ato de pescar, caçar, plantar, e manipular a terra, atos que são conduzidos pela relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade, e tem como resultado a preservação ambiental dos territórios indígenas.

Segundo Cultimar (2008), o manejo desses recursos está diretamente ligado com mitos, regras, valores e conhecimentos, que definem a maneira e período como tais recursos serão utilizados, podendo ser considerados “elementos culturais regulatórios”, pois determinam as atitudes das pessoas perante o meio ambiente.

Nessa perspectiva, a relação do povo Kantaruré com seu território não difere dos demais povos indígenas do Brasil, mesmo sendo um território especificamente frágil devido a carência de água e ameaçado pela devastação. É muito forte a relação que o povo Kantaruré tem com seu território, essa relação é determinada pelo sistema simbólico e pelo conhecimento aprofundado dos recursos naturais. Esses conhecimentos são transmitidos pelos ancestrais e continuam sendo passados para as gerações futuras como forma de resistência e preservação de sua cultura e da identidade deste povo.

Figura – 1 Relação com o território Kantaruré



Fonte: Oton Kantaruré, 2021.

O território Kantaruré está localizado no município de Glória – Bahia, onde os indígenas se dividem em duas aldeias, a saber: Batida e Baixa das Pedras, as quais estão situadas em um amplo baixo margeado por serras, lugar em que as comunidades utilizavam antigamente as poucas reservas hídricas para o consumo doméstico e plantio. Por outro lado, a regularidade de chuvas contribuía para a proteção da cobertura vegetal da serra, tão necessária para a reprodução da caça e de espécies vegetais úteis para a sobrevivência do povo Kantaruré.

Figura 2 – Foto da aldeia Kantaruré



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021

Com as mudanças climáticas e escassez de chuvas, as reservas hídricas foram esgotadas dificultando ainda mais a sobrevivência desse povo.

Figura 3 - “Caldeirão”: Reservatório de água natural no pé da serra



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Figura 4 - “A Benta”: Fonte de água esgotada.



Atualmente, um dos principais meios de sustento é agricultura de subsistência ou agricultura familiar, caracterizada pelo uso de técnicas rudimentares ou tradicionais para produção e voltada quase, exclusivamente, para a subsistência. No geral, a “agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento” (Abramovay, 1997, p.3).

Dentre os principais plantios do povo Kantaruré encontra-se o feijão, o milho e a mandioca, uma vez que são os cultivos que melhor se adaptam ao clima semi-árido e ao solo arenoso, característicos do território Kantaruré. Além do mais, nesse território são praticadas várias técnicas e manejos ensinados pelos ancestrais. Os indígenas trazem consigo os saberes e crenças que fortalecem a união e a colaboração das atividades agrícolas das famílias. A ação de “batalhão”, muito utilizada na comunidade, consiste no ajuntamento de todos os homens para trabalhar na roça, e, no fim, todos são beneficiados.

Figura 5 – Técnica de manejo no território Kantaruré



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Figura 6 – Ação de “batalhão”



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

No que se refere ao período de escolha dos diferentes plantios, é importante ressaltar a presença dos mais velhos neste momento, pois, ensinam os períodos corretos das plantações. Todo processo para o plantio começa com a escolha do solo, sendo mais mais propensos e procurados os que têm árvores pequenas de marmeleiro e a catingueira grande de porte (porte arbustivo e arbóreo), porque segundo o conhecimento ancestral, nestes locais a terra é mais forte e mais propícia para o plantio de feijão, milho e mandioca.

Figura 7 – Catingueira grande



Figura 8 – Marmeleiro



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

É importante destacar que o processo de escolha dos lugares é realizado nos meses indicados pelos mais velhos e mediante a expectativa do tempo de colheita, tempo de chuva, etc. Então, por exemplo, quando se vai plantar feijão de corda ou de arranca, o preparo do terreno começa no mês de maio e vai até junho do ano corrente, já que nessa época o solo é mais favorável ao crescimento das plantas. Após as chuvas, a colheita é feita depois de 3 meses, ou seja, entre o período de agosto e setembro do mesmo ano. Esse processo acontece a depender das plantações: para o plantio do milho, melancia e a abóbora, o preparo da terra inicia em março e vai até abril do ano em vigência, para que a colheita aconteça em junho, no mês de São João e de São José (considerados padroeiros protetores das plantações) a melancia e a abóbora são plantadas em lugares previamente preparados para o posterior plantio. O modo de preparo do solo é o mesmo para todas as produções. Primeiro, são arrancados e queimados os trocos das árvores para plantar. Para retirar os matos e as árvores com a finalidade de realizar a limpeza do solo, utiliza-se a enxada ou enxadão, foice, facão, machado, e até uma espécie de gancho

cons-

truído com galhos cortados nesse em formato.

Após o preparo do solo, as partes das árvores que foram derrubadas são reaproveitadas. São utilizadas para a produção de cercas, toras de madeira para lenha, para cozinhar, etc. Geralmente, uma parte dos matos arrancados são utilizados para fertilizar o solo e o restante é deixado no solo para secar e queimar. Quanto às plantações das sementes, são feitas manualmente por meio da semeadura direta. Assim sendo, este processo inicia-se com a criação de uma fileira composta por várias covas e a quantidade de sementes que se coloca em cada cova são três. Enquanto os homens vazam as covas na terra, as mulheres depositam as sementes em cada cova e as entopem de terra com os pés. Apesar de atualmente existirem no mercado máquinas para semeadura automatizadas, a compra é inacessível para o povo Kantaruré, visto que, o custo é alto.

Figura 9 – D. Djanira Kantaruré agricultora



Figura 10 – Cova para semadura



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

É importante lembrar que a

semeadura direta ou Plantio direto ou semeadura direta é o ato de depositar, no solo, sementes, plantas ou partes de plantas na ausência de preparo prévio do solo, mediante aração, escarificação e/ou gradagem e, conseqüentemente, manutenção dos restos de cultura na superfície do solo (Mori *et al*, 2016, p. 67).

Historicamente, os indígenas Kantaruré tem o hábito de plantar nos dias de quinta-feira e sexta-feira, visto que, segundo os mais velhos, são os dias que agradam os encantados. No plantio do feijão de corda, por exemplo, colocam-se varas debaixo dos galhos de feijão, porque quando o ano é bastante chuvoso, se não fizer isso, o feijão pode ficar enterrado no solo e apodrecer.

Por outro lado, quando o manejo e o plantio são feitos fora da época indicada, aparece no pé de feijão “uma espécie de manchas cor de cinza nas folhas” (Figura 11), além de as sementes apodrecerem embaixo da terra, o solo fica comprometido para novos plantios. Cientificamente, este fenômeno é conhecido como “Oídio (*Eryshipe polygoni*), uma doença de importância secundária, ocorrendo com maior frequência durante e após o estágio de florescimento da cultura” (Wendland; Junior; Faria, 2018, p. 16). Ademais,

Baixas temperaturas e falta de umidade no solo favorecem o desenvolvimento da doença [...] Em infecções severas, as folhas podem ficar amareladas e retorcidas, com desfolhamento prematuro (Wendland; Junior; Faria, 2018, p. 16).

Figura 11 – Oídio (*Eryshipe polygoni*) no pé de feijoeiro



Fonte: Wendland; Junior; Faria, 2018.

Antigamente, após o plantio e colheita recomendava-se o tempo de resguardo da terra, as ramas eram deixadas para secar a fim de que fossem utilizadas como adubo natural. Quando se chegava o período de plantio novamente, considerava-se que o solo já estava fertilizado, devido a este processo já mencionado. Os mais velhos contam que durante a plantação, viam vultos de pessoas e ouviam assobios entre os pés de milho e feijão. Estes fenômenos significavam, que os caboclos e encantados estavam ali abençoando a plantação.

Figura 12 – Roça de milho da aldeia Kantaruré



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Para combater as possíveis pragas causadas por lagartas e moscas nas plantações, utilizavam-se inseticidas naturais. Os inseticidas naturais

oferecem alternativa aos inseticidas químicos sintéticos, uma vez que podem ser empregados com o mesmo propósito [...] Podem ser facilmente preparados a partir de restos de colheita ou de várias espécies vegetais reconhecidamente eficientes, por meio artesanal, semiindustrial e industrial (Barbosa; Silva; Carvalho, 2006, p. 8).

Estes são tradicionalmente elaborados com folhas de plantas medicinais utilizados pelos mais velhos da aldeia. Rituais e rezas que fazem parte da crença do povo também eram realizados para afastar as pragas. Conta-se que para afastar este mal, um ancião sábio ia até o terreno e rezava nos três cantos. Deixava apenas um lado com o caminho livre para a praga ir embora e o roçado ficava sozinho por três dias e depois disso, a plantação estaria livre dos insetos.

Atualmente, a prática de utilização de inseticidas naturais está em desuso devido a utilização de compostos químicos como fertilizantes e agrotóxicos. Apesar da eficácia destes produtos, a utilização de fertilizantes e agrotóxicos nas plantações da aldeia, são motivos de preocupação entre os indígenas Kantarurés não só devido ao uso exagerado e manejo inadequado, mas por causar problemas de saúde em vários indígenas.

Figura 13 – Processo de colheita de feijão



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Figura 14 – Processo de colheita de feijão/batida



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Chegado o período de colheita, todas as famílias se juntavam novamente. Os homens colhiam as vagens que eram colocadas sobre uma lona. Depois as lonas eram batidas com varas para o grão sair. Essa prática era realizada pela maioria das mulheres que também praticavam o ritual dos cantos em prol de agradeci-

mento a Deus pela safra colhida, e para chamar o vento, pois era necessário que se ventasse para que saísse o excesso de palha do feijão batido.

Outro ponto importante, era que a retirada do milho do pé era chamada de “quebrar o milho”. Este processo era realizado pelos homens, e a produção era usada para consumo próprio tanto do povo, quanto dos animais. Passado este período, as mulheres produziam bolsas de palha, cestos e artesanatos com a palha de Licurizeiro ou Oricuri (nome científico: *Syagrus coronata*) para vender e assim obter outra fonte de renda.

Figura 15 – Cestos produzidos pela indígena Luzenira Kantaruré



Fonte: Acervo do povo Kantaruré, 2021.

Com o trabalho coletivo e o respeito aos saberes sagrados, os indígenas Kantaruré no passado conseguiam plantar diferentes grãos no período indicado pelos mais velhos, o que garantia a colheita de milho, feijão, abóbora, mandioca e melancia, não só para o sustento de suas famílias como para o consumo próprio e dos animais.

Algumas destas técnicas de manejo apresentadas ainda são aplicadas em diversos tipos de plantios e ainda são utilizadas nos dias de hoje, embora tenham sido introduzidas ao longo do tempo ferramentas que foram facilitando o plantio e a colheita de grãos. O artesanato que é produzido a partir das sementes e frutos não só permite a possibilidade de outra fonte de renda como também a preservação da cultura do povo Kantaruré.

MANEJO, PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PLANTIOS AGROFLORESTAIS NO TERRITÓRIO KIRIRI

1. POVO KIRIRI

O Povo Kiriri vive na Região Nordeste do Semiárido Baiano no Município de Banzaê no estado da Bahia, designado pelos Tupi como um povo “calado” e “observador”, constitui hoje um grande exemplo de luta para outros povos indígenas localizados na região Nordeste do país (Bandeira, 1972).

No início do século XVIII, foi a época da doação dada por parte do então rei de Portugal, de uma légua em quadra de terras à todas as aldeias do sertão com mais de cem casais, fruto de solicitações constantes por parte dos jesuítas face aos conflitos decorrentes da expansão da pecuária, em especial com sesmeiros da região que interferiam com certa freqüência/frequência na administração dos párocos das aldeias ali constituídas (Bandeira, 1972).

Assim, Saco dos Morcegos, uma das quatro aldeias kipeá-kiriri fundadas pelos jesuítas, com uma população então estimada em 700 casais, foi delimitada como havia sido determinado, ou seja, a medida de uma légua de sesmaria (6.600 m), do centro à todas as partes, isto é, conforme o costume da época, da igreja missionária aos oito pontos cardeais e colaterais, formando um octógono regular de 12.320 ha (Bandeira, 1972).

O Alvará régio que regulamentou o processo de doação não se constituiria, contudo, por si só durante muito tempo em um instrumento eficaz de garantia dos índios à posse dessas terras, pois, após a expulsão dos jesuítas em 1756, Saco dos Morcegos seria elevada à vila (em 1760), adotando a denominação atual de Mirandela (Bandeira, 1972).

A história da reconquista de Mirandela é uma história que

tem suas raízes no século XVI, quando colonizadores portugueses invadem suas terras. Em 1700, através de um alvará régio, foi doado aos Kiriri um território de 12.300 ha, o equivalente a uma légua em quadra, em forma de octógono, (Cortês e Motta-2000, pag.05).

2. TERRA E TERRITÓRIO KIRIRI

O Povo Kiriri foi massacrado, humilhado, desprezado e sofreu com maus tratos dos posseiros, enquanto os não índios destruíam as matas tirando a madeira e fazendo pastagem com grandes destruições, negavam o direito do povo à sua terra originária, as famílias passavam fome, outros iam trabalhar em péssimas condições para o próprio opressor para conseguir seu alimento, uns ainda tinham um pedaço de terra e cultivam seus legumes, já outros se desgostaram e saíram para outras cidades povoadas em busca de uma vida melhor.

Diante de todo esse sofrimento não desanimaram, ele só fortaleceu para a tarefa mais importante que era lutar pelos seus direitos, conservar e preservar a biodiversidade do território e um pedaço de terra para plantar seus legumes e obter alimento para sustentar suas famílias. Porém o Povo Kiriri precisava se valer de seus conhecimentos tradicionais para preservar tanto a natureza, o uso adequado e saudável do solo, como dos alimentos que conseguia plantar, como as sementes que seriam usadas no próximo período das plantações, pois não se usava agrotóxico ou outro produto químico para manter uma semente ou planta saudável para fazer a plantação no período e tempo certo para cada semente.

Atualmente, o Território Kiriri tem uma diversidade de vegetais e animais que apresenta muita importância para o nosso povo. Desde nossos ancestrais, a mata já era usada como morada dos encantados. As espécies vegetais nativas, tais como candeia, quipé, caatinga-de-cheiro, alecrim, brinquinho, cajuí, marcela, genipapo, licurizeiro, umbuzeiro, sacio-de-coroa, jurema-preta, sabiá, espinho de coroa, apresentam valores socioeconômicos,

estéticos e ambientais, como mel, pólen, biojóias, artesanato, pinturas corporais, etc. As espécies animais, como o tatu, teiú, jiboia, papagaio, jacu, arancuam e abelhas nativas, fornecem fonte de alimentação e medicamentos naturais. Nossos pajés utilizam os recursos da floresta para curas, rituais indígenas, danças (toré), comemorações da comunidade (comemoração da retomada e outras datas importantes).

Apesar dessa importância para o nosso povo, a mata e toda sua biodiversidade apresenta-se ameaçada por vários fatores: caçadores oportunistas ou ocasionais, retirada de madeira de forma indiscriminada, inclusive aquelas ameaçadas de extinção (massaranduba, aroeira, braúna), o manejo de espécies para o artesanato ou medicamento sem o devido cuidado (por exemplo, o licurizeiro e o manacá). Aves, como o papagaio, utilizam as 'grotas' e serras para agasalharem e para alimentação.

3. OS PLANTIOS AGROFLORESTAIS

A conservação da vegetação no Território Kiriri sempre foi uma preocupação dos anciões, de modo que os plantios na terra sempre foram revezados para plantar milhó e feijão, respeitando as árvores como sombra. O plantio de hortas, que é utilizado o esterco de gado, galinha, folha e galhos de planta são práticas muito comuns usadas pelo Povo Kiriri. Assim como o plantio de árvores frutíferas e medicinais. A preservação da vegetação resulta nos benefícios da agrofloresta: a biodiversidade de animais, a recuperação da fertilidade do solo e das nascentes, entre outros.

4. MANEJO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA

4.1 FRUTAS NATIVAS DO TERRITÓRIO KIRIRI



Autora: Cléa Maria de Jesus Kiriri.

O Murici é uma planta muito conhecida tradicionalmente aqui na nossa Aldeia Kiriri Mirandela, ela cresce aproximadamente 3 m de altura com tronco cilíndrico fino, com folhas verdes e rígidas, com flores de coloração alaranjadas. Ela aflora de janeiro à março, depois vem os frutos que os Índios vão colher para utilizar como alimentos de sobrevivência, como suco e outras coisas mais. Como nossos antepassados não tinham o que comer, sempre procuravam frutas nativas e na época da colheita do Murici, os índios saíam para procurar nos locais como nas barreiras ou nos rasos, lugares muitos comuns de encontrar a fruta. Para fazer farofa eles pegavam o murici, colhiam, depois botavam para secar. Quando o Murici estava quase seco eles pegavam e botavam dentro de um pilão para pisar, depois de pisado misturavam com um pouco de farinha e açúcar para comer juntamente com seus filhos, para que não morressem de fome, pois naquela época ninguém tinha nada para se alimentar. Visto que era através das frutas nativas que os povos Kiriri se alimentavam e alimentavam seus filhos. O Murici é muito importante para nós indígenas, aqui além dela ser uma fruta nativa, também serve para fazer remédios caseiros, como fazer o chá das folhas para acalmar os nervos, serve como limpeza de organismo, e com a raiz do Murici pode-se fazer o chá para combater a tosse e bronquites.

O LICURIZEIRO

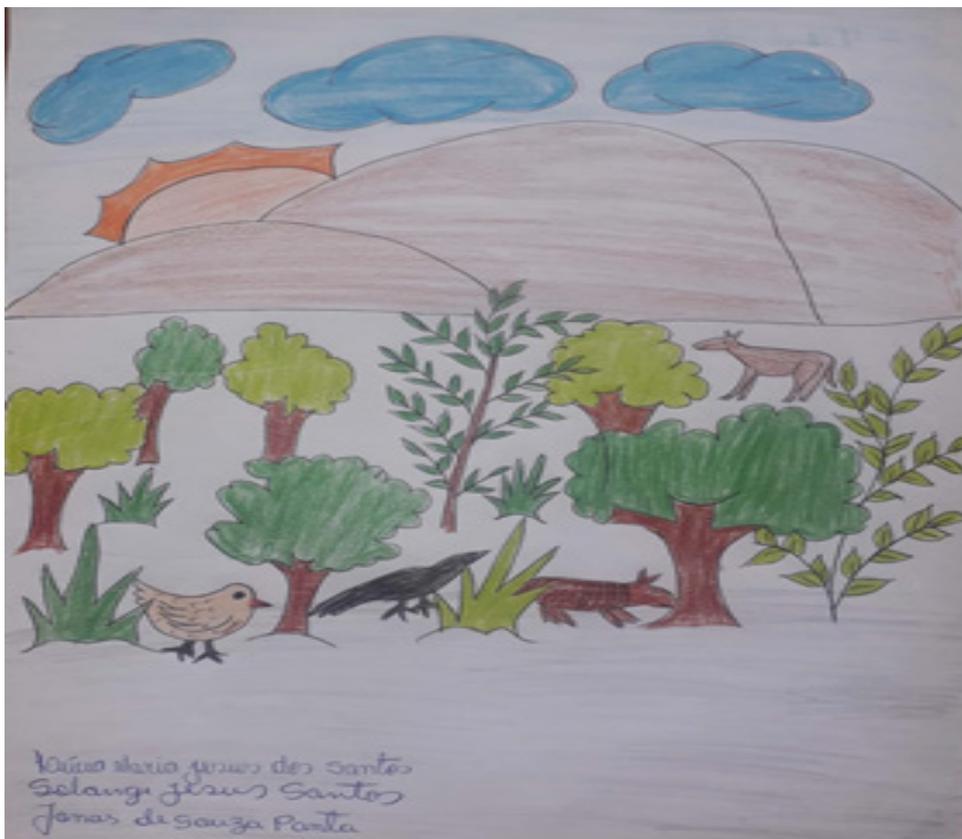
O Licurizeiro é uma planta muito conhecida no nosso território, ela é encontrada principalmente nas grotas e é uma espécie de planta muito conservada pelos indígenas Kiriri Mirandela, em razão de ser utilizada na produção do artesanato. Seus galhos são utilizados para fazer a cobertura de palhoças e também chapéu, abano, esteira, tanga, cocar, bocapiu, bolsa, cestas; também utilizamos a fibra para a produção de sutiã, rede, tanga, pulseira, bolsa, cestinhas e dentre outras coisas.

O seu fruto é muito utilizado como alimento para nós e os animais que vivem no território. Nossos antepassados, nossos bisavós e avós retiravam o palmito do Licurizeiro para comer, e a madeira também era aproveitada para fazer farinha chamada de Brô, nessa época servia de comida para os Índios porque se eles não a comessem morriam de fome já que não tinham outra coisa para comer, naquele tempo tudo era difícil. Por isso que essa planta tem um significado muito importante em nossas vidas como povos indígenas, ela é um símbolo muito significativo porque dela vem o nosso o sustento, as nossas vestes, a nossa identidade e a nossa cultura.

Os anciões dizem que a folha do Murici serve para fazer o chá para as pessoas que não estão se sentindo bem, tipo quem está estressado é só pegar três galhinhos do Murici e fazer o chá e tomar para relaxar a mente. Já a água (líquido) da fruta do Licuri novo serve para colocar nos olhos de quem está com problemas de visão, que não conseguem enxergar direito, visão embaçada ou turva, a chamada “vista curta”, este líquido serve para limpar a visão.

4.2 CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO NO TERRITÓRIO KIRIRI

A preservação e a conservação da vegetação são fundamentais para a vida em nosso planeta, os animais e demais seres dependem da mata para sua sobrevivência. O nosso planeta e nossas florestas estão sofrendo um grande impacto ambiental em relação ao desmatamento, principalmente da forma ilegal.



Desenho por: Lúcia Maria de Jesus dos Santos, Solange Jesus Santos e Jonas de Souza Panta - Kiriri

A retirada da vegetação constitui um grande impacto ambiental, porquanto ela é muito importante já que protege o solo das precipitações, portanto, sem a proteção das árvores o solo é facilmente carregado, assim dá origem ao processo de erosão.

O nosso país é muito rico de matas, porém nos últimos anos vem sofrendo com o grande número de desmatamento, nesse sentido, povos indígenas são de grande importância para a preservação do seu meio de convívio e da natureza, pois tem uma relação de respeito para com todas as vidas que habitam a natureza.

Aqui em nossa aldeia há muitos anos não tinha a vegetação que temos hoje, a terra está alegre, pois está protegida. Na mata os índios caçam, buscam seus alimentos e, principalmente, buscam o seu remédio através das ervas medicinais. O Povo Kiriri vive em harmonia com a natureza, porque é na mata que encontramos vários tipos de plantas nativas. A natureza é muito importante para o nosso povo, é nela que fazemos concentração espiritual e cultural.

A vegetação nos fornece tudo que precisamos para nossa sobrevivência, seja na parte da medicina natural e também na alimentação. Na produção e colheita comunitária e familiar do nosso povo. No entanto, nós Povo Kiriri orientamos os demais da comunidade sobre a importância da conservação de nossa vegetação, dado que em momentos de qualquer retirada de alguma matéria prima da nossa mata, temos que estar atentos para não ocorrer o uso inadequado da vegetação e dos recursos naturais do nosso território. Fornecendo-nos uma interação com a natureza, fortalecendo assim, os nossos costumes, a cura e a ancestralidade do nosso povo.



arte: Juliana

Curiosidade

Você sabia que a vegetação atrai a chuva?

4.3 O MANEJO DA MANIBA (Caule da Planta da mandioca)

Tradicionalmente um dos alimentos que o nosso povo utiliza é a mandioca, que serve como fonte de renda para as famílias. Os mais velhos da comunidade têm o conhecimento e a experiência do manuseio correto para fazer o plantio de mandioca, assim como o tempo certo para a colheita.



Desenho por: Ivanilton Panta Leão dos Santos - Kiriri.

De acordo com esses conhecimentos tradicionais, a maniba (parte do caule) pode ser plantada em qualquer mês do ano, exceto dois que são junho e julho. Esses dois meses não servem para se plantar porque a planta não desenvolve a raiz da mandioca, apenas das raízes normais como de qualquer planta. O terreno onde a mandioca será cultivada deve ser de enxurrada ou arenoso para que as raízes cresçam com melhor qualidade, e depois de três semanas plantadas, devem começar a fazer a limpeza da roça para que o mato não prejudique o desenvolvimento da mandioca.

Para saber o tempo da colheita, só depende do tipo de mandioca que foi plantado, a exemplo: se for a mandioca branquinha, deve-se fazer o arranque depois de seis meses do plantio, já a mandioca alagoana, a colheita deve ser feita depois de um ano após o plantio. A maioria que cultiva a mandioca sempre espera as temporadas de chuvas para começar a plantar em suas roças, preparam o terreno adequadamente para que tenham uma boa colheita e posteriormente fazer as farinhadas que todos gostam. Além disso, os Kiriri conhecem as propriedades da mandioca como ração animal e isso tudo permite reconhecer a história de luta de nosso povo, preservando nossas culturas, respeitando as atividades e as características culturais do nosso povo. A mandioca é fundamental na alimentação do nosso povo, e é cultivada em todo território Kiriri no município de Banzaê (Bahia).



Desenho por: Ivanilton Panta Leão dos Santos - Kiriri

A mandioca ralada serve para colocar no munzuá (um tipo de cesto feito de cipó) para pegar peixe.

Curiosidade

Você sabe o que é susú e como ele é feito?

4.4 MANEJO E CULTIVO DA ABÓBORA NO TERRITÓRIO KIRIRI

A abóbora é um legume típico da nossa região, é um alimento que sempre esteve presente na culinária do nosso povo, além de ser um alimento saboroso, ela tem muitos benefícios, contém diversos nutrientes e é rica em vitaminas A e C. Nosso povo sempre fez o plantio da abóbora em suas roças e a tem como um alimento tradicional para o sustento de suas famílias, costumava comer com leite, açúcar e até mesmo com água, a depender do tempo e das condições. Dela se aproveitava tudo, até as sementes eles juntavam em uma vasilha e deixavam secar no sol, torravam e comia tendo-a como um alimento digestivo.

Para o povo Kiriri das comunidades de Mirandela, Marcação e Pau-Ferro é de grande importância preservar e conservar este legume tradicional, para isso é preciso conhecer diversos manejos e práticas, como por exemplo, saber o tempo certo para ter uma boa plantação e colheita. O povo da nossa aldeia tem o costume de plantar na primeira quarta feira de cinzas e também em períodos de trovoadas, assim pegará os tempos mais chuvosos da aldeia.



Desenho por: Edivania Batista Almeida - Kiriri

Para ter uma boa plantação é preciso saber o tipo de terreno certo, como de costume, e utilizar conhecimentos do nosso povo. Seu plantio deve ser em terrenos inclinados e em terrenos queimados, ou seja, em solo forte, assim o solo enriquecerá a produtividade da planta no decorrer da sua germinação. Durante a plantação é colocada duas sementes em cada cova. No entanto, é preciso preservar alguns cuidados: ao nascer após quinze dias é preciso capar (tirar) partes das ramas, tirar as primeiras ramas que são crescidas rapidamente, assim a abobreira enramará e colocará muitas abóboras bonitas e saudáveis. Outros cuidados que devemos ter é que quando a abobreira estiver brotando não devemos passar por cima da rama, nem mostrar com o dedo, pois, de acordo com os saberes dos mais velhos (anciões), ela pode pecar, ou seja, aquele figo não fornecerá boa abóbora. Após a sua colheita, ao tirá-las para comer, tiram as sementes e para manter elas bem preservadas para o próximo plantio deve-se ter alguns cuidados na hora de guardá-las e as mantê-las conservadas, o ideal é que pegue-se as sementes e misturem-nas com cinzas e coloquem-as em cabaças (fruto grande, com espessura resistente) ou moringas (feita de barro) deixando-as em ambientes arejados até o período da próxima plantação.

Curiosidade comunitária

Não plantar com a barriga cheia, pois a abóbora terá muito fato e pouca carne. O ideal é que quando for fazer a plantação das sementes a pessoa esteja com fome.

4.5 O MANEJO E O CULTIVO DO AMENDOIM DO POVO KIRIRI

O amendoim é um legume cultivado pelo povo Kiriri a gerações. É um alimento que os nossos antepassados usavam para o consumo de subsistência e era obtido como uma fonte de renda familiar na comunidade. Eram feitas trocas desse legume, geralmente usando as medidas de litro ou medidas de caixote (feito de madeira), prato, lata e cuia (feita de cabaça ou moringa), eles também faziam trocas por outros tipos de alimentos com outras pessoas, principalmente com os não índios, ou seja, os fazendeiros vizinhos. O amendoim hoje é cultivado por poucas pessoas da Comunidade, em pequenas quantidades, pois nos dias atuais é um alimento de pouco consumo.

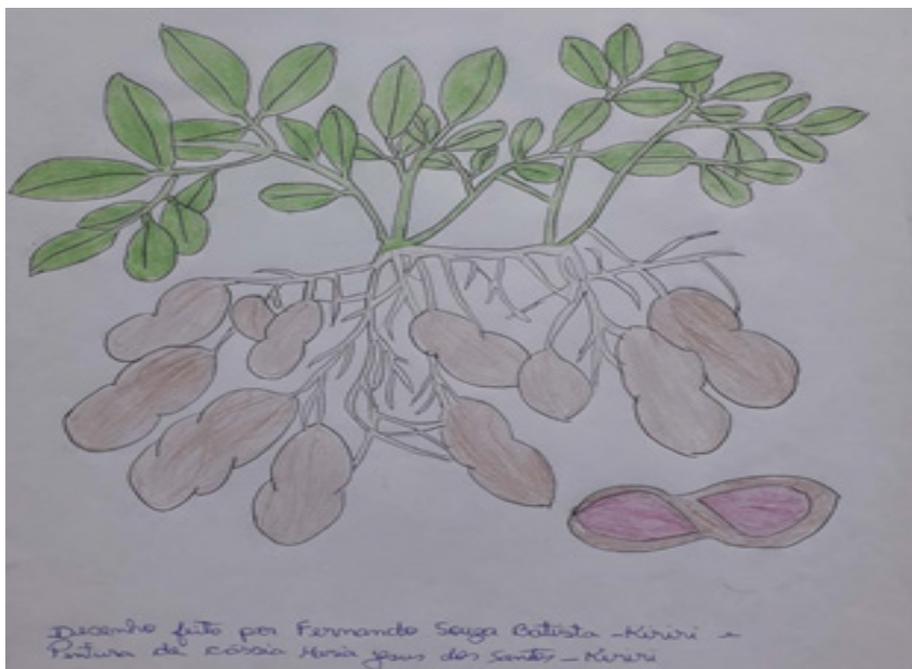


Desenho por: Maria do Socorro Souza Santos - Kiriri

Para plantar o amendoim tem que ser em um terreno arenoso, em uma terra que nunca tenha sido plantada ou que esteja descansada e ter o cuidado diário para se tiver uma boa colheita. O plantio do amendoim é feito uma vez no ano, entre os meses de Março e Abril, porque é o período das trovoadas, esse plantio deve ser em um terreno arenoso para que sua produção seja boa. O plantio é feito de 2 ou 3 grãos por covas com espaçamentos de 50 cm ou mais, após 3 semanas do plantio faz-se a primeira limpeza, sempre colocando terra no pé da planta, para que as vagens cresçam cheias de grãos e após passar o tempo de florada da planta, faz-se uma segunda limpeza na plantação, sempre colocando terra no pé da planta.

O tempo para sua colheita varia de três a quatro meses, porém não se pode deixar passar muito tempo para colher, pois os grãos podem vir a germinar novamente. A colheita do amendoim consiste em arrancar a planta para tirar suas vagens que são presas à raiz, sendo, às vezes, necessário escavar o local para tirar algumas que se soltam da planta durante a colheita.

Após a colheita, o amendoim é vendido de forma cozida ou somente a semente crua, também é utilizada para o próprio consumo ou transformado em outros tipos de alimentos, doces e etc. A venda é feita na aldeia e fora das Aldeias como nas feiras livres da cidade. Para conservar a semente do amendoim deve-se deixar no sol por três dias, no máximo, com a vagem, para secar bem, depois colocar em um local arejado que não tenha umidade, evitando pegar mofo e a perda da semente. Quando for a época de plantação, tem que retirar as sementes da vagem para plantar.



Desenho por: Fernando Souza Batista e Cássia Maria Jesus Santos - Kiriri

Experiências do Povo Kiriri sobre o plantio do amendoim

- Jogar as cascas do amendoim na estrada para o povo passar por cima serve para que na próxima plantação se tenha uma boa colheita;
- Não pode plantar o amendoim dando risada, pois a plantação pode nascer com falhas (poucas nascem);
- Mulheres no período menstrual não podem passar pela plantação, pois a produção pode não vigar;
- Quando a plantação estiver na época de flor não se pode passar pelo meio dela, vestido de vermelho para não pecar e ficar (xoxas);
- Não pode soltar pum, quando estiver plantando para não ter uma produção ruim.

4.6 CONSERVAÇÃO DE SEMENTES PARA O POVO KIRIRI

A conservação de sementes do povo Kiriri, ocorria de maneira tradicional, pois eles tinham o conhecimento de quando iria o correr a próxima plantação, quando eles iam precisar novamente das sementes para um novo plantio.



Desenho por: Adriano dos Santos de Souza - Kiriri

As sementes utilizadas nos plantios eram: feijão, milho, quiabo, abóbora, melancia, andu (espécie de semente nativa), fava, feijão de corda e amendoim. Para conservação das sementes, fazia-se um caixão ou caixote com tabas de madeira de cedro, para lacrar as fissuras das tabas por dentro passava-se uma mistura de bosta de vaca ou tauá (tinta natural) e deixava secar ao sol e colocava-se as sementes dentro, queimavam o cupim e usavam a cinza para misturar junto as sementes e lacravam o caixão. Assim conserva as sementes, abrindo no ano seguinte, esse processo evitava de dá gorgulhos nas sementes.



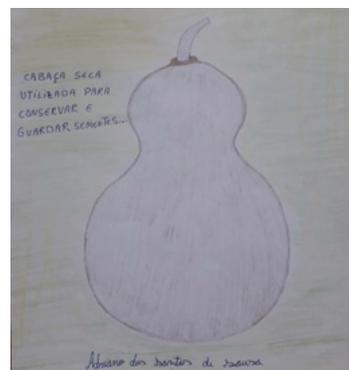
Desenho por: Adriano dos Santos de Souza - Kiriri

Também se utilizava cabaças como recipientes para guardar as sementes. Outro método de conservação de sementes que fora antes utilizado era quando cavavam um buraco no chão em formato retangular ou quadrado, longe de qualquer umidade, na casa ou nas tocas (lugar escavado na serra como local de morada) e colocavam as sementes bem secas e cobriam com areia de enxurrada ou um areia bem fininha encontrada no pé de serra, bem enxuta. E assim colocavam em camadas, uma de cada vez, até que as sementes estivessem todas cobertas com a areia. Algumas sementes eram conservadas na própria palha ou casca. Ou em saco feito da palha da pindoba (palha da licurizeira).

OUTROS MÉTODOS DE CONSERVAÇÕES

Para a conservação da semente de mandioca e batata doce era necessário, após a colheita, se o clima não fosse ideal para o um novo plantio, para manter a semente, os indígenas escolhiam os melhores pés de mandiocas e as melhores ramas da batata doce. Escolhiam um lugar úmido e fresco e colocavam em pé as manibas (caule da planta), enquanto as ramas da batata doce enterravam em local e jogavam um pouco de água para manter vivas as sementes escolhidas. Esperavam as chuvas de trovoadas ou as de inverno para refazer o plantio. Outros tipos de sementes (Murici e Cambuí) que vêm da natureza eram feito a coleta no período certo de forma sustentável deixando algumas para germinar novos brotos e para serem coletados no ano seguinte, para não correr o risco de acabar com os alimentos nativos.

Para saber se o ano irá ser bom de plantio, os indígenas observavam o tempo: quando as formigas e cupins voavam, se eles fossem graúdos, era um bom indicio de farturas nas suas colheitas.



Desenho por: Adriano dos Santos.

Curiosidade

Você sabia que para o Povo Kiriri os primeiros 12 dias do ano representam os 12 meses do ano? E é assim que observa-se o tempo, se vai ser ano bom ou ruim?

4.7 O MANEJO E PLANTIO DO FEIJÃO

O feijão é indispensável na vida das pessoas. Antigamente as famílias tinham ele como um dos principais alimentos em suas vidas. As famílias Kiriri começavam a realizar a plantação do feijão muito cedo, assim que caía a primeira chuva, já aproveitavam e faziam o plantio para o sustento de suas famílias e o vendiam também para comprar outros alimentos. Existem diferentes tipos de feijões para o cultivo, o feijão de corda, feijão rosinha e o feijão carioca. Temos o feijão de corda, ele é o que suporta a seca. Nós realizamos o plantio logo na véspera de São José (19 de março). Já o feijão rosinha pode ser plantado e cultivado no mesmo terreno do feijão carioca.



Desenho por: Aleson Batista de Almeida - Kiriri

A partir do mês de maio começa o preparo para o plantio do feijão, podendo ser plantado 2 (duas vezes) no ano, considerando a melhor época de plantio no mês de maio, pode também ser plantado no final de junho, cultivando sementes de qualidade e sem queimaduras do sol. Já em Junho pode ser que o tempo ajude sendo ele chuvoso demais ou ensolarado, produzindo uma semente não tão saudável.

Para isso vinha o preparo do terreno, o solo era limpo com a enxada e o mato servia de adubo para plantação, alguns faziam o preparo do solo com arado por dois touros, eles iam arrastando um arado com uma pessoa guiando-o e outra puxando os bois. Depois do terreno pronto, 2 (duas) ou 3 (três) pessoas iriam plantar o feijão, uns iam cavando e as outras plantando cada cova com profundidade de no máximo uns 5 centímetros e cada uma com 2 (dois) ou 3 (três) sementes de feijão. Com uns 15 a 20 dias está bom para limpar, se passam 2 (dois) a 3 (três) meses para poder arrancar e logo depois bater.

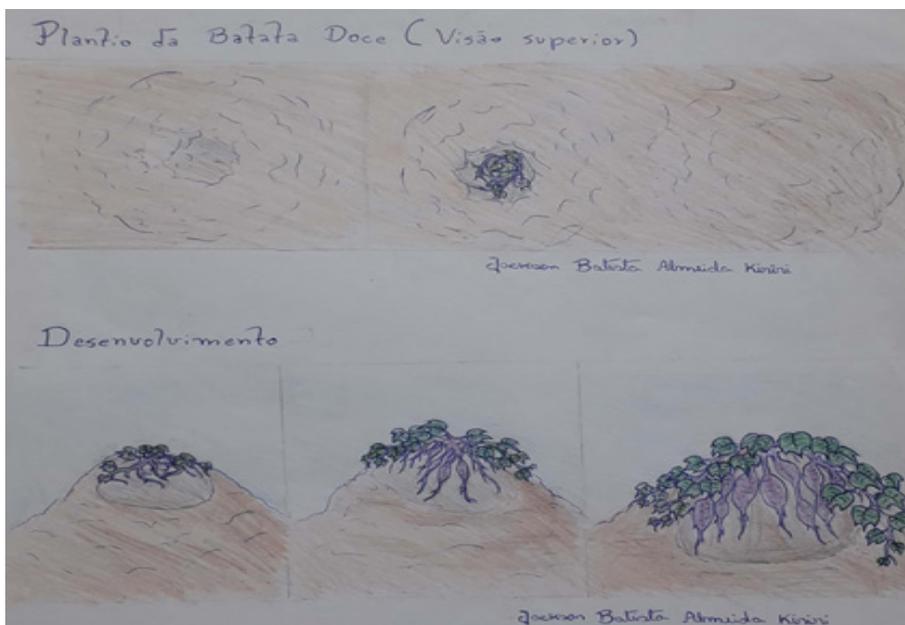


Desenho por: Aleson Batista de Almeida - Kiriri

4.8 O MANEJO DA BATATA DOCE

O Povo Kiriri-Mirandela, desde os nossos antepassados, vive da agricultura, tendo uma rica diversidade de plantações que historicamente vêm sendo cultivadas, bem como os costumes tradicionais específicos do povo que são voltados à plantação e são repassados de geração a geração. Dentre as plantações se destacam dois tipos de batatas, sendo um tipo específico muito cultivado e apreciado pelo seu sabor, por ser uma batata mais adocicada, a conhecemos como batata roxa, muito presente, em nosso cardápio, rica em vitaminas A, C e E. Ela faz parte da alimentação tradicional do povo Kiriri-Mirandela, consumidas assadas ou cozidas, sendo fonte da herança dos nossos antepassados.

A batata branca, por sua vez, é menos adocicada e requer um pouco mais de tempo até estar pronta para consumo. Segundo as informações dos anciões, quando a índia se encontra no período menstrual, o que na aldeia conhecemos como o período em que a mulher está de corpo aberto, não é aconselhável consumir a batata roxa, pois a mesma pode aumentar o fluxo sanguíneo da mulher, de forma a prejudicar à sua saúde. Geralmente o período do plantio da batata branca é mais comum no inverno, no qual envolve todo um processo de manejo da terra, até a escolha do solo adequado, pois, de fato, envolve os saberes tradicionais, contribuindo para o seu melhor desenvolvimento e produtividade.



Desenho por: Jackson Batista de Almeida

O processo de plantio envolve um devido cuidado e respeito para com a terra, necessariamente para o local adequado é preciso antes de plantar a rama, revirar a terra por diversas vezes, formando uma espécie de pila (tumba) de areia, até o solo ficar arenoso para a plantação, de forma que quanto maior o cuidado, maior será a produtividade. Após três meses em diante, a mesma está pronta para o consumo, sendo que ao retirar as batatas não se podem utilizar objetos cortantes, mas sim retirá-las da terra com o uso das próprias mãos, atentamente tomando os devidos cuidados para não as machucar ou danificar as ramas.

Ao concluir a colheita repete-se todo o processo inicial, porquanto do mesmo pé de hortalíça, após a retirada da raiz, é possível manuseá-la, de forma que venha a fornecer, com o passar de um determinado período, o alimento muito consumido até os dias atuais. Sendo que esse processo com a rama pode ser feito, no mínimo, três vezes a cada colheita. Para uma melhor produtividade é preciso que venha a ser feito uma adubação no mesmo solo, sem uso de agrotóxicos ou por ventura a plantação das ramas pode ser feita em outro local para o descanso da terra.



Desenho por: Jackson Batista Almeida - Kiriri

Segundo os anciões da aldeia de Mirandela, Marcação, Gado Velhaco e Pau Ferro, a rama da batata cozida é utilizada na medicina tradicional do índio, na cura de enfermidades, como por exemplo, da doença conhecida na aldeia como Ezipela (manchas avermelhadas na pele, podendo apresentar febre).

4.9 O MANEJO E PRODUÇÃO DO MILHO

O milho faz parte da cultura indígena e é um dos alimentos mais importantes para nós Kiriri, pois serve de comida não só para os animais, mas também para o povo que o utiliza de diversas formas. O povo Kiriri consegue identificar o período certo para essa plantação, dos cuidados adequados com a terra durante e depois da colheita, além da quantidade de sementes que se deve utilizar.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



arte: Juliana

TEXTO COMPLEMENTAR

CONTO: MILHO (OS CONHECIMENTOS QUE O POVO TRAZ)

ILUSTRAÇÃO: ADRIANA P. L.SANTOS

Há muitos anos havia uma tribo pertencente à Etnia Kiriri, nela habitavam vários índios, cujo sustento das famílias eram a plantação de milho. Era uma tribo muito pequena, todos trabalhavam de forma coletiva, estavam sempre preocupados uns com os outros.

Um dia, o índio João chamou o jovem índio José para plantar milho na roça dele.

- E aí José, vamos para a roça plantar milho?
- Plantar milho!?! E já é tempo João?



- Sim! Estamos em maio, na época de São José. É tempo bom para plantar.
- Então vamos!

E lá se foram os dois, começaram a limpar a terra com a enxada. José era bem desengonçado, mal sabia arrancar o mato da terra. Mas mesmo assim não desistia. João começou a cavar as covas e José logo atrás colocando o milho na cova e enterrando. José jogava um caroço e enterrava, jogava outro caroço e enterrava, jogava o caroço e enterrava. Até que uma hora João olhou para traz e viu o que José não estava plantando como deveria ser.

- Ôoo José, pera aí, por que você só está colocando um caroço de milho? Menino do céu! Desse jeito não vamos ter nada para colher.
- Como assim João? E não é só um não? É assim que eu planto em casa.



- Nunca vi isso. E por caso nasce algum, José?
- Não!
- Então, José! A semente apodrece, é por isso que no final da colheita você não tem nada para colher. Minha guerreira sempre me ensinou que devemos colocar cinco caroços na cova do milho, porque corre o risco de não nascer todos, de cinco pode nascer dois, três, quatro, se tivermos sorte, nascem os cinco caroços.
- Ah entendi! João. Pois eu não sabia não.

Os dois índios plantaram o milho. Passaram-se os dias até que o índio João foi chamar o jovem índio José para fazer a limpa do milho.

- José, vamos limpar o milho? O mato está muito grande.
- Limpar? Mas pra quê, João? Se vamos só colher as espigas.
- Como assim “para quê”, José? É preciso limpar para manter a plantação saudável e termos uma colheita farta.
- E é João?! Então vamos.

E lá se foram os dois. José começou a limpar o milho, tirava o mato e deixava arrumado no meio da plantação, ele também tirava a terra ao redor dos pés do milho. Vendo aquilo João lhe disse:

- Ô José, não deixe o mato empilhado que ele vai reviver, sacuda o mato com os pés e deixe espalhado que desta forma o mato não vai pegar de novo. E jogue terra no pé do milho que é para sustentar o caule.



Sucederam-se os meses e os milhos cresceram, amadureceu e obtiveram uma plantação vistosa, dava gosto de ver tamanha roça que plantaram. E José aproveitou para ir pegar algumas espigas, para comer, fazer mingau e cuscuz. Pegou algumas espigas e foi para casa, chegando lá assou três espigas e comeu. Não demorou muito, José saiu correndo para o mato com uma dor de barriga tremenda, passou o dia todo indo e voltando do mato. No dia seguinte foi dizer a João que havia alguma coisa errada com o milho porque fez mal a ele. Ao ouvir o que tinha acontecido, João caiu na gargalhada. E José ficou sem entender o motivo da gargalhada.

- Oh João, por que está rindo? Eu passei o dia todo às carreiras para o mato, a dor de barriga foi muito forte.
- Hahahaha... Olha José, me desculpa, mas foi engraçado.
- Engraçado nada João, tem algo nesse milho, o que foi que você colocou nele?
- Não tem nada de errado com o milho, José. O problema é que você não deixou o milho assar direito. Aliás, você fez foi sapecar o milho. É isso que acontece quando come milho sapecado. Dá uma dor de barriga que saia de baixo.
- Ô, João! E por que que tu não me avisaste antes?
- Por que achei que você já soubesse José.
- Agora eu sei João. Não quero mais saber de comer milho sapecado.

Meses depois, chegou o dia da colheita, tiraram as espigas, arrumaram numa pilha e começaram a bater nas espigas com um “cacete”, aquele ano foi de bastante fartura para os dois índios kiriri”.

Produção: Adriana Panta Leão dos Santos – Kiriri, Simone Lúcia Panta da Hora - Kiriri, Valfranio Batista de Almeida - Kiriri

O CULTIVO AGRÍCOLA E AS PRÁTICAS DE SUBSISTÊNCIA DO POVO KAIMBÉ



Desenho produzido pelo profº Davi Kaimbé.

A relação do homem com a natureza é uma relação de dependência, principalmente para os povos indígenas, pois da natureza provém as condições para plantio e colheita dos alimentos necessários à sua sobrevivência. As práticas agrícolas desenvolvidas pelos indígenas são consideradas não apenas como técnicas de manejo, mas como parte de um modo de vida, de suas tradições, sua espiritualidade e religiosidade. O cultivo agrícola do povo Kaimbé se caracteriza pela diversidade de produtos que são fundamentais para a nossa sobrevivência: a mandioca, o feijão, o milho, a melancia, a batata doce, a abóbora, o caju, a banana, dentre outros. Além das atividades de cultivo, os indígenas atuam na coleta de espécies da mata, para artesanato, para o tratamento de doenças e para os rituais.

Com o passar dos anos e a influência da cultura dos não indígenas, o desmatamento e o uso de produtos químicos para facilitar a fertilização, ajudando a melhorar a produção dos cultivares, têm influenciado negativamente a manutenção das culturas e o modo de vida na comunidade. Que em alguns casos tentam se adaptar às transformações do ambiente, e muitas vezes a conservação do território é deixada de lado. Um dos grandes desafios para o povo Kaimbé, assim como para alguns povos indígenas e não-indígenas, é encontrar um equilíbrio entre a necessidade de preservar o meio ambiente e a de usufruir as facilidades que a atualidade proporciona. Um exemplo disso é que com a modernização das atividades agrícolas, temos como resultado uma dependência de recursos externos e uma redução na produção de alimentos tradicionalmente consumidos.

Apesar disso, o espírito de coletividade permanece ativo entre o povo Kaimbé. Até hoje é muito comum a prática de mutirões na comunidade, como, por exemplo, a raspa de mandioca, a colheita do feijão e do milho, em que as famílias ajudam umas às outras, apesar de não ser com a mesma frequência de antigamente.

PRODUTOS AGRÍCOLAS CULTIVADOS NA COMUNIDADE KAIMBÉ

A agricultura familiar é muito importante dentro da comunidade Kaimbé, pois é dela que tira-se o sustento da maioria das famílias, seja com a produção ou mão de obra nas plantações e colheitas. Além do consumo dos produtos existe também uma parte destinada à venda dos mesmos. Os pequenos lucros são investidos na melhoria das terras para o plantio, na criação de animais para subsistência e na busca de uma vida mais confortável.



Amostra dos produtos agrícolas da comunidade Kaimbé na Ação Saberes Indígenas.
Foto: Ana Clara Dantas Kaimbé.

A Agricultura Familiar tem uma boa participação na alimentação dos brasileiros, de acordo com censo agropecuário de 2017 dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários, 76,8% correspondem à agricultura familiar (3.897.408), ocupando 23% do total da área dedicada à atividades agropecuárias (IBGE, 2020).

No estado da Bahia a agricultura familiar apresentou uma produção de 427.988 de produtos de lavouras temporárias, como milho, feijão, abóbora, melancia, etc. representando cerca de 14% da produção nacional e lidera na produção de lavouras permanentes como cajueiro, manga, goiaba, etc. 157.119 de produtos cerca de 19% da produção nacional (IBGE, 2020).

Em relação à produção agrícola do Povo Indígena Kaimbé no Território de Massacará, não há um estudo sistematizado da produção anual, no entanto, foi realizado um levantamento por consulta simples aos agricultores locais que possibilitou a elaboração de uma planilha de produtos consumidos pela comunidade.

Tabela. Produtos agrícolas de culturas permanentes e temporárias existentes na comunidade Kaimbé.

Nº	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	FORMA DE CONSUMO (USO)
1	Banana	In natura, doces e geleias
2	Tomate	Saladas e culinária
3	Goiaba	In natura, sucos, doces e geleias
4	Manga	In natura, sucos, doces e geleias
5	Melancia	In natura e sucos
6	Maracujá	In natura, sucos, doces e geleias
7	Mamão	In natura, sucos, doces e geleias
8	Acerola	In natura, sucos, doces e geleias
9	Laranja	In natura, sucos, doces e geleias
10	Limão	In natura e sucos
11	Umbu	In natura, sucos, doces e geleias
12	Abacate	In natura, doces e geleias
13	Coco	In natura e culinária
14	Jaca	In natura
15	Jenipapo	Tinta corporal e licor
16	Pimentão	Culinária
17	Coentro	Culinária
18	Alface	Saladas
19	Couve	Culinárias e saladas
20	Abóbora	Culinária
21	Batata Doce	In natura
22	Mandioca	In natura e farinha
23	Milho	Grão e milho verde em espiga
24	Feijão	Grão
25	Feijão Andú	Grão
26	Feijão de Corda	Grão

O SOLO DO TERRITÓRIO KAIMBÉ



Terreno arenoso. Foto: Rodolfo Moreira Kaimbé.

O solo é um recurso natural que é responsável por abrigar as espécies vegetais e também é o meio de sobrevivência dos povos indígenas. Considerando que

é sobre os solos que as sociedades constroem suas moradias, retiram seus alimentos, trabalham e travam suas lutas, além de ser por ele que passa boa parte dos resíduos advindos das atividades humanas (Cunha et al., 2015, p. 75).

Ter conhecimentos sobre os diversos tipos de solo está vinculado com a base de sustentação do modo de vida das sociedades indígenas. Buscando consolidar as experiências vividas no território indígena, podemos observar que este saber é o que fundamenta o contexto social, cultural e econômico do Povo Kaimbé, pois, aprendemos com os nossos pais e avós a época certa para o plantio e para a colheita. Aprendemos também a esperar pela chuva que molha o nosso solo e o valor dela para que possamos ter boas sementes. Desta maneira, dentro dos 8.020 (oito mil e vinte) hectares de terra pertencentes à Aldeia Massacará existe uma diversidade de tipos de solo, possibilitando, assim, a plantação de diversas culturas e a preservação de diversas áreas.

A formação desse solo é composta de minerais e matéria orgânica (que vem da decomposição de animais e vegetais) e servem para nutrir as plantas. Através da coleta de informações com os agricultores indígenas do Povo Kaimbé, foi possível catalogar os quatro tipos de solo em nosso território: o solo arenoso, o argiloso, o humoso e o calcário.

O solo arenoso tem uma grande quantidade de areia e é pobre em nutrientes. É considerado um solo de ótima infiltração, ou seja, absorve muito a água. Esse tipo de solo é próprio para o cultivo de mandioca, batata doce e aipim, alimentos muito produzidos e consumidos em nosso território.

O solo argiloso apresenta uma grande quantidade de nutrientes e possibilita a produção agrícola, pois, após ser molhado, ele absorve a água, tornando-se mais arejado. Isso permite que a planta absorva melhor os nutrientes. O terreno é favorável para a plantação de milho e feijão, desde que a área seja plana, pois ela concentra mais umidade e nutrientes. No terreno declinado, durante o período chuvoso, ele pode concentrar uma maior parte de acúmulo de água na parte baixa, podendo perder todo o plantio.



Terreno argiloso. Foto: Débora Michele Kaimbé.

O solo humoso é também conhecido como solo escuro e é muito rico em nutrientes, devido à grande quantidade de matéria orgânica. Sendo assim, ele é bastante fértil, por isso é muito utilizado na produção agrícola. Neste tipo de solo tudo que se planta dá.



Solo humoso. Foto: Rodolfo Moreira Kaimbé.

O solo calcário é de fácil identificação, pois ele contém um grande número de pedras em sua composição. Ele é impróprio para cultivo, pois as pedras não permitem que a raiz das plantas se desenvolva. Nesse caso, são plantados milho, abóbora e palma.

PREPARO DA TERRA PARA O PLANTIO

Dentro do Território Indígena da Aldeia Massacará, o processo de preparação do solo para plantação inicia-se com a limpeza do terreno, que pode variar quanto à forma de execução: mecanizada ou tração animal. Alguns preparam a terra com o auxílio da enxada, capinando as ervas daninhas, para mais adiante fazer o processo de arar a terra. A aragem provoca a aeração das camadas, permitindo maior introdução de oxigênio e expulsão de gás carbônico, o que facilita os processos químicos e biológicos da oxigenação do solo. O próximo passo é o de gradear (gradagem é a etapa de preparação do solo para o cultivo agrícola posterior à aragem).

Com a utilização do implemento grade, os torrões são desfeitos e a superfície do solo torna-se mais uniforme e então é preparado para posteriormente acontecer o plantio. Há agricultores que já adiantam este processo com um trator ou arado manual. Esses já fazem o processo de adubação no momento em que acontece a limpeza da área, pois na medida que faz a limpeza do terreno, a vegetação arrancada serve de adubo para o solo.

Essas maneiras de preparar a terra dependem muito das condições financeiras de cada agricultor indígena, visto que alguns métodos utilizam a força animal e humana, outros métodos utilizam a força dos maquinários agrícolas. Para o Povo Kaimbé essa preparação é iniciada geralmente no mês de maio, quando começa o período chuvoso.



Aragem de Terra com o Trator. Foto: Guilherme Gonçalves Kaimbé.



Aragem de terra com tração animal.
Foto: Maria José Macedo Kaimbé.

A COLHEITA



Mutirão da limpeza da plantação.
Foto: Adelson Kaimbé.

Nas comunidades Kaimbé a colheita é feita no modo tradicional, em que as pessoas se reúnem em pequenos grupos ou formando mutirões para realizar os processos de colheita. Há um tempo os procedimentos de colher, embora fossem considerados momentos de trabalho e responsabilidade, eram regados de muita alegria e descontração, pois as pessoas ao mesmo tempo em que trabalhavam cantavam, comiam e bebiam. Hoje, infelizmente, essa tradição está se perdendo.

Embora possa ser feito manualmente, a colheita requer o uso de alguns materiais auxiliares como: enxadas, cestas de palhas para armazenar os produtos e lâminas para cortar as raízes das superfícies. A colheita é feita de acordo com cada tipo de semente, já que cada uma tem seu tempo de produção. O milho, por exemplo, em média de 3 a 5 meses já pode ser colhido, 3 meses maduro e 5 meses seco, tem toda uma ciência, quando o cabelo da espiga tiver seco já dá para colher maduro. Portanto, plantando no mês de junho ou julho, em outubro já está bom para colher.



Plantação de milho.

Foto: Antônio Macedo Kaimbé.



Despalha de milho.

Foto: Cirila Kaimbé.

O tempo da colheita do feijão leva em média de 2 a 3 meses, dependendo do tipo de semente, podemos colhê-lo maduro e seco. Então, o plantio ocorrendo no mês de maio/junho em agosto o feijão já poderá ser colhido. Com as inovações tecnológicas, a colheita de milho e feijão sofreu algumas mudanças. Embora o processo de **arrancar** os pés de feijão e espigas de milho ainda continuem sendo feitas manualmente, a **bata** desses produtos, hoje em dia, está sendo realizada com o auxílio de maquinários, o que facilitou o trabalho dos agricultores.

A batata doce também tem um período curto para se colher, em média 3 meses ou até menos. Já a mandioca demora mais tempo, por volta de um ano ou até menos dá para fazer farinha, beiju, fécula e outros. No período da colheita da mandioca fazemos multirões, que aqui chamamos de “batalhão” para retirar e raspar esta raiz tão importante para o povo Kaimbé. Nos batalhões costumava-se cantar versos para animar:



Raspa de mandioca na casa de farinha. Foto: Cirila Kaimbé.

“Eu vi a cancela a bater
vi a butina ringir
eu pensei que era que era meu bem
que já vinha me pedir.

Eu plantei um pé de espera
Nasceu um pé de esperança
Fique certo meu amor
Quem espera sempre alcança.

Eu subi naquela serra
Para ver o sol nascer
Vi o sol vi a lua
Só meu bem não pude ver.”

(Cantiga popular por Amália Benevides Dias).

Espia!

A produção de farinha e de tapioca é um método tradicional, herdado pelos ancestrais que foram os primeiros cultivadores da espécie e sua fábrica artesanal, conhecida como “casa da farinha”.



Foto: Acervo da comunidade.

CALENDÁRIO AGRÍCOLA

Devido ao território do Povo Kaimbé estar localizado no semiárido Baiano Nordeste II, as culturas com maior facilidade de serem plantadas no período das chuvas, independente do mês, havendo chuvas, tudo que é plantado pode ser colhido durante todo o ano. Dessa forma, podemos fazer a distribuição do calendário agrícola da Aldeia Massacará, fazendo a correspondência entre o mês e a atividade feita nele. Observe as imagens que representam essas atividades agrícolas que são a principal fonte de renda para os indígenas do povo Kaimbé.



Desenho produzido pelo
prof^o Rodolfo Moreira Kaimbé.

JANEIRO: PREPARO DO ROÇADO

FEVEREIRO: JUNTA DO CISCO

MARÇO: MILHO (19 DIA DE SÃO JOSÉ PARA COLHER NO SÃO JOÃO)

ABRIL: ARAGEM DA TERRA E GRADIAGEM (MELANCIA)

MAIO: MILHO, FEIJÃO E FEIJÃO DE CORDA

JUNHO: MANGALÔ, ANDÚ, FAVA, MAXIXI E BATATA DOCE

JULHO: ABÓBORA E FEIJÃO MADURO

AGOSTO: MANDIOCA E AIPIM

SETEMBRO: COLHER MILHO SECO

NOVEMBRO: CAJÚ

DEZEMBRO: MANGA E JENIPAPO.

TEXTO COMPLEMENTAR

CORDEL AGRÍCOLA KAIMBÉ: OS MESES E SEUS CULTIVOS

O nosso território fica
No semiárido baiano
Onde tudo que é plantado
Colhemos durante o ano.

Em janeiro faz-se o preparo
Do roçado como chamamos
Juntando aquele cisco
E em fevereiro queimando.

No dia 19 de março
Já é uma tradição
De quem planta milho em são José
Colherá em são João.

Em abril vem as aragens
Das terras a preparar
Para o plantio do feijão
Que aqui não pode faltar.

O mês de maio é riquíssimo
É tempo de se plantar
Milho, feijão e feijão de corda
Para todos alimentar.

Junho é um mês chuvoso
Você poderá plantar
Maxixe, fava e andú
Pra depois saborear.

Nossa terra é muito fértil
Plantando de tudo dá
Veja no mês de julho
O que devemos plantar

Podemos plantar abóbora
Tomate e maracujá
Fala de um velho sábio
Da aldeia massacará

Disse um ancião indígena
Qual o dia de plantar
Mandioca e aimpim
Que é a hora que a maré dá.

É dia de quinta e sexta foi assim
É que escutei

Que é das 10:00h ao meio dia
E agosto é o mês

Até o mês de setembro
Você poderá plantar
Mandioca e aipim
Que farinha boa vai dar.

Falamos aqui do plantio
Agora vem a colheita
Do milho e do feijão
Uma combinação perfeita

Setembro tem milho maduro

Usamos em várias receitas
Gostoso assado na brasa
E a canjica é perfeita

Em outubro o milho tá seco
Pronto para quebrar
Bater e colocar no sacco
E a galinha alimentar

Em novembro tem cajú
Época de se alegrar
Torrar bastante castanha
E no umbú misturar

Fazendo aquela umbuzada
Que é tradição aqui
Pra tomar com o arroz
Feito com o licuri

O mês de dezembro fica
Pra fazer uma festança
Correr para aldeia ilha
E colher bastante manga.

Esse grupo foi composto
Por seis cursistas a seguir
Ainan, bruno e diego
Elizete está aqui
Glauca e vilma dantas
Encerramos por aqui!!!

Por Vilma Dantas

TEXTO COMPLEMENTAR

CORDEL: MINHA ALDEIA É ASSIM

Minha aldeia é assim

Do jeitinho que vou falar
Uma agricultura rica
Plantando de tudo dá

Já dizia meu avô
Chegando o mês de maio
Comece logo a plantar.

O milho e o feijão
Aqui não pode faltar
Andu e feijão de corda
Vale a pena cultivar
Mandioca e aimpim
Cultivamos com frequência
Na aldeia massacará.

Na época do mês de junho

É grande a animação
Milho assado e canjica
Mantendo a tradição
E tem também o jenipapo
Para fazer o licor
Na noite de São João.

Temos um rio bonito

Na localidade ilha
Onde rega várias plantas
Dia e noite, noite e dia
Bananeiras e mangueiras
Fazem o abastecimento
Fazendo nossa alegria.

São tantas coisas importantes

Que temos para falar
Desde o tempo do meu avô
Que vale a pena lembrar
Da colheita do feijão
Que era um batalhão
Na hora de arrancar.

A mesma coisa era o milho

Na hora de ir quebrar
Juntavam várias pessoas
Que amavam ajudar
Formava um grande círculo
Todos em volta do milho
Na hora de espalhar.

Hoje o serviço é feito
Com máquinas e não à mão
Tanto para bater o milho
Quanto para bater o feijão
E ficou só na lembrança
Aquele trabalho feito
Em forma de batalhão.

Aqui também cultivamos
Abóbora e batata-doce
Maxixe e bangalô
Quiabo e maracujá.

É por isso que repito
Que terra boa nós temos
Na aldeia massacará.

Estamos no tempo certo
De começar a plantar
Temos também os festejos
Aqui do nosso lugar falando
Do novenário da santíssima trindade
Padroeira do lugar.

Despeço-me por aqui

Fazendo minha oração

À santíssima Trindade que nos dê a
proteção que sempre nos ilumine para
seguirmos em frente com a nossa tradição.

Vilma Dantas – Professora

O MANEJO AGRÍCOLA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO OESTE BAIANO

Desde a pré-história, cerca de 10.000 a.C., que o homem vem elaborando e adquirindo conhecimentos sobre o cultivo de seu próprio alimento. A técnica de cultivar o solo para produzir alimentos chama-se agricultura. Nesse sentido, a agricultura foi a fórmula exata de extrair informações necessárias para obter nutrientes e insumos de grande importância para a subsistência dos seres vivos. Vivemos em um mundo cuja constante necessidade de se preservar os recursos naturais ao nosso redor é imprescindível. Para tanto, enquanto povos tradicionais, devemos manter a nossa cultura, que foi repassada de geração em geração, viva, dado que é através dos ensinamentos deixados pelos nossos antepassados do uso sustentável da terra que conseguimos tirar o nosso sustento. Deste modo, apresentamos o manejo agrícola dos povos indígenas do oeste da Bahia.

Agricultura Na Aldeia Kiriri Do Muquém Do São Francisco

A Aldeia Kiriri de Muquém do São Francisco é uma comunidade indígena que está localizada às margens do rio São Francisco – Bahia, próximo à BR 242, a 5 quilômetros da cidade de Ibotirama-Ba. A comunidade encontra-se na região do oeste baiano, ocupando 62 hectares de terra. Lugar de clima quente cujo bioma predominante é a Caatinga.

Na comunidade Kiriri de Muquém, o plantio ocorre algumas vezes em forma coletiva, onde os grupos formados costumam plantar mandioca, milho, feijão, melancia e abóbora. Primeiro o grupo faz a preparação da terra, desmatando e queimando os matos, logo após faz a aração da terra para o plantio. Em relação à forma de irrigação, costumam-se



Plantio de feijão. Foto: Claudenice Clotildes, 2021.

usar as valetas e o sistema de gotejamento.

Tem também algumas mulheres que plantam hortaliças e a preparação da terra já é diferente da dos homens, porque primeiro elas fazem a limpeza do terreno e fazem os canteiros; depois elas costumam fofar a terra com a enxada e fazer a mistura da terra com os esterocos; para molhar costuma-se usar regadores. E para combater as pragas que aparecem, costuma-se fazer o uso de produtos naturais como: o sumo da folha do ninho, a borra de café, casca de ovos e também cascas de verduras, além de folhas que servem para a adubação. Isso ajuda tanto no combate às pragas como também para deixar o produto mais bonito. Os principais produtos produzidos são: Mandioca, feijão, milho, batata e hortifrútiis.



Preparo do solo pelas mulheres, 2021/Foto: Andreia Quinane.

As formas de comercialização dos produtos são diferentes umas das outras. Os grupos dos homens usam o transporte comunitário e, além de venderem seus produtos na comunidade, também vendem na feira livre. Ao fazer todo esse procedimento, os agricultores tiram uma boa parte dos alimentos plantados para consumo próprio e familiar. Quanto às hortaliças produzidas pelas mulheres, é usado o transporte particular onde os produtos são vendidos dentro da comunidade, em sacolão e em mercados. As hortaliças são bastante procuradas, pois não há emprego de agrotóxicos e as pessoas sentem-se bastante confiantes em consumir esses produtos.

AGRICULTURA NA ALDEIA TUXÁ KIONAHÁ DE MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

A agricultura na comunidade Tuxá Kionahá é muito forte, várias famílias trabalham no campo. Os principais produtos produzidos são coco, banana, mandioca, melancia, cebola e hortaliças. As formas de irrigação dessas plantações ocorrem através dos sistemas de gotejamento e de microaspersão que funcionam no período da noite a partir das 21:30h e vai até o período da manhã, momento em que é combinado entre os agricultores o horário de molhação de cada um.



Aldeia Tuxá Kionahá, 2021/Foto: Anderson dos Santos.



Area de plantação da comunidade.

A preparação do solo ocorre através do trabalho manual dos agricultores utilizando as seguintes ferramentas: foice, enxada e estrovena. A única máquina agrícola não tradicional é um trator da associação que é usado na aração das terras. Em relação à adubação do solo e controle de pragas, são utilizados defensivos químicos, adubação verde (restos de plantações), adubos sintéticos e o adubo orgânico (esterco).

Os produtos têm vários destinos, uma parte serve para o consumo das famílias da própria Aldeia, já outra parte, são vendidos na feira livre no município de Ibotirama ou entregues em alguns comércios. Porém, o foco principal é para atender o PAA- Programa de Aquisição de Alimentos, um projeto da comunidade em parceria com a prefeitura Municipal de Muquém do São Francisco - BA.



Alimentos para o PAA, 2021/Foto Mariana Cabral.

Para que isso aconteça, a comunidade se reúne às segundas-feiras na escola, no período da noite para fazer a separação dos alimentos em cestas que serão entregues no dia seguinte na comunidade de Riacho de Serra Branca - Muquém do São Francisco.



Separação dos alimentos no Colégio Estadual Indígena Pajé Roque Moisés, 2021/Foto Anderson dos Santos.

Essa entrega é feita pelo caminhão da associação que leva as cestas para o Centro de Referência em Assistência Social-CRAS, onde é feita a distribuição para as famílias carentes inscritas no projeto.

AGRICULTURA ATIKUM COTEGIPE-BA

Na Aldeia Atikum o manejo do solo se dá empregando as técnicas tradicionais com ferramentas simples como: machado, picareta, foice e enxada. E a forma de irrigação é o gotejamento, além de aproveitar o período chuvoso para plantar o milho e o feijão.



Preparo do solo, 2021/Foto: Luciene Beatriz.

Na comunidade são produzidos diversos produtos, são eles: feijão, gurutuba, milho, mandioca, abóbora, melancia, maxixe, quiabo, alface, cebolinha e coentro. A maior parte desses produtos é para o próprio consumo, já o excedente é comercializado dentro da comunidade ou nas comunidades vizinhas.



Plantio de milho no gotejamento, 2021/Foto: Raquel Oliveira

Os principais meios de transportes dos produtos são: carrinhos de mão, barcos, motos e carros. Em relação ao controle de pragas, não se utiliza nenhum tipo de agrotóxicos, apenas alguns defensivos alternativos produzidos na própria comunidade com vegetais como o ninho, por exemplo, batido no liquidificador que é jogado nas folhas das plantas com uma bomba, dentre outras formas. Para adubar o solo são usados os esterco de ovelhas e de gado, que são criados na aldeia. Já as palhas dos milhos e do feijão são passadas na forrageira para fazer silagem.



Curral para retirada do esterco, 2021/Foto: Luciene Beatriz Jesus.

AGRICULTURA NA ALDEIA TUXÁ DE IBOTIRAMA

Os Tuxá Ibotirama foram reassentados em Ibotirama - BA em 1986, quando em um acordo com a CHESF as terras da fazenda Outeiros Morrinhos, localizada no município foram demarcadas como território indígena com 2.019 hectares. O povo Tuxá de Ibotirama tem como uma de suas principais formas de sustento a produção agrícola. A vegetação típica são: juá, jatobá, são João, angico, umbuzeiro e a jurema, esta última, tem bastante significado e utilidade nas produções da comunidade.



Na foto, a professora e agricultora indígena, Maria do Carmo, próxima da árvore conhecida como são João, 2021/Foto: Karina Dias.

Há também árvores frutíferas plantadas pelos indígenas mais velhos e outras, encontradas e preservadas no território. Toda essa relação contribui para o bom desenvolvimento e preservação da vida no território. A comunidade Tuxá desenvolve a agricultura familiar cuja produção é voltada para a própria subsistência. Algumas famílias preferem cuidar da terra de forma natural, adotando os mesmos cuidados repassados por seus bisavós e avôs, aplicando adubos orgânicos ou outras formas que não agredam o solo. De modo que, para preparar o terreno em algumas pequenas roças, realiza-se a poda, espera chover e finaliza com a aração a fim de incorporar ao solo os restos de vegetais, garantindo a fertilidade.



Plantio de coentro, 2021/Foto Karina Dias.

No controle de pragas, em sua grande maioria, são utilizados agrotóxicos, mas em hortaliças, como na plantação da agricultora Maria do Carmo, o controle é feito com produtos naturais, tais como o carcarazeiro cujo descanso das cascas em água produz uma substância aquosa que serve para pulverizar o plantio. Ainda, usa-se a raiz de coronha em quantidades específicas para cada plantio, também por meio da pulverização. Outro processo é a partir da água extraída da mandioca após a produção da goma que é conhecido como mandipueira. Por último, faz-se outro procedimento com produtos químicos menos ofensivos como detergentes e sabão em pó em pequenas quantidades, por meio de pulverização que serve para matar pequenas pragas.



Preparo do solo para plantio, 2021/Foto Gislaíne Fonseca.

A irrigação acontece de forma tradicional, em valetas, mas a população está dando preferência ao gotejamento feito com mangueiras, uma forma prática e econômica, evitando o desperdício de água. Em algumas plantações os alimentos estão sendo cultivados com agrotóxicos, é o caso da banana e da melancia.



Plantios de banana e melancia por gotejamento. 2021/Fotos Gislaine fonseca.

Os números dos produtos cultivados são bastante variados como: melancia, mandioca, banana, feijão, milho, coco, mamão, cana-de-açúcar, abóbora, maracujá, coentro, alface, tomate, pimentão, cebola, hortaliças, dentre outros.



Plantação de banana, 2021/Foto Edelmara Cruz Santos.

O cultivo da mandioca é um dos mais comuns, pois não leva nenhum tipo de agrotóxico, sendo um alimento saudável que não pode faltar na mesa dos indígenas Tuxá.



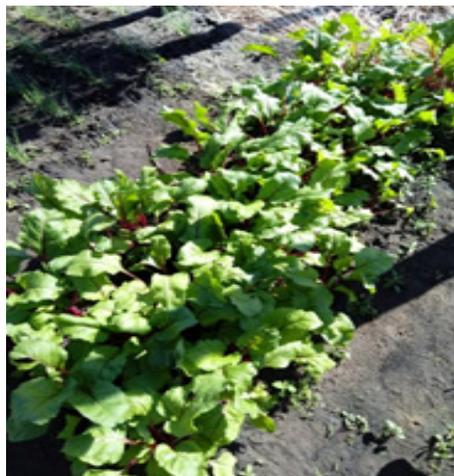
Plantação de mandioca e maracujá, 2021/Foto Gislaíne Fonseca.

A maior parte da produção agrícola da comunidade Tuxá é destinada para o próprio consumo, e outra parte, mais especificamente a banana, melancia, mandioca e hortaliças são comercializadas na cidade. Toda produção destinada à venda é separada na hora da colheita. A logística de entrega dos produtos é feita através de contratos onde é decidido entre produtor e comprador a melhor forma de transportar a mercadoria, como por exemplo, a entrega da banana e da mandioca tem um combinado: nas segundas-feiras o comprador pega na comunidade a um preço mais barato, já nas sextas-feiras o produtor leva na cidade, pois a quantidade é menor, não havendo a necessidade do caminhão se deslocar até a aldeia. Já as pequenas produções, os agricultores indígenas levam-nas em seus próprios transportes para vendê-las na feira da cidade, em mercados, supermercados, em quitandas ou são vendidos na própria comunidade. Esse trabalho é realizado com baixa utilização de tecnologia, sendo mais utilizadas técnicas e instrumentos tradicionais, como machado, picareta, foice, enxada e arado de tração animal.



Carroça para o transporte de produtos e bomba para controle de pragas, 2021. Foto Gislaíne Fonseca.

Em algumas casas, em seus quintais, existe também o cultivo de algumas hortaliças, ervas medicinais e uma grande variedade de plantas frutíferas cultivadas com adubos orgânicos.



Plantação de hortaliças no quintal, 2021/Foto Maria Helena Padilha.

No período chuvoso, são cultivados feijão de corda, abóbora, melancia e milho sem nenhum tipo de agrotóxicos.



Plantio de feijão de corda na época de chuva, 2021/Foto Jany Cleia da Silva.

O povo Tuxá é tradicionalmente agricultor, sempre viveu do que plantava, mas seu método de plantio se transformou muito com o tempo. De modo que, a escola tem papel fundamental no sentido de conscientizar e resgatar as técnicas tradicionais a fim de evitar o uso de agrotóxicos nas plantações.

AGRICULTURA POTIGUARA

A agricultura entre os potiguaras começa com a limpeza do local, assim, dependendo de como esteja a área, é feito apenas uma capina ou aração, dificilmente é empregada a queima do local.



Preparação do solo e plantio/Foto Maria Aparecida Conceição de Lima.

Os principais instrumentos utilizados são a enxada, o regador e também o trator. Em algumas plantações não se utiliza agrotóxicos, inclusive, usa-se o esterco bovino. Já em outras, utiliza-se adubos químicos e defensivos sintéticos para aumentar a fertilidade da terra e controlar as pragas, porém em pequenas quantidades e seguindo todas as indicações. O sistema de irrigação é através de gotejamento e com o regador.



Plantio de hortaliças com gotejamento. 2021/Foto Maria Aparecida Conceição de Lima.



Plantio de hortaliças com regador, 2021/Foto Maria Aparecida conceição de Lima.

Os produtos são constituídos principalmente por hortaliças: coentro, alface, cebolinha, couve, pimentão, pimenta-de-cheiro, quiabo e pimenta malagueta. São produzidos também mandioca e maxixe. Todos os produtos são comercializados em supermercados e na feira livre.

Espia!

Quando os Tuxá possuíam uma semente boa (produtiva), para não perdê-la, trocavam e/ou compartilhavam com os parentes e vizinhos que também plantavam e guardavam, assim, quando quisessem plantar novamente já sabiam onde buscar a semente. Outra prática comum indígena para conservar sementes de feijão, é, em um lugar coberto, fazer um pequeno canteiro de tijolos, colocar as sementes e cobrir com areia lavada, essa técnica permite conservar as sementes por até um ano e livra de pragas como os carunchos.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



arte: Juliana

TEXTO COMPLEMENTAR - AS COISAS DA MINHA ALDEIA

Não podemos esquecer
Da melancia, manga e mamão.
Banana, pinha e goiaba,
Dependendo da estação.

No pilão de madeira ou pedra,
Preparamos paçocas variadas,
Com gergelim, murici e castanha
Para alegrar a garotada.

Milho cozido e assado
Pão de mandioca também.
São combinações perfeitas
E todas caem bem.

Pois somos povos de tradições
Que sempre queremos buscar
Os ensinamentos deixados
De forma a valorizar.

Valorizar nossas terras
E tudo que temos ao redor.
Sabemos que se não cuidarmos,
Vai ser algo entristecedor.

Devemos proteger nosso território,
Bem como os recursos naturais.
É dele que temos os alimentos
E nossas ervas medicinais.

A nossa terra mãe grita!
Por cuidados e preservação.
Tiramos dela o sustento,
Passado de geração em geração.

Tudo o que foi conquistado
Não vamos deixar acabar.
Continuemos nossa batalha,
Valorizando nosso lugar.

Aqui viemos deixar
A nossa reflexão.
Com fé no Todo Poderoso,
Pois dias melhores virão.

A atenção de vocês foi importante
E de grande valia também.
Esperamos todos vocês
Nessa corrente do bem.

Por conta da barragem de Itaparica,
Em Ibotirama viemos morar,
Somos índias e guerreiras
Da nossa tribo Tuxá.

Na nossa aldeia tem
Riqueza para se mostrar.
Venha mergulhar e conhecer
As belezas do meu lugar.

Aqui temos nossa crença e cultura,
De um povo trabalhador,
Que com muito suor e esforço,
Sabe ser lutador.

Luto por dignidade e respeito,
Pois dias melhores virão.
Queremos o reconhecimento
Por parte de toda nação.

No nosso território tem
Diversidade de plantação.
Plantamos para o nosso sustento
E vender para os irmãos.

Diversidade essa,
Que agora vou citar:
Temos inúmeras comidas típicas
Para você se deliciar.

Na nossa mesa
Não se pode faltar
Aquele peixinho assado
E um belo pará.

Outro prato importante
É o mingau de milho e o cuscuz,
Quando penso nessa maravilha,
Quem me conhece, já traduz.

Sobre nossas caças,
Agora vou lhe contar:
Capivara, veado e camaleão...
Meu povo gosta de saborear.

Sem deixar de lado,
A mandioca e seus derivados,
Que sempre acompanha
Nossos deliciosos pratos.

Autoras: Geny da Silva Santos de Magalhães e Jany Cléia da Silva.

Capítulo 3

ÁGUAS DA RESISTÊNCIA

Manejo dos recursos aquáticos e os saberes
indígenas

TUMBALALÁ: DAS MATAS PARA AS ÁGUAS, UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA

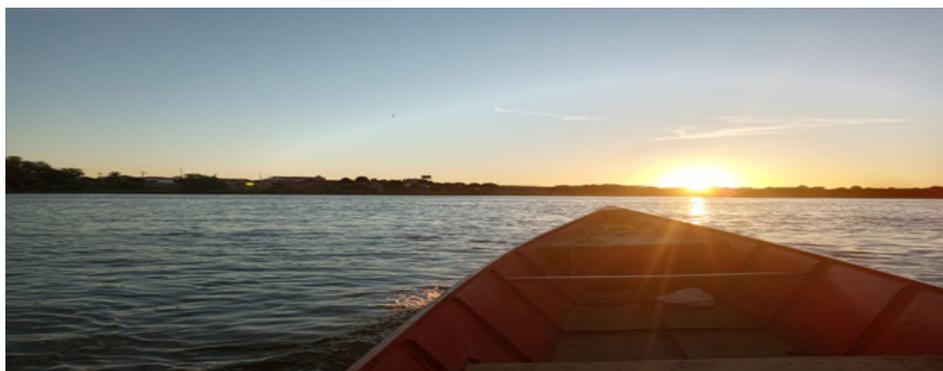


Foto: Leidiane Marinheiro Tumbalalá

O Povo Tumbalalá tem o Rio São Francisco como um patrimônio histórico e cultural, isso tem uma relação direta com a nossa educação indígena e diferenciada. O povo tem um longo histórico de lutas relacionadas a este gigante. Assim como os demais povos indígenas, sofremos com o genocídio, a exploração e o desrespeito para com a nossa cultura, direitos e sabedoria. No que tange à temática dos manejos e recursos aquáticos, nós sofremos com uma perda significativa da biodiversidade do Rio São Francisco em razão da construção das grandes barragens. O que gerou conflitos e impactos socioambientais. Porém, a nossa ancestralidade é de luz e essa luz ilumina nossa vida, assim como a fé toca em quem acredita nela. Cicero Marinheiro, cacique Tumbalalá, fortalece essa reflexão em fala, quando diz que “a natureza é o livro sagrado de Deus” (Marques, 2017). O território tradicional indígena Tumbalalá é banhado pelas águas do nosso Opará/Rio São Francisco. É do rio que se consegue o sustento, o peixe de cada dia, a água que faz crescer a plantação, a água que molha a planta para curar o enfermo, lugar de muita ciência.

A tradição do nosso povo Tumbalalá se relaciona com um rio de histórias, além de relatar as contribuições dos recursos aquáticos no que se refere à perpetuação da cultura, costumes, ciência, saúde e economia do povo. Reforçando o constante debate sobre a preservação do Opará.

É um conteúdo de grande importância para nós, porque passamos a ser os autores das nossas próprias histórias, de expressar quem nós realmente somos. São bem mais que palavras escritas, é a história, a sabedoria de um povo. A ancestralidade Tumbalalá também está no curso do nosso Opará, de riachos, córregos e cachoeiras da região que carregam consigo águas do bem, águas que regam os nossos sonhos, garantem nosso sustento e carregam nossa ciência.

A PESCARIA COMO FONTE DE SUSTENTO DAS FAMÍLIAS TUMBALALÁ

CONCEITO

Pescar é garantir o sustento de muitas famílias, além de ser uma forma de renda extra.

Como moramos em um lugar onde o emprego é algo difícil, a pesca é a melhor forma de garantir uma renda. Tenho outra forma de sobrevivência, mas se fosse necessário viver apenas da pescaria, seria possível (Depoimento de Eudes, índio TUMBALALÁ, 2021).

HISTÓRIA

A aldeia TUMBALALÁ está localizada no Norte da Bahia às margens do Rio São Francisco nos municípios de Abaré e Curaçá. Esta, como todas as outras aldeias, passaram e passam por muitas dificuldades tanto no processo de reconhecimento quanto de sobrevivência. A pesca sempre esteve presente na história do nosso povo, ela é bem mais do que uma atividade produtiva ou de lazer, é uma forma de renda e sobrevivência para muitas famílias, é um saber construído através de vivências diárias e dos conhecimentos dos nossos anciãos.

Cada povo é dono de uma variedade de costumes. Entre nós indígenas, muitas coisas mudam de povo para povo, cada um, por exemplo, conhece e usa diferentes técnicas durante a pescaria. Antigamente, a variedade de peixes que existiam no rio São Francisco era imensa, todo dia tínhamos mistura nas nossas

refeições. Hoje o cenário é completamente diferente, não temos mais a mesma facilidade que antes.

Surubim, dourado, piau, piranha verdadeira, mandim, pacomam, pirá e quase todos os peixes de couro estão extintos ou em risco de extinção (Depoimento de Moisés, índio TUMBALALÁ, 2021).

Alguns índios acham que a transposição do Rio São Francisco ajudou no extermínio de algumas espécies aquáticas enquanto outros, porém, não concordam com isso. A cumatá corre o risco de ser extinta atualmente, pois é a espécie de peixe mais perseguida pelos pescadores da região, além dela temos ainda uma variedade de peixes sobreviventes que vivem no nosso Opará, entre eles temos as espécies pacu, tucunaré, piau, cari, xotó, pescada, traíra, entre outros.

A época da piracema é a pior fase para os pescadores que sobrevivem apenas da pesca, porque durante este período não se pode pescar, mas, infelizmente, a necessidade de alguns índios é tão grande que estes não conseguem respeitar esta fase. Por conta disso, os impactos causados ao rio só aumentam a cada dia e o que nos resta é rezar e pedir aos encantados que protejam as nossas águas, o nosso rio e as espécies que lá vivem.



arte: Juliana

VOCÊ SABIA?

A piracema é a época em que os peixes entram no processo de desova. Este período tende a durar em média 4 meses, iniciando no mês de novembro e se estendendo até o mês de fevereiro.

AS PLANTAS CURATIVAS DAS ÁGUAS TUMBALALÁ

Tradicionalmente o Povo Tumbalalá, faz uso de algumas plantas existentes às margens do Rio São Francisco para o tratamento e cura de doenças, cada espécie tem uma grande importância para nós indígenas, desde os ancestrais, que não tinham acesso fácil a medicamentos farmacêuticos e utilizavam-se dessas plantas para tratamento e precaução de diversas doenças.



Figura 1 Mamona - *Ricinus communis*.
Arquivo: Juciana Dionata Barbalho.



Figura 2 Melão São Caetano – *Mormodica*.
Arquivo: Juciana Dionata Barbalho.

Atualmente o povo utiliza muitas plantas medicinais, porém há dificuldade de encontrar algumas dessas espécies, devido estarem ameaçadas de extinção e outras que já se encontram extintas.

Segundo relatos de pessoas mais velhas, quando o rio estava cheio e começava a “vazar” havia a germinação das sementes de plantas medicinais, com isso existia uma maior diversidade de espécies dessas plantas.



Figura 3 Quebra pedra - *Phyllanthus niruri*.
Arquivo: Juciana Dionata Barbalho.

Devido às construções das hidrelétricas e a falta de chuva frequente, o Opará não tem cheias como antes. Consequentemente, isso levou algumas plantas a desaparecerem e outras a ficarem mais difíceis de serem encontradas. Esse impacto causou muitas dificuldades na preparação de remédios tradicionais usado pelo Povo, devido à falta de algumas plantas que se usa para o tratamento e a cura de doenças. Muitas espécies desses vegetais usados na medicina indígena Tumbalalá, eram encontradas em abundância nas margens do Rio e nas ilhotas, como: Junco - *juncus*, Melão de São Caetano - *Mormodica*, Erva Cidreira – *Melissa officinalis*, Cordão de São Francisco – *Leonotis nepetaefolia*, Marcela – *Achyrocline satureioides*, Cabacinha-Luffa operculata, Marizeiro – *Geoffroea spinosa*, Quebra Pedra – *Phyllanthus niruri*, Mamona – *Ricinus communis*, Araçá – *Psidium cattleianum*, entre outras.

Hoje, algumas dessas espécies só se encontram nas feiras. Diante dessa escassez de plantas usadas na preparação dos remédios, muitos indígenas vêm perdendo o costume dos nossos antepassados. Por isso a busca por atendimento médico nos postos de saúde tem aumentado bastante, como também o uso da medicação laboratorial.

O MANEJO DAS ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO NA AGRICULTURA TUMBALALÁ

A agricultura do povo Tumbalalá era riquíssima, vivíamos trabalhando em ilhas, sendo algumas delas: a ilha do camaleão, ilha pequena e ilha da foice. Plantávamos milho, batata, feijão, mandioca e cana, os mais velhos plantavam nas vazantes do rio, quando o rio enchia e vazava, era que plantávamos, isso acontecia porque não tinha a barragem de Sobradinho, por isso, antigamente tirávamos a canoa cheia de feijão e mandioca. Tínhamos de tudo nas nossas mesas. Era muita fartura de alimentos de qualidade para a nossa sobrevivência. Hoje em dia tudo mudou com essas barragens que prendem a água da chuva, vêm cada dia mais nos prejudicando. Nossa agricultura também era plantada em terrenos de altos que eram molhados quando chovia. Quando plantávamos nas ilhas tinham vezes que as plantações como a mandioca e o feijão morriam, uma vez que as barragens de Sobradinho soltavam a água que inundava todas as plantações, não havia como recuperar nada, as barragens só vieram para dificultar as nossas vidas. Plantávamos nossos alimentos sem uso de agrotóxicos, era tudo natural, as terras eram mais férteis. Diante disso, é possível dizer que o nosso povo sofre com a modernidade atual.

A questão dos grandes projetos é a ameaça maior ao povo, não só agora como de muito antes como o projeto da barragem de Sobradinho que foi uma ameaça grande, que hoje a gente está sofrendo com isso, hoje falta tantas espécies de peixe que a gente tinha, as vazantes, muitas delas estão sendo destruídas por causa da erosão nas terras (Marques, 2011).

Hoje a agricultura está cada dia mais difícil, muitos ainda plantam nas ilhas, mas hoje não tem mais vazantes do rio, a molhação é com bombas e motores elétricos, as produções diminuíram, além de não produzir, as que produzem não são de qualidade como antigamente, as barragens prendem as águas, isso fez com que o rio não enchesse mais como antes.

Os projetos do governo [são] o maior problema pra nosso povo. Mesmo antes da transposição já tinha os impactos de

Sobradinho que impactou o modo de viver antigo dos índios que era a vida da caça, da pesca e das vazantes. E ainda o projeto da transposição junto com as barragens é a maior ameaça e precisa que o Povo Tumbalalá resista. A grande dificuldade de demarcarem nossas terras era por causa dos reassentamentos (Marques, 2011).



Foto: Regina Menezes.

Nós, povos indígenas, passamos a vida toda ameaçados pelos governantes, esses projetos de represas e transposição no Rio São Francisco acabam com nosso povo e com as comunidades ribeirinhas. Precisamos lutar e fortalecer os costumes e tradições dos nossos Antepassados, saborear o modo de vida e o lazer vividos por eles, preservando para as futuras gerações.

AS TRAVESSIAS



Foto: Juciara Gomes de Aguiar Lima.

O povo Tumbalalá sempre usou a canoa como principal meio de transporte para se locomover para ilhas onde trabalhavam e também para ir à Cabrobó fazer compras, consultas e vender suas mercadorias. Mas com o passar do tempo ficou cada vez mais difícil o uso da canoa, pois com a construção da barragem de Sobradinho, o rio ficou cada vez mais seco e dificultando até mesmo as embarcações de pequeno porte, como a canoa a pano (canoa a vela). Aqui também usava a canoa a motor, que chegou aproximadamente na década de 80, mas era muito cara e poucas pessoas tinham. Essas pessoas que possuíam esse tipo de canoa faziam fretes para levar os aposentados para Cabrobó/PE, também fretavam para levar cebola, arroz, feijão, e cana de açúcar (Depoimento de Evanilson José Xavier).

Antigamente tinham muitos canoeiros que faziam essas travessias, mas os mais conhecidos eram: Seu Manuel de Celina e Seu João de Plínio. Seu João morava na aldeia Pambu e pegava as pessoas no aldeamento do São Miguel e saía descendo no rio pegando seus passageiros, já seu Manoel pegava no aldeamento Cajueiro e também saía descendo no Velho Chico. Os dois levavam as pessoas para a feira de Cabrobó/PE. Hoje, após a construção da ponte que liga o Ibó/BA ao Ibó/PE, não é muito comum essa travessia, contudo, o canoeiro Carmelo ainda faz uso da embarcação da canoa a motor e algumas pessoas ainda usam os pequenos barcos, mas não é a pano e sim a motor. Atualmente no lugar do rio ficaram as estradas e nos lugares das canoas estão carros, motos, caminhões e ônibus, porém ainda têm pessoas que preferem atravessar o Rio São Francisco e passar na ilha de Assunção, território do povo Indígena Trúka, até chegar à cidade de Cabrobó.

PROJETOS GOVERNAMENTAIS IMPACTANTES AO NOSSO OPARÁ E EM NOSSAS VIVÊNCIAS

Segundo o depoimento de João de Deus G. de Santana, “nos últimos 50 anos começaram os projetos governamentais causando grandes impactos para o povo Tumbalalá no meio social, ambiental e cultural”. Antes das construções de projetos realizadas pelo governo o nosso povo tinha uma vida plena, pois viviam ativamente da agricultura abundante. Nossa economia se dava através das plantações nas vazantes do rio, o plantio era fundamental para a sobrevivência das famílias já que seus cultivos eram pertinentes para o seu próprio consumo e venda. Para o sustento da referidas famílias se plantavam:

abóbora, batata doce, jerimum, feijão, macaxeira, dentre outros. Elas saíam vitoriosas com as enchentes dos rios e as plantações que contribuía para uma vida de êxito onde os diferentes tipos de peixes apareciam com maior frequência tais como: surubim, dourado, pacamã, mandi e outros.



Pescaria, Aldeia Tumbalalá
Foto: Juliano.

As construções das barragens de Sobradinho e da barragem Itaparica afetaram a nação indígena Tumbalalá e demais aldeias tanto do meio ambiental, como também no cultural e social. Não existe mais em nosso rio as quantidades e os tipos de peixes que se consumiam com maior propriedade, não desfrutamos, como antes, as plantas medicinais que eram, sem dúvidas, a nossa farmácia e o nosso aparato, nos livrando de certas drogarias farmacêuticas (o uso era presente para as realizações de chás, lambedores). As plantas colaboravam para cura de várias doenças sentidas pelos indígenas. Na atualidade, com as realizações supracitadas, o nosso Opará/Águas do Rio São Francisco possui as enchentes controladas pelas barragens, afetando nossas matas, plantas medicinais e os peixes, resultando em extinções e danificando também o nosso bioma, a Caatinga.



Lago de Sobradinho, no norte da Bahia.
foto divulgação: Carlos Brito

Por volta dos anos 80 se criou um projeto de reassentamento por causa da barragem de Itaparica impactando socialmente e culturalmente a toda nação indígena e principalmente os que a lhe vivam, invadiram nosso território ferindo a nossa alma e matando os nossos animais da caça que no qual era seu habitat criando essa ressalva acabaram com o meio de vida dos animais como: a onça bodera marisca, tatu bola, tatu peba, ciriema, ema, abelhas, gato do mato, etc (Depoimento de Gilvan G. de Santana, 2021).

O projeto de irrigação tem causado diversos impactos ambientais por meios de usos constantes de resíduos agrotóxicos, implicando nas matas ciliares e afetando o Cerrado e a Caatinga. Antes do ocorrido, na Chapada, existia um riacho chamado Bom Passar, ele era um riacho da roça Velha que dificilmente secava e aos redores havia muitas plantas que foram destruídas pelo ser racional, por exemplo: a Quixabeira, a ibiroba e muitas outras foram extintas devidos às construções dos projetos. A terra hoje está danificada, precisamos preservar e ter consciência da forma dos nossos plantios, pois, se o nosso território fosse demarcado, partes dos impactos seriam evitados em nosso meio ambiente.

A ligação das águas com os indígenas Tumbalalá é de suma importância e cada impacto provocado afeta diretamente em nossas vivências. Sabemos que o rio é a nossa fonte de vida, é preciso que se realize políticas públicas que façam valer os cuidados de revitalização, entre outros, para manter limpo e preservado, para que as futuras gerações não venham ser prejudicadas (Depoimento de Gilvan G. de Santana, 2021).

Tais projetos trazem grandes impactos significativos para o rio São Francisco e as terras como desmatamentos da vegetação, queimadas, diminuição da flora e da fauna, poluição dos rios, invasão dos territórios sobretudo impactos sociais e culturais afetando o seu modo de vida (Impactos Ambientais, 2018).



Canal da transposição do Rio São Francisco em Cabrobó (PE)

Foto: Celso Tavares/G1.

É notório que as terras indígenas vêm sofrendo inúmeros prejuízos ambientais causados por vários fatores, entre eles estão as implantações das barragens de Sobradinho, Itaparica e a Transposição.

O Rio São Francisco não só para os indígenas, mas pra toda população ribeirinha é tudo. O rio também tem grande importância simbólica no contexto da cosmologia e das crenças religiosas dos índios. No rio estão localizados os encantados da água, que inspiram rituais e constituem a força e própria identidade coletiva de um povo (Tomáz *et al.*, 2017, p.10).

AS CIÊNCIAS DAS ÁGUAS DO POVO TUMBALALÁ

Nas águas do nosso Opará tem uma história que nem todos podem enxergar, só aqueles que têm uma relação mais íntima podem ver, sentir e falar com propriedade. A nossa identidade enquanto povo indígena está entrelaçada com o nosso “Rio Mar”. As ciências das nossas águas perpassam por todas as dificuldades que este guerreiro e humilde rio vem enfrentando ao longo dos tempos. Os nossos anciões falam com alegria de quando se lembram das maravilhas que as nossas águas ofereciam e com tristeza quando vê as condições que o Opará se encontra atualmente. Em nossas águas há tempo para tudo, tem que ter o dom e o saber de compreender cada fase do nosso Opará, ele tem seus mistérios.

VOCÊ SABIA?

JÁ DIZIAM OS SÁBIOS ANTIGOS: AS ÁGUAS DO RIO DORMEM!



arte: Julia Tuxá

Nós, povo Tumbalalá, estamos sempre em relação com a ancestralidade para fortalecimento da luta, em nossas veias corre um rio de histórias. Contudo, os anciões deixam bem evidente para os seus, que a participação de momentos ímpares na aldeia (O toré, mesa/ritualidade, reuniões e movimentos de lutas) são fundamentais para o seguimento ser transmitido de forma natural para a continuidade das gerações.

Orôncio Carro antepassado muito sabido do povo Tumbalalá, muito bom na “ciência”. E ele acreditava que não se podia falar tudo, caso contrário poderia perder muita coisa boa (Cacique do povo Tumbalalá Cícero Marinheiro, 2021).

No princípio os ancestrais tinham uma vida mais íntima e reservada com o Rio São Francisco, porém, hoje o nosso rio está sufocado com tantas invasões e agressões que vem sofrendo ao longo dos séculos. Cuidar do Velho Chico é uma necessidade cultural e social.

UMA RELAÇÃO DE AMOR E RESPEITO COM O NOSSO OPARÁ

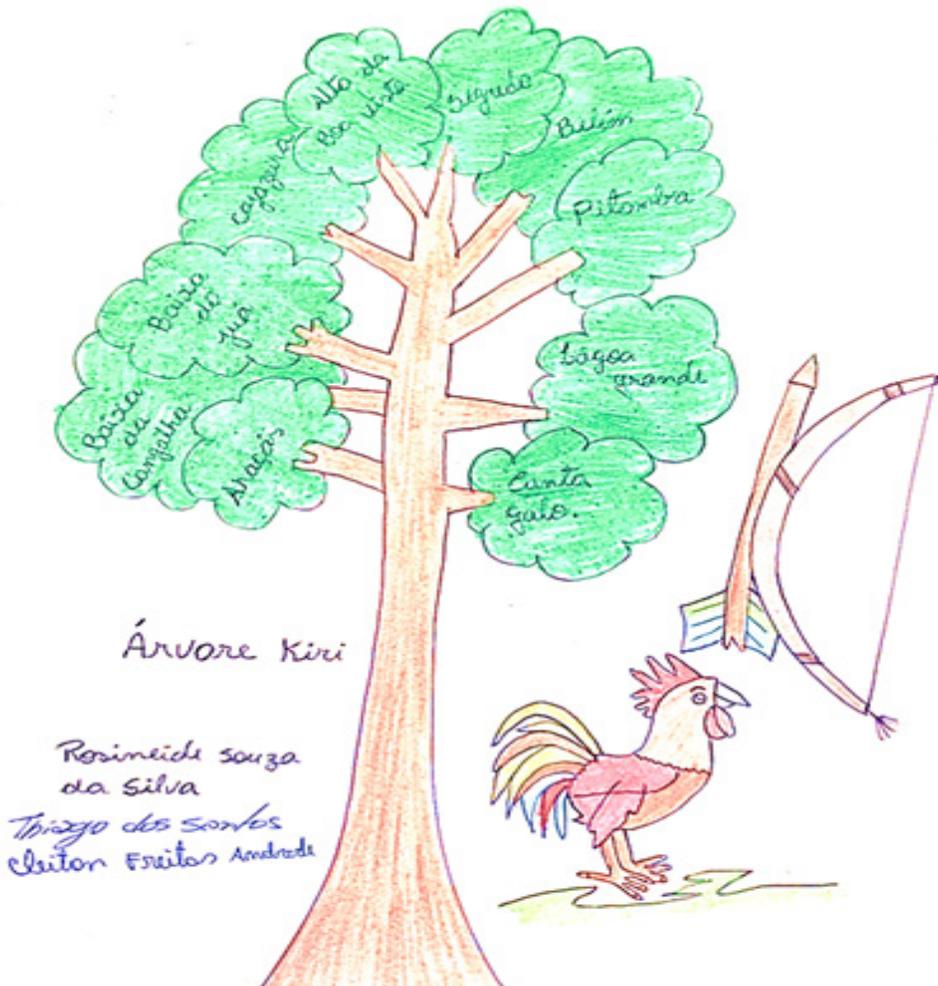
É provável que muito já se ouviu falar sobre ele, sua fase de intensa fartura e as causas para a atual situação em que se encontra. A força que não é mais a mesma e o papel importante que desempenha na vida de cada ribeirinho, mas para nós Tumbalalá ele não é só algo que conhecemos por imagens ou histórias contadas em livros, é uma relação de amor, carinho, respeito e admiração, uma vez que, o consideramos como sagrado e de suma importância. Por séculos garante o sustento das nossas famílias desde a pescaria, agricultura, artesanato e no uso diário em casa. O manejo nessas belas águas fazem parte da vida de cada Tumbalalá desde o ventre da mãe. Apesar dele não ser como era há séculos, continua com seu brilho reluzente que nos encanta todos os dias de formas diferentes. Não tem explicação a sensação de ver o sol refletindo nele a cada amanhecer, o barulho da água tocando na canoa, seguindo o balanço do vento, o som calmo da água seguindo o seu percurso e o empolgante barulho da cachoeira, esse é o Rio São Francisco, Opará. Ter a consciência que um dia ele pode se acabar nos entristece, mas temos fé que esse dia nunca chegará, para isso é necessário preservar e conscientizar os demais, o rio é poesia, esperança, amor e vida, somos parte dele. Após ter sofrido com as mudanças causadas pelo homem é nítido as consequências que ficaram resultando em marcas que perpetuarão. Pedi permissão aos encantados das águas para usá-lo respeitando e agradecendo pelo peixe que consegui pescar, pela travessia que deu certo, pela plantação irrigada, são formas de respeito entre nós Tumbalalá e o rio.

Capítulo 4

SABERES SUSTENTÁVEIS

Manejo dos recursos florestais, florísticos e criação de animais silvestres nos territórios indígenas

KIRIRI DE CANTA GALO E SUA RELAÇÃO COM A TERRA E O MEIO NATURAL



O povo Kiriri Canta Galo está situado no território do semiárido nordeste II, no estado da Bahia, especificamente, no município de Banzaê a 326 Km da capital Salvador. Com uma área de 12.300 (doze mil e trezentos) hectares de terra, é composta pelas aldeias Araçás, Baixa da Cangalha, Baixa do Juá, Cajazeira, Alto da Boa vista, Segredo, Belém, Pilão, Pitomba, Lagoa Grande e Canta Galo. Nesta região o bioma predominante é a Caatinga, contudo, nos territórios indígenas, pode ser identificada uma variedade no que tange a fauna e a flora.

Neste contexto, vamos apresentar a biodiversidade do povo Kiriri Canta Galo, que resguarda, cuida e usufrui dos recursos naturais que dispomos em nosso território, sem agredir a natureza, pois é ela quem nos dá o sustento, bem como, oferece as ervas medicinais para tratarmos de males espirituais e do corpo, além de fortalecer o vínculo com os nossos ancestrais. Esses manejos e saberes são de grande importância para o povo indígena Kiriri e por essa razão é que os saberes tradicionais devem ser cuidados e repassados às gerações que seguem. Além disso, temos uma relação muito forte com o meio natural e espiritual. Dessa forma, a organização cultural, social e econômica formam um contexto de vivência da nossa cultura, o que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre cultura e meio ambiente na formação da nossa identidade. No entanto, cada povo vive num lugar diferente e cria diferentes maneiras de entender e se relacionar com esse lugar e suas paisagens em seu espaço geográfico. Em meio a tudo isso, é importante conhecer e refletir sobre os diferentes modos de ser, viver e trabalhar em qualquer que seja o lugar, mas sempre valorizando os aspectos da cultura e o modo de se relacionar entre as pessoas e a natureza.

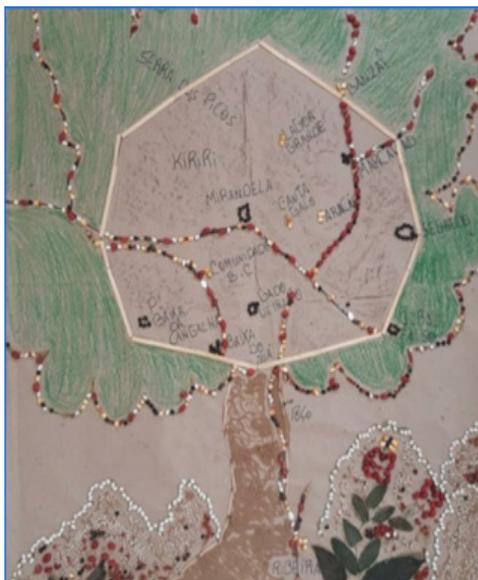
Nós, educadores indígenas, temos o importante papel de transmitir os conhecimentos tradicionais e culturais de um povo, porque tais conhecimentos quando transmitido e/ou difundidos de maneira equivocada podem afetar direta ou indiretamente o modo de ver e vivenciar tais saberes. Mas, quando repassados com respeito, responsabilidade e compromisso no chão da escola, estamos fazendo a educação escolar indígena na sua essência, fortalecendo e reavivando a etnicidade do povo. Para além, a ação Saberes Indígenas na Escola está sendo uma grande aliada para as escolas indígenas, sobretudo do norte e oeste da Bahia. É um espaço onde criamos oportunidades de avaliarmos a educação escolar indígena, um espaço de reflexão compartilhada, de encontros para discussão de propostas que fortalecem a prática pedagógica cultural e específica de cada povo, de produção de material didático específico que respeita e valoriza os conhecimentos tradicionais.

A BIODIVERSIDADE DO POVO KIRIRI CANTA GALO

A relação do povo Kiriri com a natureza é harmoniosa. Somos descendentes da grande nação Kariri, e atualmente residimos em nosso próprio território devido ao resultado do processo de retomada do território em 1990, que antes era ocupado por não indígenas.

O território kiriri é formado por uma etnia, contudo há várias organizações internas, no que se refere a liderar o povo e a suas lideranças representativas por aldeias e/ou comunidades. Assim, hoje estamos organizados em três grupos distintos, sendo eles: Kiriri de Canta Galo, Alto da Jurema e Mirandela. O território kiriri tem o formato da figura geométrica octógono, cada um dos pontos de encontro dar-se um nome de “marco”, e cada um destes “marcos” tem o nome conspícuo.

FIGURA 1: Trabalho realizado em uma aula com a turma do 8º ano no Colégio Est. Indígena Florentino Domingos d Andrade, no ano de 2019 com a orientação da profª Silvinha Conceição de Andrade.

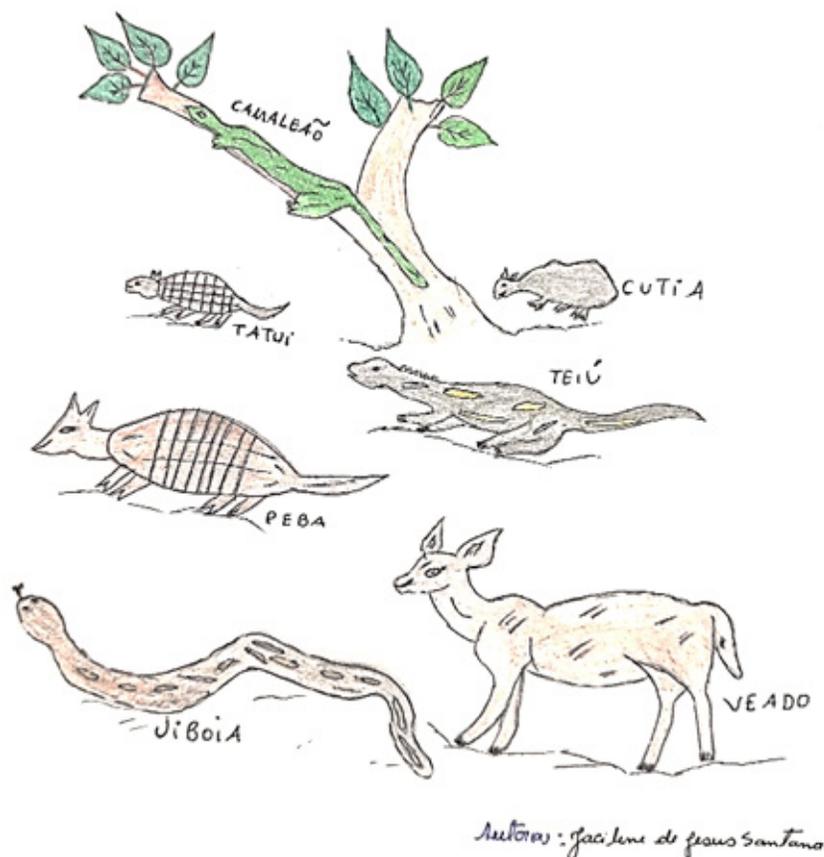


Fonte: Acervo da prof Silvinha Conceição Andrade.



O nome kiriri, segundo a história contada pelos indígenas mais velhos, tem o seu significado relacionado a uma árvore, por nome kiri. Nós, povo Kiriri, temos um grande respeito pela terra e por nosso território, pois até conseguirmos reaver o nosso direito, travamos uma grande batalha com os órgãos superiores e fazendeiros, que sentiam-se donos da nossa terra, mas atualmente está homologado e em nossa posse para usufruto das famílias. O nosso território, após a retomada, foi se recuperando e voltando à sua forma natural, hoje podemos nos orgulhar em afirmar que estamos bem com a nossa mãe terra e que dispomos de várias espécies de animais: tatú, caititu, péba, veado, teiú, camaleão, jiboia, preá, cotia, tamanduá, mocó, dentre outros. Igualmente com as plantas: jurema, jatobá, pau kiri, pau ferro, pau d'arco, angico, braúna, aroeira, quixabeira, loro cravo, itapicuru, e outras mais. Enfim, a fauna e a flora existentes no nosso território é rica e diversa.

FIGURA 2: Desenho feito de animais silvestres pela Professora Jacilene de Jesus Santana na Formação da Ação Saberes Indígenas, tempo escola.



Fonte: Acervo produzido pela Professora Jacilene de Jesus Santana.

Os locais mais utilizados pelos indígenas kiriri de Canta Galo para a prática de caça em favor da subsistência alimentar da família é em locais mais reservados, ou melhor dizendo, em locais preservados pela sua naturalidade, ou seja, locais montanhosos, tais como a maçaranduba e os picos. A pesca também era um modo de conseguir alimentos para a subsistência das famílias e hoje, embora esta atividade tenha diminuído, ainda se faz essa prática em algumas aldeias/comunidades kiriri. Porém, estas práticas não são as únicas fontes de recursos para subsistência das famílias Kiriri, também praticamos a apicultura, a agricultura, a avicultura, a criação de ovinos e caprinos.

A sustentabilidade socioambiental faz parte da nossa tradição, uma vez que com ela conseguimos assegurar a prática das nossas manifestações culturais e uma melhor qualidade de vida, repassando para as gerações futuras a importância de preservar o meio natural, no qual estamos inseridos.

FIGURA 3: Desenho representando o trato realizado na terra para a prática da agricultura, feito pela Professora Josenilda Santana dos Santos, na Formação da Ação Saberes Indígenas. tempo escola.



Fonte: Acervo produzido pela Professora Josenilda Santana dos Santos.

Uma outra prática cultural muito efetiva e importante para nós é a produção do artesanato tanto para uso pessoal, quanto para comercialização. É uma geração de fonte de renda complementar para as famílias e eles são produzidos por artesões que já têm e desenvolvem o dom para esta atividade.

São produzidos: o colar, a pulseira, o anel, o brinco, o palito de cabelo, entre outros; trabalhamos com a produção da cerâmica, que são feitas de barro e queimadas em forno apropriado, e dela são feitos o pote, a moringa, os pratos, a gamela, a panela e o aribé, bem como, outros itens e utensílios para uso pessoal e para a realização de atividades domésticas. Existem outras atividades importantes, tal como a coleta de frutos aptos e corriqueiros da região: manga, caju, umbu, goiaba, pinha, dentre outros. A preservação do nosso meio ambiente é importante para a sobrevivência do nosso povo, já que só assim conseguimos manter viva a nossa cultura, costumes e tradições. Apesar do clima da nossa região ser semiárido, com poucos períodos de chuva ao longo do ano, conseguimos desenvolver a agricultura familiar e a produção de artesanatos.

A Formação da Ação Saberes Indígenas na Escola nos permitiu, enquanto professores indígenas, fortalecer o papel de pesquisadores da cultura do nosso próprio povo e, dessa forma, cumprir com êxito a prática de uma educação indígena intercultural, específica e diferenciada, atendendo aos anseios da nossa comunidade, de acordo com os seus projetos e concepções de afirmação da identidade indígena.

A ECOLOGIA E SABERES KIRIRI

A partir da data de 1998, alguns anos depois da posse legal do nosso território, começamos a revitalização das árvores nativas em sua vasta diversidade de plantas: Jurema, Jatobá, Pau Ferro, Angico, Pau de Rato, Candeia, Umburana e entre outras que temos na nossa aldeia. Preservar estas árvores é preservar a nossa história, nossa ancestralidade, nossa maneira de ser e estar no mundo. Compreendemos que a preservação da natureza é de suma importância para a nossa sobrevivência e dos seres vivos, fortalece nossas raízes e cultura tradicional, é da natureza que tiramos nossos alimentos, ervas medicinais e matéria prima para a produção de nossos artesanatos.

FIGURA 4: Desenho representando artesanatos Kiriri (matéria prima x artesanato produzido), feito pelos Professores João Eudes dos Santos e Kariza Souza de Almeida.



Fonte: Acervo produzido pelos Professores João Eudes dos Santos e Kariza Souza de Almeida.

Com a conservação da nossa biodiversidade, boa parte dos animais silvestres que estavam extintos foram renascendo e ressurgindo, e hoje podemos encontrar uma diversidade de animais em nosso ambiente natural. Na Aldeia Kiriri a conscientização sobre a preservação do meio ambiente vem sendo trabalhada, pois é de extrema importância para todos seres que habitam na terra. É fundamental a conscientização de todos os indígenas sobre a conservação da flora e fauna nas aldeias. Hoje, conseguimos identificar a grande diversidade de plantas e animais em nossas comunidades. E essa mudança pode ser observada a partir do crescente número de animais nativos que ressurgiram depois da nossa chegada ao território. Isso só se tornou possível porque as populações indígenas respeitam a natureza e o seu tempo, sabemos o período certo de caça, considerando a fase de reprodução, período da quaresma e também o mês de agosto, que para nós, indígenas Kiriri, é considerado um “mês fino”.

Atualmente, com nosso ambiente revitalizado, a vivência e o convívio com a natureza melhoraram, nela encontramos os recursos naturais para tratarmos da saúde com o uso das ervas e plantas medicinais: Alecrim, Caatinga de Cheiro, Comigo Ninguém Pode, Cordão de São Francisco, Cravo Santo, e outros. Na natureza também encontramos as matérias primas para produção de artesanatos, para serem utilizados em nosso cotidiano, nas comemorações culturais e santificadas, e nos momentos das práticas dos rituais sagrados. Nós indígenas temos uma relação de respeito também com a terra, porquanto nela praticamos a agricultura de subsistência e também para a comercialização. Porém, a comercialização não é um costume da maioria das famílias, já que muitos têm família grande e necessitam guardar e utilizar o que é cultivado e plantado para consumo diário.

Também é de costume de algumas famílias guardar as sementes dos principais cereais cultivados, tal como milho e feijão, para serem usados para o plantio da terra no ano seguinte.

Sabemos da importância de respeitar e cuidar da natureza, aos poucos conseguimos reflorestá-la em sua totalidade. Podemos perceber a grande mudança sofrida quando usamos e manejamos a terra na coletividade, a mesma fica mais produtiva. O trabalho comunitário é uma das ações mais significativas realizadas pelo Povo Kiriri, estreita os laços e fortalece as práticas culturais, e, principalmente, propicia o fortalecimento étnico. Procuramos desenvolver e incentivar todos a cuidar do nosso ambiente, focando em conteúdos e temáticas que abordem a etnoecologia na prática docente em sala de aula e na vivência em meio à comunidade, arborizando ambientes com plantas frutíferas e nativas, produzindo materiais didáticos voltados para a nossa realidade, com o objetivo de criarmos um acervo em que essas práticas sejam fonte de inspiração para todos que vivem a educação escolar indígena Kiriri. Temos o dever de registrar e oportunizar o conhecimento a todos da comunidade e mostrar aos nossos alunos a importância que a natureza tem para nós, enquanto povo indígena.

FIGURA 5: Desenho representando a preparação da roça, feito pelos Professores João Eudes dos Santos e Demilson dos Santos, na Formação da Ação Saberes Indígenas, tempo escola.



Fonte: Acervo produzido pelos Professores João Eudes dos Santos e Demilson dos Santos.

A RELAÇÃO DO POVO KIRIRI DE CANTA GALO COM O CRAUÁ

O Crauá



FIGURA 12: Representa o Crauá.

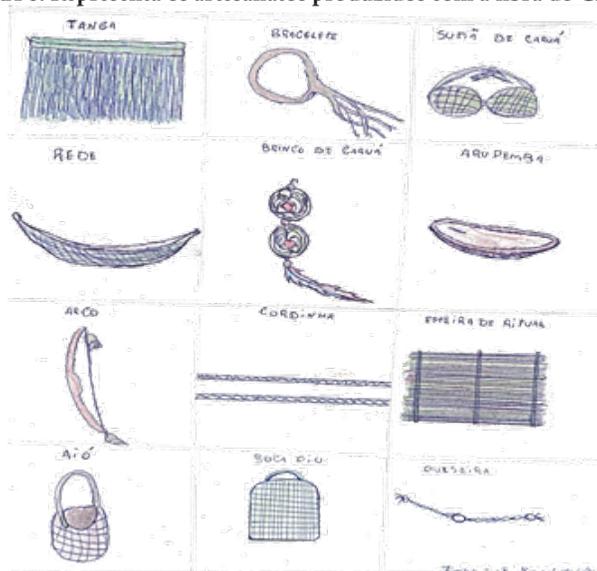
Fonte: Acervo produzido pela Professora Edenice de Jesus da Hora.

O Crauá uma riqueza indígena kiriri
Conhecida pelo seu povo com o nome Crauá
Uma fonte de riqueza e sabedoria
Passada de geração para geração sem nunca parar
É assim que o povo vive conservando e preservando
No fortalecimento da tradição cultural
O povo vive sempre a preservar
Cantando, falando uma tradição oral
Riqueza kiriri vista e vivida
Uma grande sabedoria que não se pode parar

Escrito pela Professora Edenice de Jesus da Hora.

O Caroá é uma planta nativa do território kiriri, conhecida pelo povo como Crauá. Essa planta vem da família das bromélias, vai de resistente à seca, faz parte da Caatinga e do Semiárido do sertão da Bahia. O Crauá é planta muito conhecida, respeitada e valorizada pelo povo Kiriri que estabelece uma relação ligada diretamente com suas fibras, suas raízes tradicionais. É utilizado para produzir nossa vestimenta tradicional e cultural, bem como na medicina tradicional, na produção de artesanatos e também para servir de alimento para animais selvagens e domésticos. O Crauá tem seu período adequado para fazer a colheita e manuseio da sua matéria prima de setembro a outubro. É importante ressaltar que neste período sua fibra está mais resistente e pode ser usada com mais segurança para benefícios tradicionais do povo, pois pode ser usada de várias maneiras, como na confecção de artesanatos, utensílios e indumentária. Há também um outro período em que se pode colher o Crauá, que é em março e abril (no entanto, neste período sua fibra não está tão resistente quanto no período posterior).

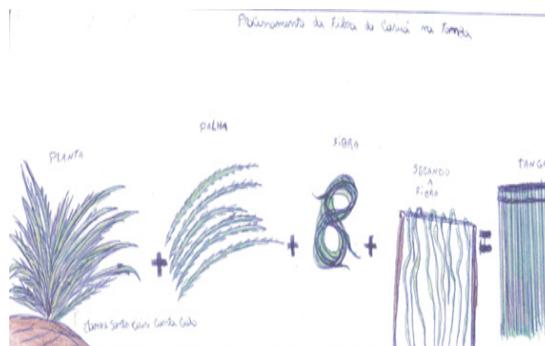
FIGURA 6: Representa os artesanatos produzidos com a fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pelo Professor JonheSantos de Jesus.

Para fazer o manuseio dessa planta e tirar suas fibras a fim de serem utilizadas, os índios Kiriri realizam procedimentos específicos e dão uma atenção especial a esse rito, ao se levar em conta a importância da planta. Contudo, espera-se dela que esteja pronta, ou seja, aguardam chegar os meses de setembro e outubro. Então, os índios saem para a mata à sua procura, nos locais em que costumam nascer, são eles: em pé de serra, em cima de serra e em terrenos argilosos. Deve ser levado em consideração que a diferenciação da planta pode ser percebida quando se faz a sua colheita, já que nos tipos de terrenos mencionados a sua coloração é verde escura, assim como suas manchas, porém, nos terrenos arenosos ela nasce com uma coloração bem mais clara e acinzentada. Para o indígena fazer a colheita, deve pegar a palha do Crauá com as duas mãos e puxar bem para retirar seus espinhos, todavia, tem outras que antes de puxar da “sepeira” deve-se tirar os espinhos das laterais e para em seguida puxá-la. Após essa tarefa ele precisa juntar os “moíos” ou “feixo” em grande quantidade, também pode fazer por quantidade contadas em dúzia (uma maneira de saber o quantitativo necessário para produzir as vestes de uma determinada pessoa). Quando estiver pronta a retirada da fibra, leva-se ela para casa ou para um outro lugar onde tenha água (tanques e lagos) para se realizar o manuseio.

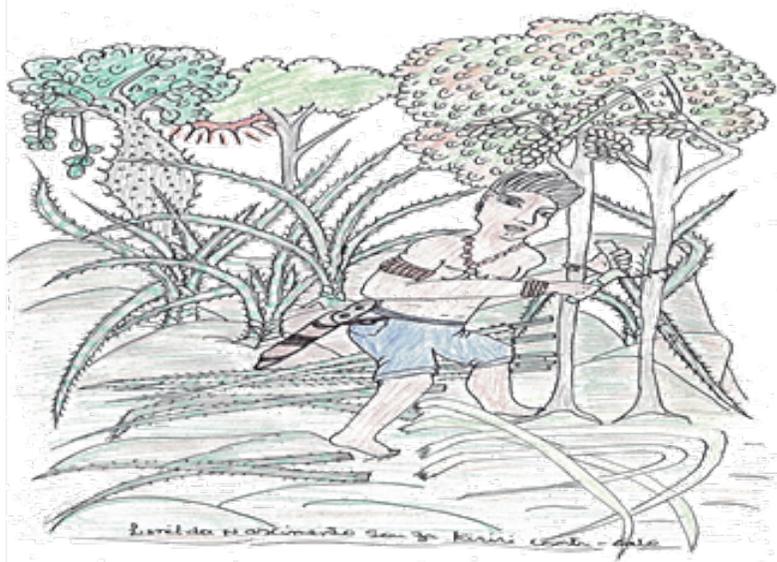
FIGURA 7: Representa o processo de produção da “Tanga” com a fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pelo Professor JonheSantos de Jesus.

Com as palhas do Crauá em mãos, são retiradas as fibras. Para fazer esse processo de produção de indumentária é essencial cortar entre a casca da palha, ou seja, “escangotar” a ponta do Crauá e em seguida puxar as duas partes para que a fibra se solte. Há dois processos de tirar a fibra, primeiro é feito puxando com um dos pés, segurando firme e por fim, puxando com as mãos, entretanto, nessa técnica, a fibra fica com resíduos, necessitando realizar um procedimento secundário para melhoramento do material; e o segundo processo é realizar a retirada, com um arame asteadado na horizontal entre dois piquetes, e posteriormente encaixar a palha do Crauá e puxar, depois bater nela com um porrete ou com um pedaço de pau, colocá-la na água de um dia para o outro (mais ou menos 24 horas), após passado esse tempo, a fibra muda de cor, portanto, o tempo que a fibra ficará na água é que determinará se a cor será clareada ou esverdeada.

FIGURA 08: Representa o processo de retirada da fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pela Professora Lenilda Nascimento Souza.

FIGURA 09: Representa o processo de preparo da fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pela Professora Lenilda Natividade Souza.

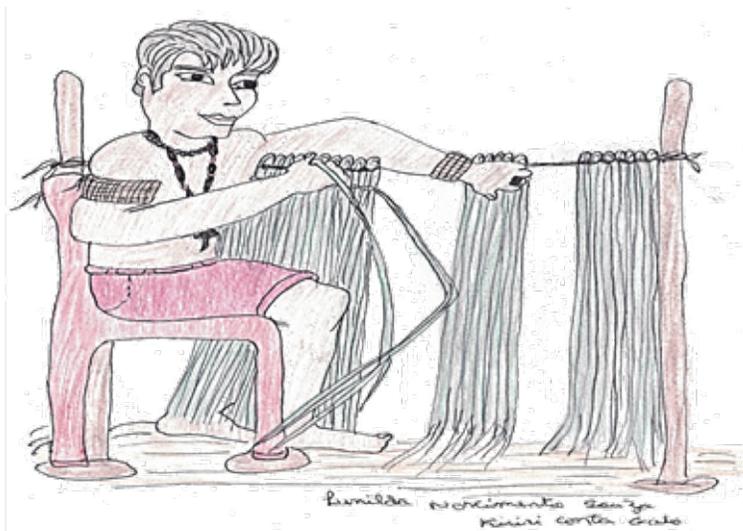
Neste processo as fibras são colocadas para secar no sol por pouco tempo e logo depois são colocadas na sombra para concluir o reparo e o manuseio. Já com as fibras prontas e preparadas em mãos, elas poderão ser utilizadas para a confecção das idumentárias para uso nas praticas culturais do povo.

FIGURA 10: Representa o processo de secagem e descanso da fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pelo Professor Jonhe Santos de Jesus.

FIGURA 11: Representa o processo de tecer a “Tanga” com a fibra do Crauá.



Fonte: Acervo produzido pela Professora Lenilda Nascimento Souza.

De todo modo, essa planta tem grande valor para nós, povo Kiriri de Canta Galo, a qual temos disponível em nosso território e em grande quantidade, o que vem a nos deixar engrandecidos com tal riqueza que a natureza nos proporciona. E por ela ter um valor simbólico e fundamental para o povo, nos fornece a matéria-prima para a confecção e ou produção das indumentárias para a prática de nossos rituais.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



arte: Juliana

TEXTO COMPLEMENTAR - CONTO “O CARNEIRO BICHO”



Fonte: ilustração produzida pela aluna da 3ª série do Ensino Médio - Iwara Jesus Conceição de Andrade.

Quando a “primeira noite” ainda era na Mirandela, um caboclo foi buscar foguete em Salvador, quando vinha voltando no caminho, vinha um bicho atrás dele. O caboclo muito experiente chamou seu companheiro “Docri” que o colocou nas costas foram embora e logo diante no “pé de pau” o “Docri” mandou o caboclo subir em cima. Este ficou embaixo e virou-se (transformou-se) em uma pedra, quando o bicho chegou cheirou a pedra e disse: Essa pedra não estava aqui, bateu a cabeça duas vezes na pedra fazendo faíscas. Aí o bicho seguiu o caminho em frente, logo após o bicho sair, o caboclo desceu “do pé de pau” e foi embora com o “Docri” de soltar os foguetes. E foram festejar junto com os indígenas.

Escrito pela aluna Iwara Jesus Conceição de Andrade, aluna da 3ª série do Ensino médio. Resultado do trabalho de pesquisa realizado pela aluna sob orientação dos professores no ano letivo de 2021.

TEXTO COMPLEMENTAR - CONTO “O CAÇUAR ENCANTADO”



Fonte: ilustração produzida pela aluna da 2ª série do Ensino Médio, Jaciara Santos da França.

Na Aldeia Baixa da Cangalha, lá perto da serra onde fica a caixa d'água, conta-se que existe um “caçuar” encantado que não tem hora de aparecer, mas costuma assustar as pessoas durante a noite. Isso pode acontecer com quem passa por lá gritando e dando risada ou falando muito alto. Ele aparece em tamanho normal e parado, mas de acordo com o susto e o medo que a pessoa passa, ele pode até começar a crescer e a correr atrás da pessoa para colocar dentro dele. Dizem que ele pega a pessoa mas que não é para sempre, contudo, sua intenção é deixar a pessoa zonzinha, porque ele rola com a pessoa dentro, e sua intenção é também alertar para a próxima vez que passar por lá, que passe quieto por ele porque ele não gosta de zoada, por isso é que ele escolhe o pé de serra para morar.

Escrito pela aluna Jaciara Santos da França, aluna da 2ª série do Ensino médio. Resultado do trabalho de pesquisa realizado pela aluna sob orientação dos professores no ano letivo de 2021.

CRIAÇÃO DA COTIA NO TERRITÓRIO PANKARARÉ

O projeto de criatório de animais silvestres é legalizado na Aldeia Pankararé, iniciativa do etnobiólogo Miguel Colaço que trouxe ao território um grupo de estudantes pesquisadores da UFBA, iniciando um grandioso trabalho junto à comunidade, visando a conservação e implementação do primeiro criatório de cotia dessa região. Os Pankararé são grandes conhecedores de seu território e dos animais que nele vivem e sabem da importância de cada espécie para o meio ambiente, por isso, a criação legalizada é uma alternativa para a conservação do nosso bioma Caatinga. Segundo Hosken e Silveira (2002), no Brasil, a criação e a comercialização de espécies da fauna silvestre, como animais de estimação, ou produtos provenientes destes animais, como carne e o couro, até bem pouco tempo atrás, só eram feitas de forma ilegal. Para atender esse mercado ilegal, os animais eram capturados no seu habitat natural, caçados e abatidos clandestinamente. Com isso, houve uma grande diminuição de espécies e espécimes da nossa fauna. As correntes conservacionistas atuais apontam a criação de animais silvestres com finalidade comercial, como caminhos certos para a preservação de algumas espécies da fauna brasileira, especialmente as que possuem potencial zootécnico.

A cotia é encontrada em todo o território nacional e suas espécies variam conforme cada região ou bioma, na Caatinga elas são de duas cores, temos as mais escuras e as de tons alaranjados ao avermelhado. A cotia é um roedor de porte pequeno, chegando a pesar até quatro quilos. O seu corpo não tem manchas como o da paca. A cor da *Dasyprocta leporina*, que é a espécie mais comum e abundante, possui tons variados indo do alaranjado ao vermelhado.



As outras espécies normalmente são mais escuras e às vezes de coloração entre acinzentada e prata, como a *Dasyprocta azarae*. A cauda é vestigial, em forma de um pequeno tubérculo, medindo aproximadamente 1 cm de comprimento. As patas anteriores possuem quatro dedos e são mais curtas que as posteriores que possuem três dedos, as unhas são bem afiadas, dando a característica de um exímio cavador para o animal. A cotia, com base nos aspectos citados acima, são variadas, porém, elas são bem conhecidas em nosso território com base na sua localização. As mais escuras sendo as de raso e as avermelhadas ou alaranjadas conhecidas como de carrasco, é assim que os Pankararé as definem pela cor. Esses animais podem viver em média até 20 anos, a fêmea encontra-se em sua maturidade sexual aos 10 meses de idade, sua gestação dura em média 116 a 135 dias e podem nascer de 1 a 2 filhotes por gestação. O olfato da cotia é o sentido mais desenvolvido, a audição é também apurada, ao passo que a visão e o paladar são rudimentares.

Para que o projeto fosse implantado, as pessoas, mesmo tendo conhecimentos com a caça, tiveram que passar por algumas formações somando os saberes tradicionais com os científicos, numa junção de conhecimentos que com certeza daria certo e seria um sucesso, analisando os hábitos das cotias e respeitando os tempos da produção. No projeto foram contempladas as localidades escolhidas pelos indígenas: Baixa da Fontana, os responsáveis pelo lugar foram os indígenas Manoel Laudelino, Agnaldo, Lourival e Rodrigo. O criatório era dividido em seis boxes, nos quais apresentava baixa taxa de ocupação (o número de animais por metro quadrado), cada box ocupava 3 fêmeas junto com 1 macho. O projeto iniciou com apenas 6 fêmeas e 2 machos, o local foi indicado por ser silencioso, evitando o estresse nos animais.





Fig 3: Baixa da Fontana Leandro, 2021.



Fig 4: Boxe (ou Baia) para criação em cativeiro Leandro, 2021.

Esses locais de criação devem ter licença do IBAMA, o criatório deve ser implantado de acordo com as portarias que normatizam a atividade para criação de qualquer animal silvestre, para isso o criador deve procurar uma acessória técnica para atender às exigências legais. Os Pankararé que estavam responsáveis por essa criação eram assessorados e acompanhados por pessoas que entendiam desses trâmites legais. Sempre estavam presentes no TI Pankararé a equipe responsável, acompanhando toda a evolução do projeto, alguns deles quase moraram na Aldeia, um deles foi o indigenista e etnobiólogo Miguel Colaço. As construções dessas baias devem ter segurança, como descreve Hosken e Silveira (2002):

Utilizam-se piquetes com área favorável em metros quadrados e com concentração vegetal em seu interior, deve possuir piscina e toca idêntica às que serão descritas para o sistema intensivo. Essa seria a situação ideal de instalação para os animais, uma vez que se aproxima mais da condição natural (habitat).



Fig 5 - piscina dentro das baias Leandro, 2021.

Nas baias eram colocadas as caixas que serviam de ninhos, elas eram feitas de alvenaria com aproximadamente 1,10 m de comprimento por 0,70 centímetros de largura e 0,50 centímetros de altura, nelas eram colocadas folhagens para que as cotias fizessem seus ninhos, porém, em época de chuvas havia grandes problemas com as caixas, a durabilidade era pouca devido a água que molhava e logo as capas começavam a destruir-se, assim, surgiu a ideia de colocar madeiras próprias da Caatinga, que são as moradas naturais dos animais dentro da mata, os cuidadores procuraram as madeiras ocadas substituindo as outras nos cativeiros.

Com diversos tamanhos e formas, as pequenas madeiras eram mais usadas pelos filhotes de cotias que só saíam para serem amamentados quando as mães chegavam perto, já os paus com ocos maiores eram usados pelas cotias adultas. Essa experiência deu muito certo, elas entravam e saíam de um lado para o outro, brincando e se abrigando, quando pessoas estranhas chegavam elas se escondiam, mas elas já estavam acostumadas com a presença dos cuidadores e com os horários da alimentação, então saíam e brincavam muito pulando de um lado para o outro muito mansas.



Fig 6 e 7 : madeiras com ocos para morada de cotia Leandro (2021).

Algum tempo depois do projeto iniciado alguns cuidadores desistiram de cuidar do criatório, saindo do projeto os indígenas Lourival, Rodrigo e Manoel. Com a saída dos mesmos houve a oportunidade de outros indígenas fazerem parte do processo, assim iniciou-se um novo ciclo com os criadores: José Leandro e Agnaldo, dando continuidade ao projeto. O manejo desses animais deve ter muita cautela já que as cotias prenhas devem ser separadas para evitar que na hora do parto as outras se estranhem entre si e matem os filhotes. Os machos criados para engorda devem ser separados em outra baia, e no caso dos doentes que precisam de cuidados, também devem ser separados imediatamente.

arte/: /julia tuxá



VOCÊ SABIA?

As cotias são animais facilmente domesticados. Costumam viver em média 15 anos de vida.

A alimentação desses animais silvestres deve ser variada com frutos e raízes. Os tratadores Pankararé buscavam dentro da mata a alimentação diária, o imbu, o licuri ou coquinho e o caju. Para manter uma alimentação ainda mais balanceada eram retirados das roças as raízes de mandioca, milho e feijão, tudo para o bem viver dos animais, com uma boa condição de saúde. A cada quinze dias eram colocados nas baias galhos e troncos de goiabeiras cortados em pedaços de até um metro, para limpar os dentes frontais das cotias e evitar o crescimento desproporcionais. Nos criatórios também eram usados outros vegetais para saúde e para acalmar o estresse dos animais, sendo elas a umburana e a ameixa, dentre outros. No projeto era usado o método de contenção que é muito comum em vários criatórios e em cativeiros, como também o uso de equipamentos importantes chamados puçá. Trata-se de uma rede que é presa a um arco de metal, geralmente o cabo pode ser de metal ou de madeira.

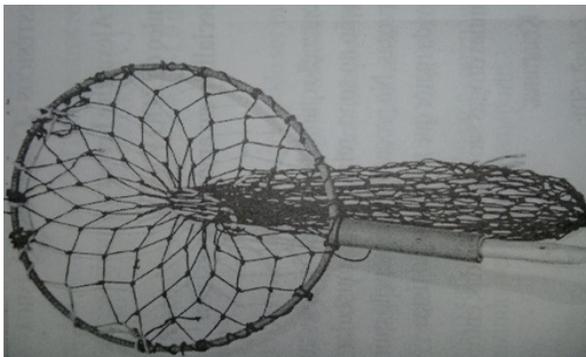


Fig 8: Coleção animal silvestre Fábio Morais e Ana Cristina (Puçá).

O criatório de animais silvestres é cuidado com muita dedicação, isso porque todos os dias o tratador deve observar as condições dos animais fazendo a manutenção e os reparos necessários como: fazer a troca da água dos bebedouros, observar a água da piscina, limpar os locais de colocar a comida e verificar se não tem rastros de animais intrusos e pessoas no ambiente de criação. Os animais devem ser pesados assim que nascem e semanalmente devem ser acompanhados para verificar se estão ganhando peso ou perdendo. Caso esteja perdendo deve-se mudar a alimentação e o acompanhamento deve ser mais frequente.

Para saber o gênero do animal era preciso fazer o método de apalpação, que fica perto da barriga. Nesse projeto a pessoa que tinha bastante conhecimento era o cuidador Agnaldo, por se tratar de uma pessoa que desde criança acompanhou seus familiares nos afazeres, nas caçadas, e nos manejos. Ao longo do processo Agnaldo foi o único que continuou como cuidador e que tinha participado das etapas do projeto, inclusive das formações que foram essenciais para a continuidade do projeto. Ele soube bem como aproveitar cada momento, transformando tudo em conhecimentos que ele conta e repassa até hoje. Na natureza os filhotes sempre andam com suas mães em busca de alimentos naturais, dormem na mesma toca ou ninho e só se separam quando faz a desmama, já no criatório em cativeiro se tiver outras cotias adultas juntas elas preferem manter seguros seus filhotes em ocas menores e só saem para se alimentar, até que cresçam um pouco e as outras já os reconheçam como parte do bando.

Para descontrair...

Corri cotia
Na casa da tia
Corri cipó
Na casa da vó
Lencinho branco
caiu no chão
Moça bonita
do meu coração.

A pessoa que trabalha com criatório trabalha todos os dias, como eram poucas baias ficava mais fácil de dar conta, mas, quando o criatório estava com bastante produção também aumentava o serviço, nesse momento era necessário utilizar mão de obra extra. Mesmo diante de um projeto tão importante para o Território Pankararé, infelizmente, devido a alguns problemas ocorridos e de tantas exigências, sem ajuda para mantê-lo, os dois indígenas responsáveis pelo projeto pediram ao IBAMA para virem buscar as cotias em seu criatório. Em 2018 o órgão veio fazer o resgate dos animais. A entrega foi feita e os Pankararé ficaram cientes de que os animais seriam entregues a outro criatório que estivesse em funcionamento e de acordo com a portaria vigente, e o IBAMA

ficaria responsável por fazer as vistorias, buscando condições suficientes para os animais que estavam levando.

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**



ARTE: JULIANA

TEXTO COMPLEMENTAR - COTIA

Estava no alto da serra, eu vi um pássaro cantar.
Em uma árvore sagrada, eu vi uma cotia passar
Estava nas mata, eu vi passa, reia.
Estava nas mata e nas mata eu vi passa reia. (BIS)

Toante: Anailson Feitoza.

Capítulo 5

ETNOBOTÂNICA

Natureza, Cura e Saberes indígenas

POVO TUMBALALÁ E AS PLANTAS MEDICINAIS: RELAÇÃO DE RESPEITO, ANCESTRALIDADE, FÉ E CURA

As plantas medicinais têm um papel fundamental na construção dos saberes das comunidades indígenas, que foram construídos na intensa relação dos índios com a natureza e a fé nos encantados. Elas trazem vários benefícios para a saúde do nosso povo. Essa diversidade de saberes e práticas, é devido ao uso das mesmas pelos antepassados que perpassam por toda geração indígena. Plantas medicinais ajudam no fortalecimento da nossa identidade e também tratam de muitas enfermidades do corpo humano e do espírito, sendo ainda usada na cura de doenças de outros seres vivos. Portanto, a construção desse material é de extrema relevância, pois nele estarão contidos memórias e registros significativos do nosso povo Tumbalalá.

1. AS MEIZINHAS TAMBÉM CURAM!

O que são meizinhas?

As meizinhas são “misturas” feitas com plantas para tratar diversas enfermidades do povo Tumbalalá, bem como enfermidades de animais e também para tratar as pragas que aparecem nas lavouras. O uso de plantas medicinais é algo importante para muitos, uma tradição que vem dos anciões e anciãs, passada por gerações e gerando conhecimentos que levam à cura de feridas, dores e machucados apresentados no corpo.

Dona Maria Vitória, índia Tumbalalá, viúva do ancião e falecido pajé, o senhor Antônio de Lourêncio, moradora do Aldeamento Missão Velha no município de Curaçá-BA, nos fala um pouco sobre o uso das plantas medicinais e para que estas servem. Em conversa com a mesma foi possível observar a diversidade de informações e conhecimentos que Dona Vitória pode repassar. De início, ela ensina como tratar um machucado com a Quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*), um anti-inflamatório que serve para regular o sangue e também explica como curar a gripe ou garganta inflamada utilizando o hortelã (*Mentha spicata*) e Malva-grossa

(*Plectranthus barbatus*).

Vou falar da Quixabeira que é uma planta bem conhecida, uma árvore bem conhecida. A Quixabeira serve para pancadas, se levar pancadas pode tomar ela que ela serve para desmanchar o sangue, é um remédio muito bom, serve para mais coisas. O Artelão: Vamos falar do Artelão. O Artelão é muito bom pra gripe, pra infecção, pra inflamação, né? A gente estar gripado faz o chá é muito bom, e machuca ele, cua e bebe para outras coisas. A malva grossa junta com Artelão ela é muito boa, ajunta tudo e faz um lambedor pra gripe e pra infecção, pra sangue, tudo ele é bom, né? (Entrevista com Dona Vitória, do Aldeamento Missão Velha do povo Tumbalalá, 24 de abril de 2021).

Dona Maria Vitória reforça a importância do tratamento com as plantas e fala sobre o poder curativo da catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul), da Quebra-Faca (*Croton conduplicatus*) e de seus benefícios:

É minha gente, nós índios tem que se curar nas matas! Nós tem que se curar na natureza! Né? E assim vamos em frente, vamos falar da Catingueira: Vamos falar da natureza, a Catingueira ela é muito boa pra gripe, para se levar um corte, pode tirar a rapa e entregar na mão né? E colocar em riba, que corta o sangue, é muito bom. E tem a Quebra faca que é a natureza, é muito bom também pra dor de barriga, bom para uma coisa que hoje o povo acha engraçado, que se for falar ninguém tem mais hoje, mas as mulher mais velhas tinha, uma tal de dona do corpo. Que a Quebra faca é muito boa para tomar para dona do corpo, é bom para dor de barriga, infecção de urina (Entrevista com Dona Vitória do Aldeamento Missão Velha do povo Tumbalalá, 24 de abril de 2021).

Para ela, nós temos que procurar a cura onde já sabemos que temos, na natureza, e essa prática também é uma forma de reafirmação identitária, pois é difícil pensar no indígena e a natureza em espaços diferentes, sem a ideia de interdependência e cuidado de um para com o outro.

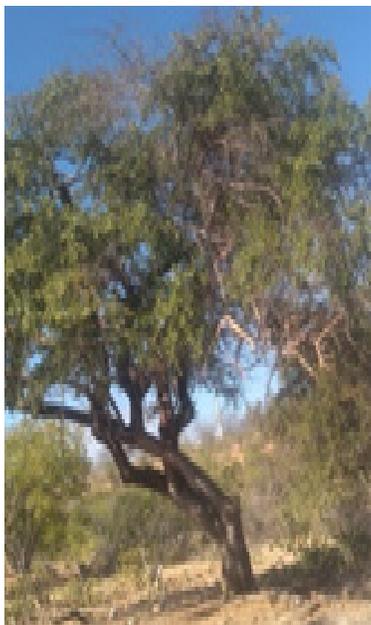


Foto: Audenice Xavier.

Espia!

A quixabinha ou quixabeira também é conhecida como jabuticaba-do-mato, tamanqueira, sapotiaba, quixaba preta, caronilha, rompe-gibão e maçaranduba-da-praia. Pertence à família Sapataceae, espécie *Sideroxylon Obtusifolium*. Ocorre no Nordeste em áreas de várzeas, beira de rios e de córregos da Caatinga, nas restingas do litoral do Ceará e do Rio Grande do Sul, nas áreas de matas úmidas do Pantanal de Mato Grosso, no Vale do São Francisco e de seus rios e afluentes. Os frutos podem ser consumidos ao natural ou como doces, sucos e geleias. Outras partes da planta também são utilizadas na medicina popular.

2.1. CONVERSANDO COM DONA MARIA DO SOCORRO MARINHEIRO - TUMBALALÁ



Foto: Robson Gomes.

Dona Maria do Socorro Marinheiro, índia Tumbalalá, residente no aldeamento Pambu, é uma senhora muito sábia. Em uma entrevista concedida por ela ao professor Robson Gomes, ela repassa alguns ensinamentos sobre ervas medicinais. Coca, como a mesma é conhecida por todos ali na região, nos fala sobre o uso do angico (*anadenanthera macrocarpa*) e da aroeira (*schinus terebinthifolius*), uma planta encontrada na aldeia e que é muito utilizada, principalmente, por mulheres. A planta serve para tratar problemas ginecológicos, além de machucados e inflamações.

Angico e Aroeira: É um anti-inflamatório e cicatrizante, serve para fazer o banho de acento, para infecção ou inflamação nos órgãos genitais, como exemplo: O corrimento vaginal. Também serve para tratar ferimentos e Cirurgias (Dona Maria do Socorro Marinheiro - Tumbalalá, 22 de abril de 2021).

Além da aroeira, dona Maria do Socorro, fala sobre a marcela (*achyrocline satureioides*), uma semente utilizada para dores de no estômago. O chá da marcela também é utilizado para tratamento de manchas amareladas na pele dos recém-nascidos.

Marcela: A semente serve para colocar de molho ou fazer o chá e tomar quando uma comida fazer mal ou ficar com dor de barriga. Serve para fazer o chá e tratar o estômago quando alguma comida faz mal e também para fazer o banho para tratar a pele do recém-nascido e acalmar, e tratar uma doença nos olhos quando as crianças nascem com ela, chamada de Icterícia (Dona Maria do Socorro Marinheiro - Tumbalalá, 22 de abril de 2021).

No discurso de Dona Socorro, é notório a grande sabedoria tradicional, expondo de forma simples o conhecimento adquirido em diálogos e experimentos com os mais velhos. Essa intimidade, nos revela a relação de respeito dos povos indígenas com a natureza, pois apesar de ter contato com o conhecimento científico, jamais abandonam o aprendizado significativo e íntimo ofertados pela natureza e seus recursos e benefícios.

2.2 CONVERSANDO COM DONA ELOISA - TUMBALALÁ



Foto: Larissa Lopes.

Vou falar sobre a flor da catingueira, que ela é muito boa para dor de barriga e o chá dela é bom pra tudo. Também tem a casca da aroeira que é pra tomar de banho de aceio (banho de bacia) e também é bom rapar e botar na ferida, sara logo. O caroço da emburana de cambão serve para fazer lambedor e para fazer chá também quando estiver com dor de dente. Tem um que é muito conhecido na aldeia, que é o pé de faveleiro que além de dar à favela para comer serve para fazer de lambedor, as cascas dela. Já o quebra-faca, serve quase para

tudo: cólica, a raspa serve para fazer um chá que é muito bom quando a mulher está de resguardo pra limpar, quando ela não está menstruando, só que só pode depois, quando está grávida não, que aborta. Da raspa dela também faz o torrado que é bom para quem não está respirando bem. Temos também a goiabeira que é bom para diarreia e é bom para outras coisas. Mas vou logo dizendo que cura é a fé (Dona Eloisa, 2021).

3. PLANTAS MEDICINAIS: ORAÇÃO E FÉ

Em todas as culturas existem suas crenças, seus rituais, a fé que cada povo tem, é algo incomparável, pois cada etnia tem seu modo de se relacionar com os seus ancestrais. Em nossa aldeia temos uma fé tamanha no poder de cura das plantas, nossa medicina natural e cultural.

Dispomos de uma vasta quantidade de espécies de plantas, dentre as quais estão as ervas medicinais que usamos para nos curar dos males, pois utilizamos tudo que possa ser benéfico, segundo os ensinamentos dos mais velhos. É de nosso costume, quando adoecemos, procurar primeiramente nossas rezadeiras, visto que elas têm um grande DOM, um saber que vai além da medicina, um conhecimento que não veio de faculdade e sim dos nossos antepassados.

Tem mistérios na reza: não pode ser feita em voz alta (isso varia de lugar para lugar), tem algumas plantas onde as folhas são mais típicas para rezar, como por exemplo o pião roxo (*Jatropha gossypifolia* L) e o mussambê (*Cleome hassleriana*) que são as folhas mais usadas para a retiradas dos males.

Para ensinar a reza a alguém, primeiramente a pessoa tem que ter interesse, tem que se manifestar, dizer que quer. Para uma reza permanecer forte e fortalecer outra, é ideal que o homem ensine à mulher e vice-versa, caso contrário a reza fica fraca. O poder da reza não está nas mãos da rezadeira e sim na fé da pessoa que precisa. Em uma entrevista concedida à professora Márcia

Tumbalalá, dona Maria Joana, uma das rezadeiras da aldeia conta sua trajetória e como essa missão foi-lhe concedida:

Bem, eu venho de família rezadeira, meu pai e minha mãe eram rezadores, meu pai nos abandonou muito pequenos, como minha mãe por ser mulher, não poderia me ensinar, ela ensinou a meu irmão primeiro, aí meu irmão sabendo os “pés” das rezas me ensinou, assim nossa reza fica mais forte, meu desejo era poder ajudar principalmente os “miúdos” que não sabem falar pra pedir ajuda (Maria Joana, rezadeira Tumbalalá, 25 de abril de 2021).

Em sua fala, Maria Joana conta alguns dos “mistérios” da reza, como esta deve ser repassada para continuar firme e forte, e fala também sobre o seu desejo quando decidiu aprender os “pés” das rezas, como costumam falar, afirmando pensar nas crianças indefesas, pois na aldeia é muito comum rezar em crianças com quebranto e vento caído. No decorrer de sua fala, ela revela o horário determinado para suas orações e porque não pode realizar tal atividade em qualquer horário.

As folhas das plantas usadas precisam estar frias, não podemos rezar enquanto o sol estiver muito quente (meio dia) e nem também depois das “ave Maria”(depois das seis horas da noite), e sim podemos rezar se for algo extremamente urgente, aí pedimos perdão a Deus e licença para poder rezar. Tem alguns períodos que nós mulheres não podemos rezar, quando estamos vendo nossos tempos ou estivermos com alguma outra enfermidade (Maria Joana, rezadeira Tumbalalá, 25 de abril de 2021).

Além do horário apropriado para fazer suas rezas, dona Maria Joana também menciona momentos em que as mulheres não podem fazer suas rezas como de costume, são nos períodos próprios da mulher (durante o ciclo menstrual) ou quando estão com outras enfermidades, pois, a reza fica fraca por conta da fragilidade do rezador/benzendor.

Questionada sobre a escolha das folhas e sobre quais plantas são mais utilizadas para retirar o “male”, dona Maria Joana afirma:

É bom que seja folhas aveludadas ou apreguenta, as que eu mais uso são de pião roxo e de mussambê, mas se na hora não tiver nenhum desses dois pode ser qualquer planta, o importante é que a pessoa tenha fé, primeiramente em Deus e segundo, na reza[...] (25 de abril de 2021).

Percebe-se, nessa afirmativa, a importância da fé, porquanto tanto em remédios caseiros ou em rezas e orações, elas fazem efeito somente quando há essa confiança interna por parte de quem está precisando. A tradição da reza continua muito frequente, embora muitos rezadores temam perder esse costume por falta do interesse de aprendê-la por parte dos jovens. No fim da entrevista, dona Maria Joana diz “eu rezo por amor, por paixão, carrego esse dom dentro de mim, gostaria que algum dos meu filhos tivessem o interesse de aprender para dar continuidade à tradição”.

Além da vontade expressada em passar a tradição da reza adiante, é notório a satisfação com que dona Maria Joana fala desse dom divino, dessa relação íntima com sua ancestralidade, e a partir da fala dela, é possível identificar a expressividade e a importância dessa prática cultural para o fortalecimento da cultura Tumbalalá.

3.1 BANHO DE ASSENTO

Banho de Assento é um tratamento natural antigo, usado pelas mulheres para tratar doenças na sua parte íntima. O costume de tomar banho de assento é muito antigo, vem desde as nossas anciãs, mas prevalece até os dias atuais. Existe uma variedade de banhos de assento e todos servem para diferentes tipos de doenças (infecções urinárias, herpes, candidíase e etc), controla o corrimento e alivia sintomas como: coceira e irritação na região genital. No preparo dos banhos utilizam-se diversas plantas medicinais conforme o intuito do banho. Dona Lourdes, anciã e rezadeira da aldeia, em diálogo com a professora Roziane Martins, falou um pouco sobre suas receitas e para que elas servem:

Professora Roziane: Como é feito o preparo do banho de assento?

Dona Lourdes: Primeiro tem que cunzinhar as prantas numa panela de barro ou num bule, depois deixa o banhe ficar morno e depois é só tomar o banhe e se quiser pode beber um pouquinho antes de tomar o banhe.

Professora Roziane: Quais os tipos de plantas usadas no preparo dos banhos e para que servem?

Dona Lourdes: São muitos tipos e jeitos de fazer os banhes, alguns tipos são: banhe com camomila, arueira, imburana, ameixa, cajueiro e raiz de pega pinto. Os banhe serve para infecções, iscorrimento vaginal e para arrochar as carnes.

Professora Roziane: Qual a importância do banho de assento para a saúde íntima da mulher pós-parto?

Dona Lourdes: O banhe com arueira e ameixa ajuda a arrochar as carnes e se tomar o preparo vai limpar as sujeiras do útero depois do parto. Então é de fundamental importância que a mulher tome o banhe e beba o preparo, pois isso, vai ajudá-la se recuperar de forma melhor. Assim, se o parto for normal a sua vagina vai ficar apestada e saudavi mais rápido.

(Conversa com Lourdes Antônia da cruz, sobre os Banhos de Assento, 03 de maio de 2021)

4. TEXTO COMPLEMENTAR

Os Tumbalalá ocupam uma antiga área de missões indígenas e colonização portuguesa ao norte do Estado da Bahia, entre os municípios de Curaçá e Abaré, na divisa com Pernambuco e às margens do rio São Francisco. Tem-se por referência o pequeno e antigo povoado de Pambú (S 08o 33' W 039o 21'), a ilha da Assunção (TI Truká) e a cidade de Cabrobó (PE). A paisagem das cercanias de Pambú é dominada pela caatinga hiperxerófila e pelo rio São Francisco. Dada a escassez de chuvas ao longo de boa parte do ano – típica do clima semiárido – a atividade agrícola é frequentemente desenvolvida mediante técnicas de irrigação por “molhação” e dirigida ao cultivo da mandioca, feijão, cebola e, mais raramente, arroz. Os períodos chuvosos vão de dezembro a março e constituem a época em que carregam de frutos e flores os inúmeros imbuzeiros e surgem pastagens naturais em abundância para caprinos e bovinos que são criados soltos na caatinga. Em função desta oferta de alimento para animais domésticos há uma pequena produção caseira de queijos e leite que reforça o orçamento de algumas poucas famílias. Além de imbuzeiros, faveleiras, xiquexiques e cactos de diversas formas que aparecem por toda a caatinga, a jurema – árvore de porte médio que ocupa posição central no sistema religioso indígena e afro-indígena nordestino – é encontrada em mais de um tipo, tanto próximo ao rio quanto nos altos, e suas variações morfológicas são que determinam a serventia ou não de um tipo particular para a produção do “vinho da jurema” ingerido durante o toré (Ugo, 1998/2001).

PARA SABER MAIS...

Os Tumbalalá desenvolvem duas formas de toré: o privado, restrito a poucas pessoas e realizado em local fechado, e o público, que é aberto, feito no terreiro apropriado a este fim. Este primeiro é conhecido como mesa de toré – ou “particular”, ou ainda simplesmente “mesa” – e tem a prerrogativa de ser um trabalho mais concentrado e especializado, capaz de estabelecer uma comunicação mais intensa com o sobrenatural (Ugo, 1998/2001).

4.1 MEMÓRIAS TUMBALALÁ

“Quando ainda menina, ouvia de meus avós maternos, que as plantas serviam de remédio. Meu avô, tinha um livro com folhas já amareladas, que continha nomes populares e científicos de várias plantas, eu gostava muito de folhear e ver as imagens, até aprender a fazer a leitura. E já sabendo ler, compreendia ainda mais os benefícios das plantas, já proferidos pelos mais velhos. Recordo-me que meus avós diziam, principalmente vó, que não tinha remédio melhor pra dor de estomago do que mastruz, para cicatrizar ferimentos, o leite do pião brabo, a marcela pra curar dor de barriga, além de que a folha de pião roxo, os rezadores, utilizam nas suas benzeduras. Sempre que adoecia alguém, principalmente crianças, os pais levavam para a casa do rezador, que dependendo do mal (quebranto ou vento caído), receitavam chá de misturas de ervas para as crianças.

Na nossa região, existem muitas plantas medicinais, como o pau ferro, carquejo, aroeira, umburana, catingueira, quebra faca, e a jurema que faz o anjucá, utilizado nos nossos rituais religiosos. Esses saberes e ensinamentos, são vivenciados até hoje no nosso povo, pois faz parte da nossa cultura, nossa essência, nossa identidade étnica, pois são ensinamentos que passam de geração em geração.”

(Matilde Lopes de Oliveira, Professora- Tumbalalá)



Desenho: Maria Clara Gomes, aluna do 8º Ano “A”.

Por falta de cuidados, o homem está cada dia mais acabando com o meio ambiente. E é com essa falta de cuidados, que ele está destruindo não só a saúde dele mesmo, mas também de outros seres vivos que dependem da natureza para sobreviver.

(Roseane Dionísia, professora-Tumbalalá)

CONHEÇA UM POUCO MAIS!



arte: Julia Tuxá

TEXTO COMPLEMENTAR - QUADRINHA

PLANTAS MEDICINAIS

O assunto que vou falar agora
é sobre plantas que chegam a curar
uma grande sabedoria de um povo
sabedoria tumbalalá

Nossas plantas medicinais fazem parte
dos conhecimentos que nos foram deixados
por aqueles que já se foram
nossos queridos antepassados

Não podemos permitir
que esses conhecimentos venham a desaparecer
eles precisam ser preservados
cuidar, respeitar e não deixar morrer

Se você está com tosse
e parece que não vai parar
vou dá logo um conselho
usa o angico que vai fazer passar

Se precisar de banho de assento
sem demora vou te dizer
a aroeira, camomila ou a ameixa
todas elas irão ajudar você

Agora vou finalizando
e não poderia deixar de mencionar
que essas plantas e esses conhecimentos
são do nosso povo tumbalalá.

(Irineide Marciana, Professora Tumbalalá)

O uso de remédios feitos com flores, frutos, folhas, raízes e tubérculos de determinadas plantas é tão antigo quanto os primórdios da história da humanidade. A fitoterapia é a que utiliza as plantas medicinais, através de chás, lambedouros, garrafadas, unguentos, purgantes, emplastos, remédios populares que são chamados de meizinhas na região Nordeste do Brasil. É uma herança que os índios nos deixaram e uma das mais antigas formas de tratamento de doenças (Gaspar, 2003).

MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BA

O Povo Truká-Tupan descende dos Truká da ilha de Assunção, localizada no município de Cabrobó (PE). Dona Erineide Rodrigues, única Cacique e Fundadora da comunidade Indígena Truká-Tupan localizada no município de Paulo Afonso, nasceu e cresceu no território Truká de Cabrobó, presenciando todas as lutas, conquistas e percas do seu povo, tão bem quanto a cultura, tradição, espiritualidade e fé, trazendo para sua vida e a vida da sua comunidade os mesmos princípios e valores aprendidos na sua terra natal, deixando claro como se deu a sua aprendizagem em seu depoimento a baixo:

Eu me chamo Erineide e sou a cacique da aldeia Truká-Tupan. Vou recordar, relembrar e, melhor ainda, ter a oportunidade de voltar ao meu passado. Me lembro como hoje de um velhinho de cabelos brancos bem respeitados por todos, sempre tenho orgulho de dizer que esse velhinho era o meu avô, ele com seus conhecimentos ricos em sabedoria, sempre nos dava aprendizagem sobre a nossa cultura indígena. Ele falava pra mim, meus irmãos e primos sobre os cuidados que nós temos que ter com a Jurema e a natureza (Cacique Erineide Rodrigues).

Mulher forte e guerreira que tem em seu território tudo que precisa para sua sobrevivência, conhecedora da arte milenar de manuseio das plantas medicinais e apegada aos costumes tradicionais, sempre buscando na natureza formas de cura para si e para o seu povo de qualquer enfermidade.

O território Truká-Tupan é muito bem abençoado, mas não poderia ser diferente, pois seus habitantes sempre zelam da fauna e da flora, tirando dela apenas o necessário para a sua sobrevivência sem, com isso, ofender a mata e os seres espirituais que lá habitam, sempre pensando em sua comunidade e nas futuras gerações.



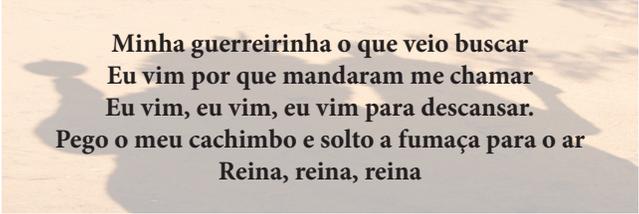
Foto: Camila Brandão, 2023.

Nós da comunidade Truká-Tupan, estabelecemos uma relação afetuosa com a natureza e isso faz com que mantenhamos uma relação mais próxima com o sagrado, como se a terra fosse a grande mãe, uma parte integrante da vida, também guardamos na natureza nossas lembranças, nossas vivências imemoráveis, onde a terra é um espaço e tempo que se constitui na história da nossa etnia, sejam os rituais, nas lutas, nas roças e nos diferentes momentos da nossa formação social.

Nós, os Truká-Tupan, aprendemos desde pequenos como conviver com a natureza e dela retirar o necessário sem, com isso, destruí-lá, nossa cacique Erineide, apelidada carinhosamente de dona Neide, é uma mesieira de mão cheia, que guiada pelos encantados, cuida do seu povo com todo amor, usando a medicina tradicional retirada da natureza com muita devoção e fé. Por isso, escolhemos o subtema **Natureza e Saúde Indígena: Cura e Saberes Tradicionais**, à qual dedicamos essas linhas escritas.

No nosso território existe uma diversidade de plantas, mas a jurema é uma das mais importantes. A jurema é uma árvore da caatinga e do agreste que tem sua casca utilizada para a fabricação da nossa bebida sagrada, o vinho de jurema que concede força, sabedoria e contato com os nossos antepassados. É uma planta amuleto, é expressão espiritual de grande importância para nós Truká Tupan por ser uma planta repleta de poderes e tradições, nela existem os bons encantamentos. Existem várias espécies de jurema, sendo prática comum a utilização da jurema branca.

Pelas vivências, conhecimentos e conselhos dos nossos anciões, para zelar da saúde mental, sempre tenho costume de sentar embaixo da jurema fumando a minha chanduca e logo me vem esse toante à cabeça, canto mentalmente e logo depois me sinto mais leve. - Quem falou isso? O autor ou é alguma citação? (Fala da Cacique Erineide Truká).



Minha guerreirinha o que veio buscar
Eu vim por que mandaram me chamar
Eu vim, eu vim, eu vim para descansar.
Pego o meu cachimbo e solto a fumaça para o ar
Reina, reina, reina

Existem vários toantes que falam sobre a jurema, facilitando também a aprendizagem dos mais jovens, pois os toantes são expressões orais de vivências, ou seja, os mais velhos usavam os elementos ao seu redor para formulá-los, por isso entendemos a força que a jurema tem para nós e ainda temos os toantes que vêm das espiritualidades ensinadas pelos ancestrais em nossos rituais ocultos, nos quais não podemos nos aprofundar tanto, porque cada povo tem a sua ciência e guardam-na a sete chaves e nós não somos diferentes. Por ser uma planta que envolve o misticismo do nosso povo, somos proibidos de nos aprofundar sobre todas as funções da jurema, então vamos falando à medida que nossos anciões vão permitindo. Entre outras funções, a raiz da jurema é usada na produção de artesanatos como o cachimbo e Chanduca, usados nos nossos rituais sagrados, para defumar e louvar os encantados que sempre nos orientam no caminho certo e nos ajudam a vencer as batalhas espirituais, físicas, mentais

ou mesmo para sentarmos debaixo de uma árvore de boa copa para sentir o vento na nossa pele e fumarmos nosso cachimbo, melhorando a nossa saúde mental, trazendo paz e sossego.

A jurema para nosso povo é vida, esperança, sagrada, espiritual, envolve o físico, o território, a cultura, as crenças e a sabedoria que faz parte das nossas vidas desde que nos entendemos por gente. Sempre valorizamos as rodas de conversa, não nos importando se a noite está fria ou quente, nós sempre encontramos um tempinho para contemplar as estrelas, o luar e conversarmos sobre a cosmologia do nosso povo. Com o avanço das tecnologias, a exposição de informações diversas na web, prendem a atenção dos pequenos, tentando, de alguma forma, desviá-los por outros caminhos e dialogarmos sobre os assuntos antigos se torna muito difícil, mas a educação indígena é muito importante e com a pandemia do coronavírus as coisas ficaram mais difíceis ainda, pois os estudantes precisaram lançar mão das tecnologias para poderem estudar, contradizendo algumas informações que direcionamos a eles. Em fim, precisamos estar atentos, principalmente, com os mais jovens que vão esquecendo os valores antigos e a importância que as vivências dos mais velhos significam para os dias atuais.



Foto: Acervo da comunidade.

Como adultos, nós temos que estar atentos a esse desvio e orientá-los no caminho certo, que é caracterizado pelos conhecimentos antigos unidos aos conhecimentos atuais, porque para entender quem somos precisamos saber de onde viemos e quais os nossos valores ancestrais.

Outra árvore considerada sagrada para o nosso povo é o imbuzeiro, ele é uma árvore acolhedora para nós. Quando estamos com a mente cheia das coisas do cotidiano, sentamos embaixo dele, acendemos nossa chanduca e pedimos aos nossos que nos tragam a paz e a força para lutar com as coisas que estão por vir. Ele também tem outros benefícios como as utilidades do fruto, da folha, da casca e da raiz. O fruto do imbuzeiro é arredondado, pequeno, tem casca lisa e um pouco aveludada, possui coloração verde e tem um sabor levemente azedo, sendo muito usado também na culinária nordestina no preparo da umbuzada, é uma bebida típica da Bahia.

Além de ser consumido in natura, o umbu pode render receitas de geleias, compotas, mouse, sorvete e outros doces. O suco de umbu, em especial, é muito indicado para limpar o organismo, pois é altamente hidratante, rico em vitaminas e antioxidantes. As folhas podem ser usadas para prevenir, bem como tratar, problemas nas córneas. Basta fervê-las e, cuidadosamente, aplicá-las sobre os olhos. As sementes são conhecidas por combater a prisão de ventre e, mais do que isso, ajuda na saúde geral da flora intestinal. Além disso, o suco feito a partir da raiz de sua árvore é usado há muitos anos para combater doenças hemorrágicas, é possível que isso se explique devido à grande quantidade de vitaminas que possui e que combate, também, o escorbuto, uma doença que atinge as gengivas. A casca é usada para curar, como nós chamamos, “dor de mulher”, as infecções intestinais, as cólicas, entre outras.

Algumas histórias são contadas pelos mais velhos, trazendo a raiz do umbuzeiro como contra-veneno, já que o teiú (réptil nativo da caatinga), segundo os anciãos, se alimenta de serpentes peçonhentas e, ao lutar contra elas, sempre deixa um buraco próximo à raiz do umbuzeiro, então, quando ele é picado, recorre à batata do Umbuzeiro que fica localizada na raiz, comendo um pouco e voltando para continuar lutando, sempre vencendo a luta e conseguindo o seu alimento. São várias as formas, saberes e fazeres tanto com o imbuzeiro quanto com a jurema, entre outras plantas existentes no território Truká-Tupan e as ciências que

nelas habitam. Por isso, precisamos respeitar e proteger a natureza que é de grande importância não apenas para os povos indígenas, mas para todos os seres vivos da terra, sem ela morremos, então precisamos unir forças para manter todos os benefícios que a mãe terra nos oferece. A medicina tradicional dos povos indígenas é tão antiga quanto a própria existência do ser humano, porém, as visões de território entre indígenas e não-indígenas são bastante diferentes: enquanto os povos originários vêem a terra como mãe protetora de todos e que merece cuidados especiais, os não-indígenas, infelizmente, a vêem como objeto de lucro se assim não for, ela é considerada improdutiva. Este se torna a razão de muitos que estão tentando tirar a terra dos povos indígenas para “torná-la produtiva” e poucos são os indígenas para defendê-la.



arte: Julia Tuxá

**CONHEÇA UM
POUCO MAIS!**

A ORIGEM DAS ÁRVORES NO TERRITÓRIO TRUKA TUPAN

As árvores do território Truká-Tupan são diversas, temos árvores altas, baixas, que produzem frutos azedos/doces e outras que nem produzem frutos. Elas servem para uma variedade de coisas como: cura física, espiritual e mental, outras servem apenas de enfeite com lindas flores de diversas cores e tamanhos, por esse motivo nós da comunidade Truká-Tupan somos muito abençoados com tantas riquezas.

Diz a lenda que antes da criação de tudo, Tupan chamou à sua presença todas as árvores do mundo, ele queria satisfazer os desejos de cada uma delas oferecendo-lhes a opção de onde elas nasceriam e como elas queriam ser quando nascessem na terra, então elas foram pedindo. A Laranjeira pediu que suas folhas, ao serem cozidas, dessem aos outros seres a cura para o estresse, reduziriam a sua pressão arterial e ajudariam com doenças das vias respiratórias, possuiria também flores perfumadas e frutos saborosos, mas que também queria espinhos afiados, pois, todo ser vivo deveria ter suas defesas naturais.

O Cajueiro pediu que Tupan diversificasse o seu tamanho, existindo pequenas e grandes árvores, mas, que possuíssem folhas largas e que formassem sombras agradáveis, que seus frutos tivessem a semente externa e teriam coloração verde ao nascerem, porém, quando estivessem prontos, seriam amarelos como o sol ou vermelhos como o sangue para que todos os vissem de longe e mesmo sem provar, já os achassem suculentos. Ademais, não desejou apenas isso, ele queria que a suas cascas e entrecascas servissem como remédio para vários tipo de enfermidades.

A Mangueira, por sua vez, pediu para ser grande, forte e dar frutos que o sabor faria, a quem quer que os provasse, revirar os olhos de felicidade por ser tão doce quanto o mel. Desejou também que seu aroma se estendesse por todo o espaço em que ela estivesse, e na falta das casas dos outros seres, ela daria esse aconchego, além de querer ter uma vida longa.

Os pedidos continuaram, porém, o último deixou Tupan um pouco apreensivo, pois, ao invés de realizar desejos que favorecessem as árvores e os seres da terra, esse era voltado apenas para ele. O Umbuzeiro chegou e quis ser sombra e apenas sombra. Tupan, meio sem entender, perguntou:

– Como assim, Umbuzeiro? Ser apenas sombra?

– Sim, mas quero a melhor sombra. Quero também que o meu tronco e galhos sejam muito fracos, respondeu o Umbuzeiro.

Tupan ainda não estava entendendo onde o umbuzeiro queria chegar...

– Fraca? – Respondeu Tupan – Explique esse negócio direito Umbuzeiro! Ainda não consegui entender.

Então o Umbuzeiro muito sábio, respondeu:

– Quero o meu tronco e os meus galhos fracos para que eu nunca possa servir de objeto de tortura para ninguém, pois seu Filho,

Senhor, será pregado numa cruz feita de madeira!

E Tupan, conhecedor de todas as coisas e ciente dos acontecimentos futuros, que já ajustava a ideia de mandar seu Filho à terra para pregar a paz em seu nome, respondeu sorrindo:

— Você será atendido.

— Mas quero ainda um último pedido: nascer no solo abençoado da aldeia Truká-Tupan – Disse o Umbuzeiro.

Assim, Tupan além de mandar o Umbuzeiro para o território Truká-Tupan, mandou também uma diversidade de árvores e ainda fez mais: deu ao Umbuzeiro a capacidade de gerar frutos de sabor inconfundível. Frutos esses que hoje o povo Truká-Tupan saboreia com muito prazer e respeito.



MEDICINA TRADICIONAL DO POVO XUCURU KARIRI DE GLÓRIA (BA)

Antes da invasão europeia, os povos indígenas já praticavam suas ciências, essas práticas são tão antigas quanto os próprios povos indígenas. A manipulação da natureza como processos curativos sempre foram práticas utilizadas por esses povos, então, não é possível distinguir uma coisa da outra já que para eles a natureza não é parte de algo, mas o conjunto de tudo, provendo saúde, equilíbrio e vida, mantida e perpetuada ao longo dos anos através das vivências e interações entre anciões e a juventude. Entretanto, para os não-indígenas e outras comunidades étnicas diferentes, algumas práticas são ocultas e o depoimento de Antônio José Sátiro do Nascimento, um ancião Xucuru kariri deixa claro essa afirmativa:

Rapaz eu vo dizer uma coisa a vocês, muitas coisa da jurema a gente pode lhe citar, mas pá dizer o resto do que arrente sabe da jurema a gente não pode explicar isso dai não, só mermo na hora que arrente vai fazer o ritual e vai usar ela agora pra espricá ela. Muitas coisa da jurema ninguém consegue espricá, não é por isso que eu digo a você da jurema tem muita coisa importante, niguém pode dizer nem abri o jogo pra soltá tudo que arrente sabe do ritual da gente da jurema não é isso ai que eu quero dizer a vocês. É isso.

Mas esses processos curativos não se restringem a uma só pratica, nem a uma só planta medicinal, existem técnicas ocultas dentro dessas comunidades que vão além da cura física, elas ultrapassam os limites entre o que é possível e o impossível, dentre as distinções científicas das coisas, trazendo a cura do inacreditável. Esses povos vêm lutando contra as enfermidades espirituais constantemente, então essas curas são imprescindíveis ao cotidiano indígena, trazendo a importância da transmissão dessas técnicas ocultas para a nova geração e o uso delas na contemporaneidade.

Os rezadores, benzedores e pajés usam uma diversidade ímpar de elementos encontrados na natureza em seus rituais, atribuindo valores imensuráveis aos seus territórios, pois é dele que

são retirados esses materiais, então, os indígenas preservam por que vêem o território como uma extensão deles e o não-indígena destrói, porque sua visão de território é simplesmente capitalista, ou seja, o território é visto como terra que provém lucro e talvez nem os indígenas de outras etnias entendam esses processos. Somos diversos e usamos técnicas e materiais diversos para determinadas funções. A tranquilidade e o bem viver dos povos indígenas se dá através de seus territórios, porquanto possuem árvores frondosas com sombras que trazem paz e tranquilidade, onde os pensamentos se ajustam. Possuem seus rios que ao banharem-se, os despem de tudo que é ruim, os deixando limpos e leves tanto fisicamente quanto espiritualmente para enfrentar as batalhas diárias, assegurando-lhes as saúdes mentais tão buscadas pelos seres humanos.

O território originário do povo Xucuru kariri localiza-se em Palmeiras dos índios no estado de alagoas. Em 1985 esse povo se deslocou para Ibotirama (BA) em busca de terras mais produtivas para cultivá-las e melhorar suas vidas, infelizmente, não deu certo, pois as terras eram alagáveis e em épocas de cheia o rio São Francisco destruía suas casas, suas plantações e mais uma vez foram obrigados a migrar chegando ao município de Glória (BA), onde estão até hoje. O território Xucuru Kariri tem mais ou menos 39 hectares, constituído de 19 famílias com moradias e espaços comunitários, não tendo algumas plantas medicinais originárias do seu povo e nem com espaço suficiente para cultivá-las, tiveram que conviver com as que conseguiram encontrar, como diz Antônio José Sátiro do Nascimento:

Boa tarde aqui é o Antôio José Sati do Nascimento, daqui da aldeia Xucuru Kariri dando uma boa tarde pra vocês, ó é siguite, as prantas medicinal que a gente tem que eu sei do meu antepassados é o cajueiro, é a jurema, é o angico e o pau ferro, agora ai esse que vocês querem que é da pranta midicinalis qui de sombra de sombra de que sirva pra alimentação, rapaz aqui que só tem que a gente sabe mermo é o cajueiro é só o cajueiro as qui tia e palmeira dos índio no natural da gente da onde agente vêi umas tem aqui otas num tem ai arrente tem se servir com as que tem aqui com as pratas qui tem aqui é o que eu tem pra dizer pra vocês é isso é só o que eu tem pra dizer pra vocês.

As plantas medicinais estão inseridas nos nossos rituais, sua utilização varia de acordo com as necessidades do povo, algumas se destinam à proteção e produção de artesanatos, outras visam a cura de doenças, outras servem de alimentos, momentos de tranquilidade e lazer. A nossa cultura, portanto, é uma representação do nosso modo de estar no mundo, com os nossos costumes próprios, nosso território é espaço de referência à ancestralidade, temos lugares sagrados como o poró, onde realizamos nossos costumes, tradições e crenças.

Na comunidade temos três plantas que sempre utilizamos na nossa medicina: o cajueiro vermelho, a jurema e o alecrim de caboclo. Elas são utilizadas para tratamento e prevenção de doenças, é uma das formas mais antigas praticadas pelos os anciões da aldeia. Os Xucuru Kariri, mantêm até hoje a medicina tradicional, praticadas pelos antigos, que manipulam as plantas para a cura de enfermidades em pessoas da comunidade. Essa cultura milenar é de grande importância para nosso povo, pois alguns preferem usar a medicina tradicional que a medicina convencional, a maioria mantêm a cultura deixada pelos os antepassados, usando essas plantas medicinais em forma de chás, banhos, defumação e óleos que são usados em prol da saúde do nosso povo. As plantas medicinais são encontradas nos quintais das nossas casas e em outras dependências da comunidade.

foto: acervo da comunidade



O cajueiro, nome científico (*Anacardium Occidentale*), é uma planta da família Anacardiácea originária da região nordeste do Brasil. Na natureza existem dois tipos, o comum (gigante) e o anão, conhecido como cajueiro de seis meses. O tipo comum pode chegar a 20 metros e o tipo anão possui altura de quatro metros, é muito usado pelo nosso povo porque vem combatendo várias doenças. A parte da planta que mais utilizamos são as cascas e as entrecasas, mas o fruto e a castanha não são desperdiçados: o primeiro nós usamos para preparação de doces,

sucos e consumo i-natura, e a segunda nós consumimos assada.

Usamos a casca do cajueiro para fazer um chá e tratar diabetes, proteger o coração e reduzir os triglicerídeos, é também um excelente antisséptico, bactericida e bastante efetivo para tratar cáries dentárias. Como é adstringente, ainda trata o mau hálito e inflamação de gengivas. Outra propriedade do chá de casca de cajueiro tem a ver com seu efeito depurativo, pois é laxante e diurético.

De acordo com os mais velhos, o chá é preparado colocando as cascas em uma panela com água, levando-a ao fogo até atingir a fervura. Em seguida, cobre-se e deixa de repouso por alguns minutos, então são utilizados para os banhos de assento e lavagem de alguma parte do corpo com alguma enfermidade. O mesmo é usado no tratamento de doenças venéras (genitais), tais como inflamações no útero e infecções urinárias, para isso, o chá é realizado de maneira em que a mulher senta-se em uma bacia contendo o chá cozido e banha seus órgãos genitais. Outra forma de usá-lo é lavando as feridas em partes do corpo, por exemplo, na perna, onde serão curadas e cicatrizadas. A garrafada com água é feita colocando as cascas do cajueiro cortadas mergulhadas em água fria, já a garrafada com álcool é preparada semelhantemente, só substituindo a água por algum tipo de bebida alcoólica. A preparação do lambedor é parecida com o chá, feito também por cozimento, junto com o açúcar ou mel, até atingir o ponto.

Os cajueiros possuem uma grande copa e nós usamos sua sombra para fazer piqueniques escolares e rodas de conversas. A jurema é uma planta da família das leguminosas. Existem vários tipos de Juremas: Jurema Branca, Jurema Preta, Jurema da Pedra e Jurema Mirim. Esta planta tem muita importância no culto espiritual dos caboclos que habitam as regiões Norte e Nordeste do Brasil, tanto que dá nome a um culto chamado de “Culto à Jurema”. Esse culto deve-se ao fato de que os indígenas enterravam seus mortos junto à raiz da jurema. Daí passava a cultuar esses mortos para que eles evoluíssem espiritualmente e habitassem o tronco da jurema ajudando a todos da comunidade

em suas necessidades.

Muito antes da retirada da Raiz da Jurema, a pessoa indicada deve acender a Cealhá para encruzar a planta e a Raiz que será retirada e levada ao local do ritual. Chegando lá o povo já estará reunido e o escolhido (a) deve fazer a parte preparatória, extraindo a sua casca para que possa gerar o líquido, colocando um elemento muito importante para a vida do povo: a água, que será misturada com a casca da Raiz da Jurema para que nós, Xucuru Kariri, a utilizemos durante o ritual.

Para usar a Jurema, os mais velhos orientam fazer uma preparação psicológica e mental de todos, em um tempo determinado de 15 dias para que os moços e moças possam estar preparados para o grande ritual, ou seja, tem que estar puro e limpo interna e externamente, assim os mesmos podem conseguir um grande sucesso em sua vida pessoal e curar diversas doenças que se obtém em sua jornada enquanto indígena. Ao tomar a Jurema, eles podem alcançar o além, onde jamais andaram em suas vidas e receber seus dons indígenas. Os mais velhos nos ensinaram de acordo com os ensinamentos dos ancestrais, que até hoje existem em nossas vidas e nas vidas de muitos povos.

Com a Raiz da Jurema fazemos a produção de artesanatos como o cabo do Chicheá, mais conhecido como maracá, confeccionamos também o Cealhá, o arco e flecha e a buduna, pois sua madeira, além de sagrada, é muito resistente. A jurema é utilizada para tomar banho de descarga com suas folhas, serve como defumador para curar dor de dente, doenças sexualmente transmissíveis, insônia, nervos e dores de cabeça. Outras produções são as figas, os patuás, os rosários; utilizam-se para fazer rezas com suas folhas contra mau-olhado e olho grande; serve para fazer um dos maiores fundamentos do Culto à Jurema, que é uma bebida à base de infusão das folhas da jurema, com casca do tronco e da raiz misturado com mel de abelha, garapa de cana-de-açúcar e cachaça, essa é a bebida preferida dos Encantados que baixam no Toré e no Culto à Jurema.

A Jurema para nosso povo é uma planta muito importante, temos grande admiração e grande respeito por ela. Com essa planta nosso povo faz contato com o mundo espiritual, o indígena que vai realizar a retirada tem que estar espiritual, psicológica e fisicamente preparado.



Foto: Acervo da comunidade.

O alecrim de caboclo é uma planta que nós utilizamos nas práticas ritualísticas, o mesmo é uma planta com muitos benefícios, como o combate à tosse e à gripe. O chá de alecrim é conhecido pelo seu sabor, aroma e pelos seus benefícios à saúde como a melhora da digestão, o alívio da dor de cabeça e o combate ao cansaço frequente, além de favorecer o crescimento do cabelo.

Os mais velhos falavam que o alecrim é uma das plantas mais valiosa que existem na nossa cultura, os mesmos relatam que esta planta é eficaz em diversas situações de enfermidade humana.

Mas o alecrim serve pra mutas coisas: pra baio, pá limpeza do corpo quando a pessoa tá mei sujo e então faze chá do alecrim; pá quando a criança tá cum febre pra da aquela criança. O alicrim seve pra muitas coisa: pru baio, pá febre (quando a pessoa tá cum febre pode tomar um baio dele também), pá febre o aduto a criança que eu saba, só é isso ai (Antônio José Sátiro do Nascimento).

No entanto, em meados dos anos 1980, quando chegamos ao território Baiano, não tínhamos uma grande variedades de plantas medicinais, então, os mais velhos de cada família, quando saíam para pescar ou caçar, sempre encontravam plantas medicinais e traziam para a aldeia, e assim que chegavam à sua casa faziam o processo de muda. Assim aconteceu com alecrim, ele existe até hoje na comunidade, mas os mais velhos preferem fazer a coleta dessa planta nas proximidades da aldeia e nas ilhas do Rio São Francisco que também fazem parte das nossas vivencias, relatando que as plantas medicinais que existem dentro do território Xucuru Kariri foram trazidas de diversos lugares juntamente com as sementes, relatam também que as plantas que existiam na aldeia onde moravam em Palmeiras dos Índios, não existem nesse território, fazendo necessário esse trabalho de reflorestamento.

Todo esse processo de replantio de plantas medicinais no nosso território valeu a pena, pois o alecrim é muito importante para nossa comunidade, ele é utilizado para banho de descarrego, defumador, usamos a rapa da madeira para misturar junto com o fumo, para fazer o uso da fumada pessoal e para a realização de encontros ritualístico do povo Xucuru Kariri.

Além das citações dos mais velhos sobre o assunto, vale ressaltar que todos nós temos conhecimentos de manuseio de plantas medicinais, que os mesmos aprenderam com seus antepassados, e nós aprendemos com eles. As plantas medicinais que existem hoje no povo Xucuru Kariri são:

- A cidreira, servida em forma de chá para baixar a febre;
- A Quixabeira, que é utilizada a casca para inflação interna e externa do corpo;
- A Jurema de espinho;
- A Flor da Catingueira serve para dor de barriga e para infecção urinária;
- A Jurema preta;

- Aroeira serve para inchaço, inflamação e é utilizada a casca e serve também para banho utilizando a folha;
- A Vassourinha, que serve inflação;
- Angico serve para fazer a misturada para a prevenção de inchaço, inflamação e sarna;
- A Laranjeira, possui sua folha que é utilizada para calmante;
- O Cajueiro da casca vermelha;
- O Manjerição da folha verde e o Manjerição da folha roxa;
- O Capim santo, que serve fazer chá para baixar a febre e serve também como calmante;
- O Mastruz, que pisa junto com o leite e é servido para prevenir a gripe;
- O Alecrim de caboco, que serve para banho, defumador e outras utilizações pessoais e artesanais;
- O Limão, que serve para fazer chá, lambedor, suco e etc;
- A Dipirona, que é pisada a folha, faz o sumo e utiliza o líquido para dor de dente, dor de ouvido e diversas;
- Hortelã da folha grande e Hortelã da folha pequena, ambos servem para fazer o chá e lambedor para gripe;
- O Abacate, que é feito o chá e serve para dor de rim;
- O Quebra pedra, serve para dor de rim;
- Pra tudo, serve para dor de ouvido e é utilizada a folha feita o sumo líquido;
- O Boldo serve para diminuir a barriga inchada;
- O Noni serve para a prevenção da gastrite;
- Graviola serve para a prevenção do diabete e é servido o chá;
- Bonome serve para dor, inflamação e inchaço;
- O Carrapicho serve para o crescimento dos dentes de crianças em fase de crescimento e é feito o chá de (03) três raízes.

A medicina tradicional do povo Xucuru Kariri de Glória (BA) é muito diversificada e mesmo faltando algumas plantas medicinais do seu território originário, por não encontrá-las nesse novo território, existem ainda ramificações ocultas e sagradas, podendo mostrar nesse trabalho apenas um pouco dessa cura através da natureza, como descreve João Pedro de Correia (2021), ancião Xucuru Kariri com a sua experiência com plantas medicinais:

Boa noite, meu nome é João Pedro Correia, moro aqui na aldeia Xucuru Kariri. Olhe, eu te vou umas coisas que é e mente o uso dia-dia que o povo que me procura nos temo tobem uma fruta que ela muito usada dia dias que ela é um calmante e ela é relaxante as duas juntas, ela seve pra muita coisas que é a casca da uva e a casca do maracujá, intão a gente pega a casca do maracujá bota ela pá secar, quando ela está seca a gente corta ela em pedacio, bota no fogo pá seca e faz aquela faria. Intão junto com a casca da uva, intão é um calmante relaxante e serve até pá pessoa que tão com problema de depressão junto com o to mato que é os três junto, que é um que nós chama euva qui é de San João, os três junto são um santo remédio que é pra tirar qualquer pessoa que é de depressão, qualquer tipo que é de depressão que seja.

Mesmo com as mudanças bruscas de território e os desafios encontrados em cada um deles, o povo Xucuru Kariri se reinventou buscando formas de continuar com a sua ciência de cura, buscando através da cultura, da religião e da espiritualidade, a continuarem com o jeito próprio de ser e estar no mundo. Sabemos que as nossas bibliotecas vivas estão transcendendo, pois como todos nessa vida, as missões nesse plano vão sendo cumpridas. Tendo as necessidades de registrar a medicina tradicional, esses conhecimentos e saberes são importantes e precisam ser mantidos, registrados e respeitados por todos nós através das indicações, modo de preparo e manuseios das plantas medicinais adquiridos pelos anciões. Essas informações vêm sendo passadas de geração em geração, com seus rituais de cura, fazendo com que todos possam conhecer a utilização das plantas no seu dia a dia, para que se entenda o tratamento e a cura pela medicina indígena.



CONHEÇA UM POUCO MAIS!

TEXTO COMPLEMENTAR - CORDEL XUCURU KARIRI

Em toda parte da terra tem
Plantas medicinais
Desde o princípio da vida
Para os indígenas elas são
Essenciais
Algumas brotam até nos
quintais.

Em cada planta por certo,
Há algo pra se tirar.
Na raiz, na casca grossa,
Na folha em qualquer lugar.
Onde a gente põem a mão,
Na raiz ou no pendão
Tem substância pra dar.

Para gripe ou para o resfriado
Fazemos o chá do alecrim
Ele é muito indicado
E não é muito ruim.

Cada planta tem seus valores:
Boldo, Erva doce,
Têm poder sobrenatural
Capim Santo, Manjeriço,
O sabor é bem igual.

A Jurema Sagrada
É usada nos rituais,
Protegendo nosso povo
Com ajuda dos ancestrais

As plantas aqui citadas
São fáceis de encontrar
E não custam muito caro,
Qualquer um pode comprar

Para curar certas doenças
Que a vida vai lhe dando,
Use a força da natureza,
Igual ao povo Xucuru Kariri
Que sempre continuará buscando.

O PODER DA CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS DO POVO TUXÁ: LUTA, PRESERVAÇÃO E RESISTÊNCIA

foto: Camila Brandão



Um povo precisa da terra para se manter, os povos indígenas precisam da terra para viver, pois a terra é vida.

TERRA, NATUREZA E MEIO AMBIENTE

Os povos indígenas têm uma relação muito forte com a natureza. Para eles a natureza é sua mãe, por isso cuidam e têm um grande respeito por ela. Apesar de ainda não ter o nosso território, buscamos estar em constante relação com as matas onde praticamos nossos rituais, como também o cultivo de ervas e conservação de plantas sagradas para a sua ancestralidade. A comunidade Tuxá está em processo de demarcação de seu território ancestral, o D'zorobabé, porém os mais velhos orientam os mais jovens e as crianças sobre a importância da conservação das matas, plantas e seus significados. Orientam com cuidado para que essa tradição que vem de gerações passadas permaneça viva e não se perca. É preciso cuidar dessa matéria-prima para fazer os remédios que são utilizados no ritual, como em banhos para limpeza e proteção. Temos uma forte relação com as matas onde vivemos, pois sabemos de sua importância, ela é carregada de significados, desde o tempo dos brabos, pois os nossos ancestrais sempre lutaram em defesa de seus territórios, não por ganancia de terras, mais sim, pela relação e pela conservação da natureza de onde tiramos forças e buscamos cura para o corpo e o espírito.

Os povos indígenas tentam ao máximo cuidar e preservar o meio ambiente porque sabem que é dele que tiram o seu sustento, como também, a sua espiritualidade e cura. O povo Tuxá tenta contribuir da maneira que pode, sempre que estão na autodemarcação buscam cultivar o que há de mais sagrado para sua essência. A natureza é nossa mãe, ela é sagrada e precisa de cuidados. Nós somos natureza e respiramos natureza. É das matas que retiramos as ervas medicinais essenciais para manter viva a nossa cultura e tradição passadas pelos nossos ancestrais. Muitos de nossa comunidade têm hábitos de retirar das matas tudo que precisam para dar continuidade à sua existência enquanto povos originários.

Nos dias atuais, as relações dos povos indígenas variam de povo para povo, porém há algo em comum entre eles: a cosmologia indígena. Essa cosmologia envolve a natureza de tal forma que não importa se eles estão dentro da floresta fechada ou na mata da caatinga, a energia e ligação que possuem com a natureza é única, preservando e cuidando dela, porquanto a terra e a natureza para nós é vida, é quem nos carrega e nos dá a vida, é nossa mãe. Por isso, todos os indígenas costumam chamar a natureza de mãe.

Nossa comunidade vive atualmente num espaço muito pequeno, não temos terra para plantar, estamos na luta pelo nosso território sagrado, estabelecidos em uma área bem restrita, lá foi o nosso primeiro aldeamento. Apesar de ser uma área pequena, ainda existem fauna e flora nativas e estamos em defesa para que continuem vivas sem a interferência humana.

Os nossos anciãos acreditam mais na cura de doenças com as nossas ervas do que no próprio remédio de farmácia. A cultura Tuxá é muito forte e rica, se fortalecendo a cada dia com a chegada dos mais novos para perto dos mais velhos, a fim de conhecer melhor a sua identidade e o seu pertencimento. A nossa biblioteca viva (os mais velhos) é muito rica e precisa ser instigada e valorizada por nós para manter vivo o acervo dessas práticas tão importantes para a continuidade.

O nosso povo sempre usou as plantas para curar doenças do corpo e da alma. Os anciãos costumam dizer para as novas gerações “preste atenção no que eu falo porque quando a gente partir para os encantados vocês manterão viva a nossa história e darão continuidade”. É extremamente importante conhecermos nossas ervas medicinais, com isso podemos fazer bom uso delas sem precisar comprar remédios de farmácias que possuem muitos efeitos colaterais. Essas ervas, apesar de serem eficazes, são também uma ótima alternativa para tratar diversas doenças de forma natural.

Espia!
Onadze inetsokli?
(Você sabia?)



As crenças e tradições são passadas de geração em geração, os costumes e o modo de viver se formam na pessoa através da influência de seus ancestrais, até mesmo aquele remédio com várias plantas medicinais feito pelo seu avô, que cura qualquer tipo de doença. Às vezes, pensamos tão positivamente quando tomamos os chás que nos convencemos que irá surtir efeitos positivos, mesmo sem nenhum efeito comprovado, como é o caso de tratamentos apenas com plantas medicinais.

Boa parte das receitas de remédios das plantas vêm dos povos indígenas, que descobriram o poder delas, bem antes do Brasil “ser Brasil”. As plantas medicinais são usadas no tratamento de doenças e também para aprimorar a saúde das pessoas. As plantas e ervas são servidas geralmente como chá, contudo, devemos observar as indicações e maneiras de consumo.

Atenção: É importante saber que muitas plantas ou ervas fazem mal à saúde, bem como o consumo de chás em excesso. Por isso, não devemos fazer uso delas sem tomar cuidados ou buscar conhecimento prévio sobre as mesmas.

RITUAL DO PREPARO DA CURA



Foto reprodução: Yacunã Tuxá.

A cura obtida através das ervas deve seguir um ritual, desde a pessoa escolhida para a retirada da erva como também o seu preparo. O processo da cura se dá através dos rituais realizados em oferecimento à pessoa que se encontra enfermo. Para obter a cura primeiro a pessoa precisa ter fé nos encantos que vão ensinar os remédios, como também nos encantos a serem tomados e devem seguir rigorosamente as orientações deixadas no momento do ritual em favor da pessoa doente.

A pessoa doente deve se ajoelhar nos pés dos mestres e pedir em nome do Criador e das forças da ciência dos encantados sua cura. Depois de pedir a cura nos pés dos mestres espera o que eles vão dizer: se a pessoa merece ou não receber a cura. As vezes a pessoa sabe logo se vai ser agraciada com o tratamento da cura, outras vezes tem que esperar os mestres se manifestar e dizer (Fala do Pajé Armando Apako Tuxá).

As crenças do Povo Tuxá são pautadas na herança de nossos ancestrais, acreditamos nas forças da natureza regidas pelo Deus Criador, Kupadzuá (nosso pai), tendo o amparo dos nossos protetores que residem nas matas, nas águas, no fogo, no ar. Dentre as práticas ritualísticas que conservamos estão o toré, a ceia e a ciência.



Foto: Acervo da comunidade.

O Toré é uma manifestação pública e coletiva que todos os índios, sem distinção de idade nem sexo, podem participar. Nele nós dançamos, porque o Toré é uma dança, geralmente em duas fileiras onde os homens vêm à frente. Após o último homem, vêm as mulheres, ou então uma fileira de homens e outra de mulheres. Uma mulher não deve puxar um Toré, só em último caso, ou seja, se não tiver um homem para ir à frente. É um ritual embalado pelo assobio, pelo som dos cantos que é marcado pelo compasso do maracá e da pisada no chão. O maracá tem que acompanhar o som dos cantos e a pisada tem que acompanhar o balançado do maracá.

O Toré envolve mistérios, nos entrelaça aos elementos da natureza, a água, a terra, as matas, ao ar, ao fogo, e expressamos alguns sentimentos ao praticá-lo como costume deixado por nossos avôs e avós. Tata-se de um ritual sagrado para recepcionar visitantes, para festejar; para pedir bênçãos, para agradecer e para se fortalecer na luta. A Ciência ou Particular, costumeiramente, é praticada a cada quinze dias. É um ritual mais oculto que o toré. No passado, era restrito a apenas adultos, casados, homens e mulheres, já para os jovens e crianças, nem em sonhos. Hoje, devido às mudanças, os mais velhos já permitem pessoas mais jovens, que sejam de sua confiança, participem com o objetivo de aprenderem para darem continuidade a essa prática e se protegerem melhor das maldades do mundo.

A Ceia é praticada com maior rigor que a Ciência. É um ritual proibido para muitos, não é permitido a entrada de crianças, nem jovens. Somente os escolhidos podem participar, pois são ensinamentos sagrados que Deus nos deixou. São ensinamentos que não se aprendem através da oralidade, ninguém ensina a ninguém. Você é escolhido e responsabilizado a aprender apenas através da observação. Quando a promessa é a realização da ceia de carne, a pessoa deve criar a ovelha desde pequena e não deixar ela ter contato com nenhum animal do sexo masculino, essa ovelha tem que permanecer virgem até o dia que estiver pronta para ser ofertada. A oferenda com o mel é mais simples, a pessoa tem que fazer uma boa quantidade de mel para ofertar aos encantos e as pessoas que forem participar do ritual, a oferenda para os encantos tem um preparo especial, o que acontece no ritual da ceia não pode ser revelado.



Foto: Acervo da comunidade e ANAÍ

MAGIA E MISTÉRIOS

É no poder da fumaça
Que o pajé faz a cura
Chamando pelos seus guias
Que lhe traz toda energia
De curar o seu povo
Guiado pela magia

Seja qual for a doença
O pajé logo é chamado
Para invocar os espíritos
Que estão sempre ao seu lado
Transmitindo os saberes
Para os males serem curados.

O ritual da cura
É feito com devoção
E tem todo um preparo
Para obter proteção
Desde a retirada da erva
Num processo de defumação

Na mata ele tira as ervas
E faz logo um preparo
Que chamamos de munto
E no indígena ele é passado
Em forma de cruz no corpo
E desse mal será curado.

Autora: Elisabeth Apako Ca Arfér Jurum Carraté Tuxá)

As vezes, para obter a cura, o indígena tem que passar por todos os rituais, na realização do toré a pessoa doente convida toda a comunidade para irem dançar e cantar pedindo aos mestres encantados pela saúde dela ou também podem dançar pra agradecer a graça alcançada. No ritual da ciência ou particular, alguns indígenas são convocados a irem participar. Esse ritual é regido à base da jurema. O mestre da cabeceira da mesa faz uma cruz no caco da jurema, essa cruz é feita com a fumaça que sai do malaco (cachimbo), essa cruz que se firma na jurema revela o que está provocando a doença, se vai ter cura ou se precisa buscar outros tratamentos fora da aldeia.

No ritual do particular todos que fazem parte da mesa tomam a jurema para receber as forças dos gentios, os encantados chegam e rezam na pessoa doente, ensinam os remédios, os banhos que devem ser tomados e assim a pessoa fica curada. A ceia é um ritual restrito a poucas pessoas, ela é realizada para agradecer a benção, ou seja a graça alcançada. Quando a pessoa se encontra em dificuldade, seja qual for, faz-se o pedido aos encantos pra que lhes tire daquele aperreio, pra conceder a cura, esse pedido pode ser pra si ou pra qualquer outra pessoa. No momento do pedido a pessoa faz a promessa, se conseguir o que pediu, deve ofertar uma ovelha ou mel para pagá-la.

**Espia!
Onadze inetsokli?
(Você sabia?)**



A JUREMA: É uma planta sagrada que representa todos os Tuxá. Ela é utilizada desde os mais velhos na ciência a fim de nos dar entendimento das coisas, como também para nos fortalecer e nos dar sabedoria. Para tirar a casca da jurema e fazer a bebida utilizada nos rituais, é preciso todo um processo. É preciso pedir licença às matas e prosseguir com o ritual que todos que conhecem a ciência sabem e praticam no momento da retirada.

PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PARA REMÉDIOS E RITUALIDADE



Foto reprodução: Acervo da comunidade.

Nosso povo utiliza, no seu dia a dia, as plantas da natureza para tratar algumas enfermidades do corpo e da alma. Essas plantas são: jurema, angico, pau ferro, marmeleiro, juazeiro, quixabeira, jatobá, pião barrigudo, junco, tipi, muricizeiro, velande, umburana, pau de besta, manjerição da folha miúda, alfavaca, quebra-pedra, arruda, aroeira, catingueira, faveleira, cansanção, mastruz, salsa branca, batata de purga, marcela, capim santo, capim limão, babosa, pião roxo, liamba, alecrim, dentre outras que temos que comprar como anil estrelado, pindaíba, puxuriam, nanoscada, pimenta de macaco, pois não fazem parte da nossa caatinga.

Essas ervas são utilizadas nos rituais do nosso povo como também nos banhos de limpeza do corpo, que chamamos de banho de descarrego. Na crença do nosso povo, acreditamos que quando tomamos um banho de descarrego retiramos as más energias que o nosso corpo acumula ao longo dos dias, após o banho nos defumamos para consagrar o banho e afastar as forças negativas que rondam o nosso corpo. Seus usos fitoterápicos são reconhecidos por pesquisadores e entidades científicas como sendo eficientes e com ativos químicos que, inclusive, fazem parte de diversos medicamentos comercializados e utilizados de forma ampla em nossa medicina convencional. Os conhecimentos sobre a utilização das plantas medicinais tem um valor histórico e cultural para os povos indígenas. Saber utilizar essas plantas nas diversas situações do cotidiano das comunidades e nos rituais de cura fazem parte da sabedoria de cada povo indígena.

Para o nosso povo Tuxá, a relação com as matas e com as plantas medicinais sempre fez parte de nossa vivência. No território antigo, desde criança aprendíamos o valor de cada uma delas. Era observando e aprendendo com os anciãos que as crianças e jovens tinham conhecimento da sua importância e utilidade. Era raro que recorrêssemos a medicamentos industrializados, pois muitas doenças eram sanadas através de chás, “lambedores”, banhos e rezas em que utilizávamos as plantas facilmente encontradas nos nossos quintais, ou na caatinga. A mata ciliar que havia no Rio São Francisco antes da inundação da Velha Aldeia era rica em biodiversidade, contendo plantas medicinais que faziam parte do cotidiano do Povo Tuxá e a facilidade em encontrá-las e de utilizá-las para as diversas finalidades possibilitava um vasto conhecimento sobre elas por todos os membros da comunidade, mas, infelizmente, a perda do território nos trouxe consequências devastadoras, pois muitas espécies de plantas nativas, que eram usadas no cotidiano de nossa comunidade praticamente desapareceram ou estão em extinção. Hoje, muitas delas só são possíveis de serem utilizadas se compradas na feira livre da cidade ou adentrar em propriedades particulares dos não-indígenas. Mesmo com toda devastação e desmatamento ocorrido nos arredores da aldeia, muitos membros da comunidade mantêm seus acervos de ervas medicinais nos

muros, quintais e praticam a medicina fitoterápica. Atualmente, é muito importante conhecer as propriedades medicinais das ervas, pois elas são uma ótima alternativa para tratar diversas doenças de forma natural. Para isso, é fundamental que você conheça as plantas medicinais do seu povo e suas funções, uma vez que elas apresentam muitos benefícios e podem ser úteis para inúmeros casos. Dessa forma, apresentaremos algumas plantas medicinais do nosso Povo, demonstrando como elas são usadas para o combate de doenças e melhorias.

SABERES COMPARTILHADOS

Na língua Dzubukuá Tuxá chamamos de “wanadzi” o remédio preparado com especiarias medicinais cultivadas em quintais e coletadas na natureza para o tratamento dos males do corpo físico e do espírito, sua eficácia está intrinsecamente ligada à fé de quem prepara e de que faz uso desses preparos. Esses conhecimentos, produzidos nas relações ancestrais com a natureza, através de experimento e observação, são acumulados e compartilhados entre os Tuxás ao logo de gerações. Assim, seguem alguns saberes compartilhados pelas indígenas Tuxá Maria das Graças Jurum Tuxá (Gracinha), Auxiliadora Jurum Tuxá (Dora) e Maria do Socorro Arfer Jurum Tuxá (Tia Corro).



GRACINHA JURUM TUXÁ
Foto: Angélica Jurum Tuxá.



DORA JURUM TUXÁ
Foto: Magabi Matos.



M^a DO SOCORRO ARFER JURUM
Foto: Itaciana Tuxá.

WANADZI À BASE DE ALECRIM, MALVA- SANTA E HORTELÃ

PARA QUE SERVE: Curar gripe e febre.

COMO PREPARAR: Cozinhar as folhas com açúcar; deixar apurar até virar mel.

COMO USAR: Usar como xarope.

QUANDO TOMAR: Tomar duas vezes ao dia (pela manhã e a noite).

WANADZI À BASE DE AZEITE DE MAMONA

PARA QUE SERVE: Curar dor de cabeça e passar nos cabelos.

COMO FAZER O AZEITE: O azeite era feito da semente da mamona:

1º- passo: pisava as sementes no pilão, depois colocava no fogo, até transformar em óleo; quando soltasse a gordura tirava o óleo por cima com uma pena;

2º- passo: colocava no fogo novamente para apurar; quando estivesse no ponto colocava água de cheiro para afinar; colocava em uma vasilha em cima do telhado para pegar sol e concentrar o cheiro.

O azeite tinha duas utilidades: puro é para dor de cabeça e com água de cheiro servia para passar no cabelo (essa receita era feita pela mãe de Tia Corro, Josefa).

COMO USAR: Misturar as folhas de oliveira e pião roxo maceradas com o azeite e colocar na testa com um pano (faixa).

WANADZI À BASE DE FOLHA DE VELAME

PARA QUE SERVE: Para quem já deu derrame ou infarto e ficou com alguma sequela.

COMO PREPARAR: Fazer um chá com as folhas de velame maduras.

COMO USAR: O chá pode tomar com açúcar e sem açúcar, pode passar no rosto também.

QUANDO TOMAR: Uma vez por dia.

WANADZI À BASE DE IMBURANA DE CHEIRO

PARA QUE SERVE: É indicado para má digestão (comida que fez mal).

COMO PREPARAR: Pisar as sementes da umburana de cheiro; depois colocar em uma xícara com água quente, deixar esfriar e tomar frio.

WANADZI À BASE DE JUNCO - PAU FERRO - JATOBÁ

PARA QUE SERVE: Fazer lambedor para curar gripe.

COMO PREPARAR: Pisar tudo no pilão; colocar para cozinhar com açúcar e deixar apurar; depois de pronto coar e colocar na garrafa.

QUANDO USAR: Tomar uma vez por dia.

WANADZI À BASE DE CASCA DE JUAZEIRO

PARA QUE SERVE: É indicado para curar gripe.

COMO PREPARAR: Cozinhar as folhas

COMO USAR: Para banho e/ou lavar a cabeça; se preferir beber, deixar a casca do juazeiro de molho.

WANADZI À BASE DE MELANCIA DA PRAIA

PARA QUE SERVE: Curar gastrite.

COMO PREPARAR: Cozinhar as folhas e sementes para beber o chá.

WANADZI À BASE DE CABACINHA, ARRUDA E ALCRIM DE CANTEIRO COM ÁLCOOL

PARA QUE SEVE: Para melhorar da sinusite.

COMO FAZER: Pisar o arruda e o alecrim para misturá-los com a cabacinha.

COMO USAR: Fazer inalação.

WANADZI À BASE DE JATOBÁ

PARA QUE SERVE: É indicado para o pulmão.

COMO PREPARAR: Cozinhar a casca e tomar batida com leite.



CONHEÇA UM POUCO MAIS!

TEXTO COMPLEMENTAR CONTO: A ORIGEM DA JUREMA



Foto: Vilma Dantas.

Nos tempos da criação do mundo, quando a terra contava tantos anos quanto os dedos de uma mão possam contar, o bom Padzú (Tupan, Deus) andava pelas matas contemplando a sua criação, visitando as aldeias de todos os povos indígenas que havia criado e que habitavam sob o céu azul. O Grande espírito Padzú andava pelas aldeias na forma de um grande guerreiro, de cabelos e olhos negros, muito belo e de grande porte, usando uma cataiôba que vinha da cintura até os tornozelos, em seu ombro pendia um grande aió de caroá ornado com penas vermelhas e brancas, no pescoço lindos colares de sementes das mais diversas cores e formas, dando várias voltas como o abraço da serpente, o rosto belo e de expressão amável era delicadamente pintado de jenipapo e urucum, na cabeça, trazia um grande cocar com penas das mais variadas aves, trazendo as cores e o brilho do arco-íris.

Certa vez andando pela região banhada pelo grande rio Opará, encontrou um povo que habitava as ilhas e os territórios na margem do grande rio. Chegando na aldeia foi alegremente recebido por aquele povo indígena, que os não-indígenas mais tarde chamariam de “Rodeleiros” (e nós nos auto afirmamos como o etinônimo Tuxá). Ali ele ensinou a arte das matas e dos rios, o respeito com a caça e com a pesca, ensinou a plantar e a colher, a tradição do toré, ensinou aos seus filhos a fazerem a cataióba, a traduzir elementos das matas e das águas nas mais distintas formas, a tirar o preto do jenipapo e o vermelho encarnado do urucum para que pudessem tingir seus corpos, exaltando a beleza e a força de seu povo.

Padzú permaneceu na aldeia por um tempo, ensinando tudo o quanto era bom, ali ele estava feliz e se alegrava com cada saber que passava para seus filhos, e o nosso povo estava muito feliz com a presença de tão forte e sábio guerreiro. Entretanto, chegou o dia em que Padzú precisava partir em sua jornada, todos choravam com sua partida, então ele reuniu todos no centro da aldeia e ao reuni-los, através de sua essência, por saber tudo que já foi, tudo o que é e que ainda irá vir a ser, viu que esse povo seria perseguido, agredido e que teriam suas terras roubadas, que passariam pelas piores situações até o dia em que seriam finalmente felizes como nos tempos em que Padzú esteve em sua aldeia. Então, retirando uma pequenina semente de um de seus colares, entregou a um dos indígenas e pediu a ele que colocasse na terra e que pingasse uma gota de água. Feito isso, logo a semente germinou e foi crescendo devagar até se tornar uma árvore, nesse momento o grande espírito Padzú disse:

— Essa é a Jurema, essa será sua árvore sagrada, é dela que vão retirar todo o saber do agora e do que ainda será, dela vocês vão retirar todo o saber e o poder para curar as doenças do corpo e da alma, é dessa árvore sagrada que sairá a defesa do seu povo, com ela aprenderão a guerrear pelo que é de vocês e pelos seus. Dias de dificuldade surgirão, batalhas serão travadas, muitas delas perdidas, mas ao aprender e cultivar a Jurema, serão como sua

semente, mesmo tão pequenina, colocada na terra mais árida, com uma gota d'água consegue brotar, vencer a dureza do chão, crescer, fincar raízes, virar tronco e virar rama, sejam vocês firmes e fortes, assim vão crescer e florescer em meio as tantas adversidades que o futuro lhes reserva.

Assim, antes de dizer adeus, como gesto de amor e bondade, criou o reino dos encantos e seus habitantes, as forças das matas, das águas, das montanhas, do ar, de tudo aquilo que é belo e puro, que tem força e fortalece aquele que crê, criou também o salão de ouro, para todo aquele que percesse na luta por seu povo tivesse descanso, brincando com os seus num grande toré, reencontrando entes queridos e podendo continuar ajudando seu povo, mas agora protegendo e guiando os passos dos guerreiros que ficaram, para que possam vencer todas as batalhas com a benção do bom pai Padzú.

**“Oí lá no alto da Jurema
Oí já mandaram me chamar
Oí tomba jurema, retomba para levantar...”**



arte: Juliana

TEXTO COMPLEMENTAR

POEMA: PLANTAS SAGRADAS

Para o povo Tuxá
As plantas medicinais
Desde o princípio da vida
São tidas como vitais
Entre pedras e pedregulhos
Brotam em todos os locais

Nas belas ilhas que tinham
Essas ervas eram encontradas
Nas encostas das ilhotas
O junco era erva farta
Pra curar as doenças
Seja das águas ou das matas

Em cada planta nativa
Usada pelo povo Tuxá
Seja folha, ou seja a casca
Ou a raiz para curar
Usamos a sabedoria
Na hora de retirar

Pra retirar uma erva
Se faz todo um preparo
Pedimos licença as matas
Para sermos abençoados
E com o poder daquela erva
Da doença ser curado

O território dzorobabé
Estamos a preservar
Pois é um dos lugares
Onde podemos encontrar
As plantas medicinais
Usadas pelos Tuxá.

Autora: Elisabeth Apako Ca Arfér Jurum Carraté Tuxá

GLOSSÁRIO

A depois: depois, em seguida.

Adubo: resíduo de origem vegetal, animal e mineral que serve para aumentar a fertilidade do solo.

Agrotóxicos: produtos químicos usados no combate e prevenção de pragas agrícolas e na fertilização do solo.

Aió: bolsa de caça trançada de fibra de caroá, usada também pelo indígenas para transportar cachimbo, maracá e outros itens específicos de sua cultura.

Ajunta: mistura-se.

Antepassados: gerações passadas.

Apestada: apertada.

Apreguenta: algo que cola, prega, gruda.

Aquosa: relativo a água.

Arame asteado: arame colocado em linha reta.

Arenoso: é constituído de areia.

Armazenamento: ato ou efeito de armer, de reter ou guardar.

Arrancar: desprender, desenraizar.

Arrente: A gente.

Arrochar as carnes: apertar, comprimir-se.

Artelão: hortelã.

Arueira: aroeira.

Banhe: banho.

Banho de acento: são cascas cozidas de plantas medicinais que depois de separadas, o líquido é usado pelas mulheres que o colocam em uma bacia grande para sentarem dentro.

Banho de descarrego: quando o nosso corpo está carregado espiritualmente o bando de descarrego retira todo esse peso.

Bata (bater): retirada dos grão de feijão e de milho.

Batata de umbuzeiro: nódulo encontrado na raiz do imbuzeiro contendo poupa e líquido.

Bombas: motores.

Borná: bolsa artesanal usada a tiracolo para levar objetos.

Brabis: Refere-se aos povos originários; Antigos Kariri.

Butina: forma como os mais velhos chamam a botina.

Cabaceira: árvore de médio porte que produz frutos com formato arredondado, de cabaça de cor verde e dentro do fruto é branco e preto. É uma planta de fruto que serve para fazer os maracás e cresce aproximadamente de 4 a 5 m de altura.

Caçar: objeto feito de cipó para colocar ou transportar utensílios de um lugar para outro em uma cangalha.

Cambão: peça artesanal feita para colocar em animais.

Canoa: transporte fluvial.

Canteiros: porção de terra em forma retangular destinados ao plantio de hortaliças.

Carunchos: bichinhos de feijão.

Cativeiro: gaiola ou lugar completamente fechado usado para criar animais.

Cealhá: cachimbo.

Chanduca: pequeno cachimbo de cabeça geralmente em forma de cilindro cujo fumador é reto e, batizado ou não, serve para pequenas fumadas.

Coletar: ato ou efeito de recolher; recolhimento.

Consumidor: aquele que adquire mercadorias, riquezas e serviços para uso próprio ou de sua família; comprador; freguês; cliente.

Copa: parte mais alta de uma árvore.

Crauí: na língua kiriri significa “Caroá”, planta do cerrado baiano de pequeno porte em forma de palmeira com espinhos, coletado para fazer peças de vestes da cultura indígena, artesanatos e também para outros fins na cultura. É uma planta do sertão muito utilizada na produção de artesanatos indígenas.

Cua: coar.

Cumatá: espécie de peixe do Rio São Francisco.

Cunzinhar: cozinhar.

Docrí: encanto espiritual que protege os índios.

Em riba: em cima.

Embira: planta nativa; é o nome de uma árvore que os indígenas costumam extrair a fibra (casca) para fazer seus artesanatos.

Encruzar: consiste em virar o cachimbo aceso ao contrário e soprá-lo jogando fumaça em algo ou alguém em forma de cruz.

Enfermidades espirituais: doenças causadas por espíritos.

Escangotado: algo que foi quebrado.

Estercos: fezes bovinas e/ou caprinas.

Estrovenga: instrumento de dois gumes que serve para roçar o mato.

Fartura: muitos alimentos na mesa em grandes quantidades.

Fécua: amido extraído das raízes e tubérculos.

Fibra: fita natural retirada da palha do crauá (caroá).

Folguedos: são pessoas ao redor de uma dança.

Fumada pessoal: quando usamos as ervas medicinais misturadas ao fumo para uso pessoal.

Garrafada: remédio feito de plantas medicinais que é colocado em uma garrafa e usado no dia a dia.

Gurutuba: variedade de feijão.

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Imbé: é uma fibra tirada da palha da licurizeira que é muito conhecida como “Coquinho do sertão” e é utilizada na produção de artesanatos indígenas kiriri.

Insumo: matéria-prima.

Iscoimento: corrimento.

Jenipapo: fruto do jenipapeiro, serve para fazer licores e sucos, também pode ser utilizado para a pintura corporal indígena, com duração de 15 dias.

Junta: misturado(a).

Jurema: pode ser tanto a raiz da jurema quanto o vinho feito da mesma.

Kiri: nome de uma árvore a partir da qual se denominou o nome “kiriri”.

Lambedor: bebida viscosa feita com ervas medicinais misturada com açúcar ou mel, muito utilizada na cura de enfermidades das vias aéreas.

Lâminas: pedaço de metal.

Licuri: é o fruto da Palmeira do sertão, o qual é chamado Licuri (Coquinho do sertão), utilizado na alimentação e produção de artesanatos.

Malva: planta de médio porte com folhas aveludadas e coloração verde clara que produz fibra com brilho natural para a produção de peças de vestes culturais.

Manejo: forma adequada de realizar determinadas atividades.

Maracá: instrumento de toque que emite sons, usado para acompanhar os toantes na hora dos rituais de toré.

Marco: local marcado com um objeto longo de ferro, enterrado nos pontos de encontro de demarcação do território kiriri.

Mascorada: esfregada; machucada com a mão para tirar o sumo sem ferver o banho.

Massaranduba: local de terras montanhosas altas, com muitas árvores e vegetação.

Maturidade: uma forma adulta ou amadurecida.

Mau-olhado: energias negativas transmitidas por pessoas carregadas negativamente que deixa outras pessoas doentes.

Meizinhas: são banhos; remédios naturais.

Mês fino: na língua indígena kiriri de conhecimento passados por anciões, quer dizer “Mês sagrado e de vocação, de respeito e de resguardo com a natureza e os seres vivos que nela habitam”; respeito à naturalidade dos encontros.

Miúdos: crianças maiores e crianças de colo.

Mói: uma certa quantidade.

Moio: escrita na grafia correta “molho”, é o conjunto de objetos: palhas, madeira, etc.

Molhação: irrigação; sistema de irrigar.

Moringa: objeto de barro utilizado para colocar água para beber.

Mutirão: adjuntório; batalhão; junta de pessoas.

Nossos tempos: quando a mulher está menstruada.

Olho-grande: inveja.

Opará: rio mar, velho chico: Rio São Francisco.

Orgânico: que não tem adição de produtos químicos.

Os picos: localidade onde moravam alguns índios antes da retomada.

Pará: caldo temperado com sal, pimenta do reino e cebola, com ovo caipira e um pouco de farinha.

Patuás: amuletos de proteção produzidos com elementos que repelem o mal.

Pé de pau: árvore.

Pé de serra: área que fica abaixo da serra.

Piquete: suporte de madeira em posição oposta, um no lado direito e outro no lado esquerdo para amarrar um arame em linha reta/demarkar o traçado de um terreno, uma estrada, etc.

Pirografado: gravação de em algo com ferro quente.

Poró: local onde se realiza os rituais ocultos.

Primeira noite: dia em que os indígenas de todas as comunidades se reúnem para festejar.

Rapar: tirar com algum instrumento, ferramenta ou mesmo com as unhas, o que é supérfluo ao rés de uma superfície.

Roça: plantação.

Saudavi: saudável.

Sepeirar: arrancar uma planta ou erva pela raiz.

Silagem: ração para animais.

Tanga: veste produzida com fibras de crauá e que é usado na prática do ritual cultural, o toré.

Timbó: planta de pequeno porte com folhas em formato de coração, suas ramas são cipós com características de plantas parasitas que também produzem cipós, utilizados para a produção de artesanato.

Toantes: são as rezas, as canções, os sons e as letras que os encantos ensinam aos indígenas e são cantadas durante o toré.

Toré: dança acompanhada pelos toantes.

Tubérculo: parte grossa de um caule que cresce debaixo da terra.

Tupã: significa “Deus” em tupi guarani.

Urucum: fruto vindo do urucuzeiro de cor avermelhada, usado como coloral para dar cor a carnes e também serve para pinturas corporais indígenas.

Vazante: quando o rio seca.

Vestigial: estrutura que perdeu a função e atrofiou, passando a desempenhar outra função.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. Uma nova extensão para a agricultura familiar. *In: Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília, DF, Anais, 1997, p. 60 a 79. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/55/pdf>> Acesso em: 10 de out. 2023.

ALMEIDA, Elson Pereira de; VIDAL, Maria Rita. **Impactos Ambientais Ocasionalmente pela Implantação dos Grandes Projetos na Terra Indígena Mãe Maria no Estado do Pará/Brasil**. III Encontro de Pós-Graduação, 2018. Disponível em: <https://epg.unifesspa.edu.br/images/Artigos/EPG_2018/Elson-Pereira-de-Almeida-.pdf>. Acesso em: 2021.

ALTAFIN, Iara. **Reflexões Sobre o Conceito de Agricultura Familiar**. 2007. Disponível em: <<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>> Acesso em: 04 de mai. 2021.

ANDRADE, Ugo Maia. **Tumbalalá**. Povos Indígenas no Brasil, 1998/2001. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tumbalal%C3%A1>>. Acesso em: 30 de mar. 2021.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Os Kariris de Mirandela: Um Grupo Indígena Integrado**. Estudos Baianos nº 6. Salvador: Universidade Federal da Bahia. 1972.

BARBOSA, Flávia Rabelo; SILVA, Cherre Sade Bezerra da; CARVALHO, Germana Karla de Lima. **Uso de inseticidas alternativos no controle de pragas agrícolas**. Petrolina, PE: Embrapa SemiÁrido, 2006. Disponível em: ><file:///C:/Users/TAYRA%20-%20GESTORA/Downloads/SDC191.pdf><. Acesso em 25 out. 2023.

COMPANHIA Hidrelétrica do São Francisco-Chesf. **3º Relatório de Acompanhamento Mensal**. RT DORH 017, out. 2013. Disponível em: <<https://www.chesf.com.br/SistemaChesf/StyleLibraryCanal/GestaoRecursosHidricos/anteriores/RTDORH0172013.pdf>> Acesso em: 2021.

CORTÊS, Clelia Neri; MOTTA, Erimita (Org.). **História da reconquista de Mirandela**: projeto de formação para o magisterio indígena na Bahia. Brasília - DF: MEC/SEF/UFBA, 2000. 38 p.

CULTIMAR. **Recursos Naturais na Vida Caiçara**. Curitiba: Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais. Universidade Federal do Paraná, 2008.

CUNHA, José Edézio da ; ROCHA, Anderson Sandro da; TIZ, Greicy Jhenifer; MARTINS, Vanda Moreira. Práticas pedagógicas para ensino sobre solos: aplicação à preservação ambiental. v. 9, nº 2. Campinas, SP: **Terrae Didática**, 2015. p. 74–81. DOI: 10.20396/td.v9i2.8637395. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637395>. Acesso em: 2021.

GASPAR, Lúcia. Medicina popular. **Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco**, Recife, 18 de jul. 2003. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

HOSKEN, Fábio Moraes; SILVEIRA, Ana Cristina da. **Criação de Cutias**. Coleção animais silvestres, , 1º ed., vol. 4. Viçosa, MG: Aprenda Fácil Editora, 2002. 234 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Atlas do Espaço Rural Brasileiro. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101773>. Acesso em: 25 out. 2023.

ISPAN - Instituto, sociedade, população e natureza. Fauna e flora

caatinga. **Caatinga**. Disponível em: <<http://www.cerratinga.org.br/caatinga/fauna-e-flora/>>. Acesso em: 19 de jul. 2021.

LÉRY, Jean de. **História de uma viagem feita à terra do Brasil**. Tradução de Tristão de Alencar Araripe. Rio de Janeiro: J. Leite, 1889. 371p.

MAGALHÃES, Karla do Nascimento; BANDEIRA, Mary Anne Medeiros; MONTEIROS, Mirian Parente. **Plantas medicinais da caatinga do nordeste brasileiro: etnofarmacopeia do Professor Francisco José de Abreu Matos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. Disponível em: < https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/54867/1/2020_liv_knmagalhaes.pdf >. Acesso em 2021.

MARQUES, Juracy. **A Ecologia de Freud: Ecosistemas da Natureza Humana**. 1. ed. Paulo Afonso: SABEH, 2017. v. 1. 194 p.

MARQUES, Juracy. **As caatingas: debates sobre a ecorregião do raso da Catarina**. Paulo Afonso: Fonte viva, 2007.

MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (Org.); TOMAZ, Alzeni (Org.). **Tumbalalá: Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**. 1. ed. Manaus, AM: UEA Edições, 2011. v. 4. 11p. Disponível em: ><http://novacartografiasocial.com.br/download/04-tumbalala/><. Acesso em: 25 out. 2023.

MORI, Claudia de ... [et al.], editores técnicos. **Trigo: o produtor pergunta, a Embrapa responde – Brasília, DF: Embrapa, 2016, Coleção 500 perguntas, 500 respostas**. 309 p. Disponível em: ><https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/140900/1/ID43612-2016LVTrigoCap3.pdf><. Acesso em: 25 de out. 2023.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,

Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

PRINTES, Rafaela Biehl. **Território e territorialidade:** revisando conceitos diante da complexidade da sociodiversidade. Artigo científico: Unisinos. Disponível em: <<http://repositorio.unisinos.br/ihu/v-seminario-observatorios/27-printes-territorio-territorialidade.pdf>>. Acesso em: 27 de jul. 2021.

SANTOS, Gregório Tadeu Bonifácio dos; VIEIRA, Salete. **A Relação do Turismo e Artesanato na Aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha - Santa Cruz Cabrália - Bahia.** Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112292.pdf>>. Acesso em: 27 de jul. 2021.

SILVA JÚNIOR, Roberto Donato da. **Etnoconservação e o Conceito de Relações de Poder:** Apontamentos teórico-metodológicos. Cadernos de Campo, 2009. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2020/4826-1587819027.pdf>> Acesso em: 19 de jul. 2021.

TALARICO, Elaine Teresa; FREITAS, Pedro Luiz de. **Minha terra meu futuro.** Educação ambiental, 3º ed., revista atualizada. Brasília DF: Embrapa, 2014. Disponível em: <<http://livimagens.sct.embrapa.br/amostras/00054120.pdf>>. Acesso em: 2021.

TOMÁZ, Alzeni; CHAVES, Carlos Eduardo; TEIXEIRA, Emília; BARROS, Juliana; MARQUES, Juracy; SCHILLACI, Manuela; FELICIOTTI, Martina; TUXÁ, Sandro; TUXÁ, Uilton. **Povos Indígenas do Nordeste Impactados com a Transposição do Rio São Francisco.** 2017. 66 p. Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2017/11/relatorio_impactados-transposicao-sao-francisco.pdf. Acesso em: 2021.

WENDLAND, Adriane; JUNIOR, Murillo Lobo; FARIA, Josias Correa de. **Manual de Identificação das Principais Doenças do Feijoeiro-Comum.** Brasília, DF: Embrapa, 2018. Disponível em: ><file:///C:/Users/TAYRA%20-%20GESTORA/Downloads/CNPAF-2018-ManIdentDoenFeijao.pdf><. Acesso em 25 out. 2023.

NOTA DA ORGANIZAÇÃO

As fotografias aqui expostas fazem parte do acervo pessoal ou da comunidade/artistas presentes no trabalho, se de terceiros, estão referenciados em sua legenda.

VIAOS DA
VIVOS DA
VIVOS DA
VIVOS DA

REALIZAÇÃO:



LICEEI
Licenciatura Intercultural
em Educação Escolar
Indígena



PEDIND
Licenciatura em Pedagogia
Intercultural e Indígena



PARCEIROS:



SECADI
Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização,
Diversidade e Inclusão

